



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO EM ESTUDOS DA RELIGIÃO
Especialização: Ética Teológica

CRISTINA DO AMARAL

**Ética e Teologia da Mobilidade Humana:
Migrantes e Refugiados na Fronteira da Vida.**

Dissertação de Mestrado sob orientação de:
Prof. Doutor Jorge Teixeira da Cunha

Porto
2024

Não amar o migrante e o refugiado, segundo o amor de I Coríntios 13, é negar, bater de frente com o amor de Deus, pelo mundo, evidenciado em João 3,16; é negar o amor de Deus, por nós próprios, é remar contra a maré do Divino, contra o amor divino; é resistir ao amor normativo de Deus. É negar a responsabilidade ética cristã, é não assumir o chamamento de amar o próximo como a nós mesmos. Assumir o chamamento, é, nos permitir ser ponte, ser instrumento de Deus, pois « O grito do migrante move as entranhas de Deus, que não pode se manter indiferente, imparcial».

AGRADECIMENTOS E DEDICATÓRIA

Não há como não agradecer; minha gratidão.

Ao Deus todo-Poderoso, que não cansa de confiar em mim, que me abençoou com o mandato de ser migrante no Brasil, na África e na Europa.

Ao Prof. o Dr. Jorge Teixeira Cunha por ter aceitado orientar este trabalho, com satisfação, paciência, prontidão, alegria, respeito e abertura em me fazer crescer, para melhor servir.

Ao amado, Jolidy Dweh Towah, o noivo, o refugiado, o migrante, interno e externo, que me ensina todos os dias o outro lado da migração e dos refugiados, o desejo e o preço de cruzar fronteiras, as impossibilidades, a realização de chegar.

A prima, Prof^a. Divina do Amaral, que me apontou este caminho, o da Migração.

A amiga, Pedagoga Sílvia F. Santos António, que somou gentilmente com a tarefa do olhar geral, da reorganização e outras contribuições imprescindíveis, a de me apresentar o Prof. Dr. Vagner Moura, um ajo de Deus.

A Primeira Igreja Baptista Adoração e Vida, que me recebeu e me consagrou pastora, não fazendo diferença, em eu ser uma migrante externa. Tenho a alegria de vos pastorear.

Aos imigrantes, emigrantes, e refugiados, que me escolheram como sua pastora em Portugal, Brasil, Alemanha, Bélgica e Libéria.

Ao pastor Almir Marcos Mauruto e à Igreja Batista Adoração e Vida de Santo André, SP, Brasil, que me enviaram para o contexto de imigração, com a missão de apresentar Jesus Cristo, o migrante, o refugiado, que faz diferença, para eternidade.

Ao pastor Luís H. Paulino e à Igreja Batista Luz para o Caminho.

A pastora Tehinna H. F. Silva e a Missão Jesus às Portas.

A Faculdade de Teologia, a UCP e a DGES, por somarem comigo nessa conquista.

Aos colegas seminaristas UCP, que foram incansáveis em me fazer sentir em casa; destaco Afonso Dumbo, Fabiano Sacalukango e Rosário Sangenge, imigrantes por amor a causa de Jesus de Nazaré.

A Dra. Concepción G. Poza e família, Dr. Sertório Manuel Timóteo, Hector A. N. Bustos e família e, Cristiano e Magda.

Não há como não dedicar! minha dedicatória.

Aos autóctones da PIBAV de Portugal.

Aos emigrantes e imigrantes da PIBAV de Portugal.

Aos autóctones da IBAV de Santo André, Brasil.

À Mônica S. Amaral (in memória) minha mãe, a mulher que optou pela migração regional a fim de permitir que eu nascesse. Gratidão por me amar ao ponto de deslocar-se, gratidão por pagar o preço de cruzar fronteiras a fim de contemplar o meu rostinho, ouvir meu chorinho e me ter em seu colo.

Ao meu “Papy” (in memória) e minha “Mamy”, Celso e Regina Pontes, que abriram suas fronteiras, para me receber, para cuidar de mim.

Aos imigrantes forçados, pela fome, pela violência, pela discriminação, pelo credo, pelo gênero, pelas guerras, pela religião, etc., a ausentar do seu espaço.

Aos refugiados de guerra, que sem opção, cruzam fronteiras regionais e internacionais todos os dias. Aos mestiços, oriundos da união desses migrantes, refugiados e autóctones.

Aos nascidos no país de acolhimento, que não são reconhecidos como nativos, no seio onde aprenderam a falar.

Aos apátridas de fato e aos apátridas de direito, espalhado pelo mundo, que lhes seja concedido o direito de pertencer.

Aos autóctones, em todo mundo, que de repente vê sua, sua casa, ser “invadida”; e sem possibilidades de mudança, aceitam, empregam, namoram, casam, etc., fazendo valer o que Hein de Haas disse: - «A migração é uma parte integrante daquilo que somos enquanto seres humanos e sociedades.».

Aos ciganos, aos latinos europeus, aos brasileiros, aos angolanos, aos moçambicanos, aos afro-portugueses, que pastoreio no contexto da Europa.

As mulheres violadas, no percurso da migração e refúgio, e aos rebentos dessa violação que se ouviu o choro.

ÍNDICE

SIGLÁRIO.....	08
RESUMO/ABSTRACT.....	09
INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1 - MIGRANTES E REFUGIADOS; UM MUNDO A CLARIFICAR.....	15
1.1. Esclarecimento de Conceito.....	15
1.1.1. Migrante.....	15
1.1.2. Migração, migrante forçado, imigração, emigração segundo Hein de Haas.....	16
1.1.3. Refugiado.....	16
1.1.3.1. Asilo.....	17
1.1.4. Estrangeiro.....	17
1.1.5. Nômade e sedentários.....	17
1.1.6. Autóctones e cidadãos de países terceiros.....	18
1.1.7. Apátridas.....	18
1.2. Tipos de Migração e Refugiados.....	20
1.2.1. Migração: económica, religiosa, política e por reagrupamento familiar.....	20
1.2.2. Testemunho – Ah! se não tivesse guerra!.....	20
1.3. Mobilidade Humana.....	24
1.4. Será o Alvo do Islã, Tornar a Europa, o Mundo, Islâmico?.....	26
1.5. Um Mundo de Migrantes e Refugiado: Assunto da Revista Humanística e Teologia.....	26
1.6. Situação Atual da Migração e Refugiados.....	30
1.6.1. Breve história da migração e refugiados no século 21.....	30
1.6.2. Condições da migração e refugiados na atualidade.....	32
1.7. O problema da Migração e Refugiado em Diferentes Autores.....	33

1.7.1. Isabel Wilkerson - castas.....	33
1.7.2. Douglas Murray.....	33
1.7.3. Hein de Haas.....	34
1.8. A Situação Atual dos Migrantes Autóctones, da Etnia Cigana em Portugal, é Um Problema Interno.....	36
CAPÍTULO 2 – MOBILIDADE HUMANA: COMO TRATAR O OUTRO?.....	38
2.1. Como Perceber a Condição Humana Como Migrante.....	38
2.1.1. Como perceber a nós próprios, nômades ou sedentários.....	38
2.1.2. A condição humana dos imigrantes aos olhos dos portugueses.....	40
2.1.3. Percebendo a migração no contexto português.....	41
2.2. Fronteiras Política, Económica, e da Vida.....	42
2.2.1. As faces dos migrantes e dos refugiados.....	43
2.2.2. Será a construção de muros uma solução?.....	43
2.2.3. Os benefícios de abrir as fronteiras para os migrantes e refugiados no contexto das igrejas.....	45
2.3. Personagens das Escrituras Sagradas no Processo Migratório e de Refugiados.....	46
2.3.1. José no Egito.....	50
2.3.1.1. O ensino ético moral na vida de José.....	50
2.3.2. Noemi e Rute.....	52
2.3.3. Ester a rainha da Pérsia.....	53
2.3.4. Jesus de Nazaré.....	54
2.3.4.1. O ensino ético moral na vida de Jesus Cristo.....	56
2.4. O Papel das Igrejas na Colaboração dos Assuntos dos Migrantes e Refugiados	56
2.4.1. Ser Ponte. A Ponte Que Marca Diferença.....	57

2.4.2. Praticar simpatia e empatia.....	58
2.5. O Papel do Líder Religioso no Processo da Migração e Refugiados.....	60
2.6. O Papel do Migrante, Refugiado e Autóctone no Contexto das Igrejas segundo a Escritura Sagrada	63

CAPÍTULO 3 – A ORDENAÇÃO ÉTICA TEOLOGICA DA MOBILIDADE HUMANA.....67

3.1. Como Organizar o Processo Migratório no Mundo?.....	67
3.2. Abrir Fronteira ou Fechar Fronteira?.....	67
3.3. Argumentação Favorável.....	67
3.4. Erguer Muros ou Derrubar Muros?.....	70
3.5. Criar Pontes.....	70
3.6. Normas Ética Teológica Para Nortear o Processo Migratório.....	71

CONCLUSÃO TEOPOÉTICA.....72

BIBLIOGRAFIA.....77

APÊNDICES.....87

Apêndice A à J.....	90
---------------------	----

ANEXOS.....92

Anexo de A à P.....	95
---------------------	----

SIGLÁRIO

ACNUR	O Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. Agência da ONU para os Refugiados, criada em 1950, a fim de atender os milhões de europeus deslocados por conta da Segunda Guerra Mundial.
IBAV ¹	Igreja Batista Adoração e Vida.
OIM	Organização Internacional para as Migrações.
PIBAV ²	Primeira Igreja Baptista Adoração e Vida.
SBB	Sociedade Bíblica do Brasil.
TJFA	Tradução de João Ferreira de Almeida

¹ Localizada em Santo André, São Paulo, pastoreada pelo Pr. Almir Marcos Mauruto.

² Fundada em 22 de abril de 2000, localizada na Maia, pastoreada pela Pra. Cristina do Amaral.

RESUMO:

O presente trabalho tem como objetivo discutir a temática do processo migratório e do refugiado no contexto da comunidade cristã em Portugal e no mundo. Com a finalidade de investigar o objeto de estudo foi proposto a seguinte problemática: Quais as normas éticas teológicas que precisam ser criadas conforme as Escrituras Sagradas, para que as fronteiras sejam abertas e, desta maneira, o migrante e o refugiado tenham liberdade de gozar o seu direito de ir e vir? Partindo dessa problemática, é feito em termos metodológicos uma revisão bibliográfica com a finalidade de esclarecer conceitos, de estabelecer um diálogo historiográfico, por meio de uma perspectiva diacrônica, acerca da história de migração e de refugiados no século 21, tendo como arcabouço teórico: Haas (2021), Murray (2018), Vaquero (2023). Além disso, foi realizado um estudo, de forma detalhada, sobre o referencial teórico da Revista Humanística e Teologia (2016), em diferentes autores: Magda Mello (2016), Natacha Becker (2016), entres eles o Jorge Cunha (2016), com a temática Refugiados e Imigrantes na Fronteira da Vida, base essencial para categorizar, nomear, classificar os termos de migração e a fundamentação teórica, e por fim, foi utilizada a entrevista com Mariana Barbosa (Cunha, 2016), sobre refugiados e migrantes. É fulcral pontuar ao leitor que esse percurso de revisão bibliográfica possibilita-nos discutir a questão da migração estabelecendo um diálogo com o sagrado em perspectiva diacrônica. Para compreender essa complexidade do universo migratório, foi feita uma entrevista semiestruturada para coletar dados de um migrante no mundo.

Para lograr êxito, neste percurso investigativo, o objetivo geral desta pesquisa foi perceber: (1). o processo da Migração e Refugiado no século 21 e alguns dos seus contornos; (2). a nós próprios, enquanto autóctone, diante da migração e refugiado, usando autores que trata do tema; (3). o processo de migração e refúgio no contexto das Sagradas Escrituras, usando seus personagens. (4). a condição humana, se somos nômades ou sedentários, dando especial atenção para o contexto português e aos também autóctones ciganos; (5). o papel das igrejas nos processos Migração e Refugiado, exercer a simpatia ou empatia; (6). as normas éticas teológicas que devem conduzir os autóctones, os migrantes e os refugiados e objetivo específico analisar o material bibliográfico e elaborar normas éticas teológica, a fim de nortear a migração e o refúgio, no cruzamento de fronteiras, uma vez, que cremos que as fronteiras devem estar abertas, de forma coesa, com a finalidade de acolher o migrante e refugiado e em simultâneo não desproteger o autóctone. Nesse processo de criação, compreendemos que é fulcral estabelecer um diálogo com as normas fundamentadas na Sagrada Escritura, pois cremos, não haver nada superior a ela, para

nortear o mundo da migração e do refugiado. Para suscitar tais normas, olhamos para vida de alguns personagens da Escritura Sagrada; A rainha Ester da Pérsia, Rute a moabita, Noemi a israelita, José o israelita, migrante no Egito e Jesus Cristo de Nazaré, o maior migrante e refugiado, que o mundo conheceu.

PALAVRAS-CHAVES: Migrante; Refugiado; Igreja; Fronteiras; Normas.

ABSTRACT

The current dissertation aims to discuss the thematic of the migration process and refugees in the context of Christian Community in Portugal and in the world. To investigate the study's object was proposed the following question: Which do Theological Ethic Norms need to be created in accordance with holy scripture, for frontiers to be open and, thus, the migrant and the refugee have freedom to enjoy their right to come and go? From this questioning, it has carried out in methodological terms a bibliographic review to clarify concepts, and establish a historiographic dialogue, by a diachronic perspective, on migration and refugees' history in the 21 century, based on theoretical framework: Haas (2021), Murray (2018), Vaquero (2023). Furthermore, it has been done a detailed study, about theoretical reference of *Humanística Journal and Theology* (2016), in different authors: Magda Mello (2016), Natacha Becker (2016), among them Jorge Cunha (2016) with thematic: Refugees and Immigrant in the life frontier, essential basis to categorize, to nominate, to classify migration's terms and the theoretical foundation, and eventually, it has been used an interview with Mariana Barbosa (Cunha 2016) on refugees and migrants. It is essential to point out to the reader that this journey of bibliographic review allows us to discuss the migration's question and establishes a dialogue with the sacred in a diachronic way. To understand this complexity of the migration universe, the semi structured interview has been done to collect data from a migrant in the world.

In order to succeeded, in this investigative journey, the general objective of this research was to realize: (1) Migration and Refugees' process in the 21 century and some of the its contours; (2) ourselves while autochthonous in front of migration and refuge, by authors who deal with the theme; (3) migration' process and refugee in the context of the holy scripture, by characters; (4) human beings' condition, if we are nomads and sedentary, with special attention to both Portuguese context and autochthonous gypsies; (5) the church's role in the migration and refugee's process and to exercise sympathy and empathy; (6) the theological ethic norms must lead the autochthonous, the migrants and the refugees and specific objective is to analyze the bibliographic content and to elaborate theological ethic norms, to guide the migration and refuge in the border crossing, because we believe that frontiers must be opened , in cohesion way, to welcome the migrant and refugee in simultaneous and do not unprotect the autochthonous. In this creation process, we understand that it is mainly to establish a dialogue with fundamental norms in the holy scripture, because we believe that there is no superior the norms, to guide the world's migration and the refugees. To raise such norms, we look at the life of some characters of sacred scripture: the Queen Esther of the Persian, Ruth and Moabite, Naomi the Israelite,

Joseph the Israelite, migrant in Egypt and Jesus Christ of Nazareth, the greatest migrant and refugee the world has known.

KEYWORDS: Migrant; Refugees; Church; Frontiers; Norms.

INTRODUÇÃO

A motivação, para este trabalho, nasceu em virtude das conversas profícuas e enriquecedoras com a Prof^a. Divina Amaral, sobre o ato de pastorear um rebanho de autóctones, migrantes e refugiados. Esses diálogos motivaram-me a perceber a necessidade de pesquisar sobre este tema, uma vez que vivenciamos a experiência de migração em nossa trajetória, enquanto o Outro, no âmbito do processo migratório e do refugiado no contexto, na comunidade cristã em Portugal e no mundo. Ressaltamos a problemática desse processo migratório: quais as normas ética teológica que precisam ser criadas, de acordo com as Escrituras Sagradas, para que as fronteiras sejam abertas, a fim de que o migrante e o refugiado tenham liberdade de gozar do seu direito de ir e vir? Percebemos a necessidade de criar normas ética teológica, fundamentada nas Escrituras Sagradas, com o intuito de somar no processo norteador da recepção, aceitação e ajuda na legalização do migrante e do refugiado na atualidade.

No contexto da metodologia, foram pesquisados alguns artigos da Revista Humanística e Teologia (2016), em diferentes autores: Magda Mello (2016), Natacha Becker (2016), entres eles Jorge Cunha (2016), com a temática Refugiados e Imigrantes na Fronteira da Vida, base essencial para categorizar, nomear, classificar os termos de migração e a fundamentação teórica, e por fim, foi utilizada a entrevista com Mariana Barbosa (Cunha, 2016), sobre refugiados e migrantes, com a finalidade de esclarecer conceitos, de estabelecer um diálogo historiográfico, por meio de uma perspectiva diacrônica, acerca da história da migração e de refugiados no século 21, bem como levantar as condições e problemáticas da migração e refugiados, no olhar de alguns autores da atualidade: Haas (2021), Murray (2018), Vaquero (2023).

O objetivo geral foi perceber: (1). o processo da Migração e Refugiado no século 21 e alguns dos seus contornos; (2). a nós próprios, enquanto autóctones, diante da migração e refugiado, (3). o processo de migração e refúgio no contexto das Sagradas Escrituras, usando seus personagens. (4). à condição humana, se somos nômades ou sedentários, dando especial atenção para o contexto português e aos também autóctones ciganos; (5). o papel das igrejas no processo de migração e do refugiado: exercer a simpatia ou empatia? ser ponte ou muro? O objetivo específico foi o de analisar a Escritura Sagrada e elaborar normas éticas teológicas, a fim de nortear o processo de migração, refugiados e dos autóctones recetores.

O presente trabalho está dividido em quatro partes. Na primeira parte, definimos os conceitos no contexto da migração e refugiado, a mobilidade humana, a migração e refugiado na

atualidade, o problema da migração nas perspectivas de alguns autores e, em especial daremos atenção para migração e para o refugiado no contexto português, bem como o ponto de vista dos autóctones portugueses para com os autóctones ciganos portugueses.

Na segunda parte, abordamos a questão de como tratar o Outro, isto é, como compreender a condição humana diante do contexto da Migração e entender as percepções de nós mesmos no sentido de sermos nômades ou sedentários, e qual a relação do processo migratório e as fronteiras em diferentes contextos. Mostra-se ainda a relevância do papel da Igreja em abrir fronteiras e ser ponte, por meio de um panorama bíblico utilizando exemplos que vão tratar do tema e da ética moral de Jesus diante da migração.

A terceira parte apresenta um ato normativo fundamentado nas Escrituras Sagradas, envolvendo todo o processo de migração, tratado ao longo da pesquisa, sua organização e como se dão os modos e consequências das fronteiras e a necessidade ou não da criação dos muros e pontes. Aborda-se também a Norma Ética Teológica por meio de personagens das Escrituras Sagradas, que norteiam o processo e como agir diante disso.

Portanto, finalizamos com uma conclusão Teopoética a fim de tratar o tema da Migração e do Refugiado na Fronteira da Vida com a leveza que ela precisa, considerando as questões mundiais acerca dos muros visíveis e não visíveis, de forma que haja possibilidades e avanços em futuras pesquisas.

CAPÍTULO 1 - MIGRANTES E REFUGIADOS: UM MUNDO A CLARIFICAR.

Tal como indicado nos objetivos e fundamentados pela pesquisa bibliográfica com diferentes autores, Este primeiro capítulo procurará apresentar a questão dos Migrantes e dos Refugiados, por meio de uma revisão bibliográfica, para definir, em um primeiro momento, os conceitos de migração e de refugiado em diferentes contextos e tipologias. A partir dessa discussão, apresentamos a problemática da mobilidade humana, tendo como arcabouço teórico os artigos da Revista Humanística e Teologia (2016), que nos possibilita demonstrar, ao leitor, um panorama da migração e dos refugiados no âmbito da atualidade do século 21 e as perspectivas de alguns autores em relação aos problemas e às condições da migração. Em especial, faremos um recorte sobre a migração e refugiados no contexto português e procuraremos perceber o ponto de vista dos portugueses autóctones, para com os ciganos portugueses autóctones, que evidenciam um problema interno.

1.1. Esclarecimento de Conceito

A finalidade desta fundamentação teórica é esclarecer de forma sistemática os diferentes conceitos pelos quais seremos guiados na pesquisa, como veremos a seguir:

1.1.1. Migrante

Migração é o processo de deslocamento de uma população, este processo pode ocorrer em diferentes contextos e formas. Ela ocorre de maneira interna, quando a população se desloca dentro de uma localidade geográfica; e de maneira externa, quando a população se desloca de um país para outro. No âmbito da migração externa, a migração é vista de duas formas: a emigração e a imigração, esta diz respeito à entrada da população de um país estrangeiro para residir; aquela, à saída da população do seu país para outro, para residir, tanto no processo de migração interna quanto externa, a migração pode acontecer por conta de catástrofes naturais ou ambientais, por sismos, inundações, erupções vulcânicas, por secas prolongadas, etc. Segundo OIM (2009, 40) migração é:

Processo de atravessamento de uma fronteira internacional ou de um Estado. É um movimento populacional que compreende qualquer deslocação de pessoas, independentemente da extensão, da composição ou das causas; inclui a migração de refugiados, pessoas deslocadas, pessoas desenraizadas e migrantes económicos.

A migração pode ser apresentada em diferentes contextos: a migração intercontinental que se realiza entre continentes diferentes; a migração intracontinental que se realiza dentro do mesmo continente; à definitiva, ou seja, por um tempo indeterminado; a temporária quando as pessoas se deslocam por um tempo determinado; a voluntária, a deslocação é feita por vontade própria; a forçada, a deslocação do indivíduo é feita contra sua vontade, como nos casos dos refugiados de guerra, refugiados por condições climáticas, etc.

Quanto ao acesso normativo, esse processo de migração pode ocorrer de forma legal, ou seja, com o conhecimento e autorização das entidades administrativas do país de destino, e/ou de forma clandestina, quando as pessoas entram e permanecem sem efetuar os registos legais.

1.1.2. Migração segundo Hein de Haas

Haas (2024, 11) defende que a migração envolve mudança de residência habitual, de maneira que ocorra o processo de cruzamento de fronteiras administrativas. Segundo o autor, a migração pode ser dividida em interna e internacional. A Migração interna ocorre entre municípios, estados/províncias no interior dos países, exemplo: Ana Sofia migrou do Porto para Santa Cruz da Trapa, em São Pedro, Viseu. Já a Migração internacional ocorre quando a residência é realizada além fronteiras internacionais, exemplo: Jana migrou do Espírito Santo Brasil, para Maia Portugal.

De acordo com Haas (2024, 12), o Migrante forçado é aquela pessoa que se muda porque «enfrentam violência ou perseguição nos seus países de origem», pois os migrantes forçados, são comumente referidos como «refugiados». Haas (2024, 11) enfatiza que o termo imigração refere-se às pessoas que se deslocam para países vindos do exterior, o alvo deste deslocamento migratório por parte do imigrante estrangeiro é estabelecer-se, como por exemplo: Isabella, oriunda de Bogotá na Colômbia, é imigrante em Izmir na Turquia a fim de ali trabalhar e formar uma família. Haas (2024, 11) comenta que o emigrante se refere aos residentes que se deslocam para fora do país, exemplo: Isabel a portuguesa é emigrante em Washington nos Estados Unidos.

1.1.3. Refugiado

Segundo a Convenção de Genebra³ o termo “refugiado” aplica-se a qualquer pessoa que receando com razão de ser perseguida em virtude da sua raça, da religião, da nacionalidade, da filiação em certo grupo social ou das suas opiniões políticas, encontre-se fora do país de que tem a nacionalidade e não possa ou, em virtude daquele receio, não queira pedir a proteção daquele país.

Mariana Barbosa (Cunha 2016, 11-18), em entrevista com Jorge Cunha, descreve sobre a importância em distinguir a diferença entre migrante econômico e refugiado, «a bem da proteção internacional daqueles que dela necessitam e a quem deve ser conferido o estatuto de refugiado»; em sua opinião, se varrer da questão a palavra refugiado, é provável de alguma forma está a varrer os dramas e atrocidades que lhes estão associados. O cuidado que a Mariana Barbosa tem em fazer a diferença entre migrante econômico e refugiado, é não dar munição para «uma opção política, uma forma de fomentar a tolerância da opinião pública face à União Europeia dos mundos».

1.1.3.1. Asilo

Segundo Haas (2024,12), há distinção jurídica entre o refugiado e o requerente de asilo; «o requerente de asilo é a pessoa que requereu o estatuto de refugiados e ainda aguarda uma decisão sobre seu reconhecimento de refugiados». Há aqueles que são chamados de deslocados internos, que fugiram das suas regiões de origem, mas permanecem em outro local dentro do próprio país.

1.1.4. Estrangeiro

Segundo o Dicionário Aurélio (1995, 278), estrangeiro é aquele da nação diferente daquela a que se pertence; «diz-se de país que não é o nosso», bem como o «que é de outra região, de outra parte, ainda que pertencente ao mesmo país»; é aquele «indivíduo que não é natural do país onde mora ou se encontra».

1.1.5. Nômade e Sedentários

³ Convenção de Genebra. Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia «Acórdão Do Tribunal De Justiça (Grande Secção) - 11 de junho de 2024»
Acedido a 30 de setembro de 2024,
<https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/HTML/?uri=CELEX:62021CJ0646>

Segundo o Dicionário Aurélio (1995, 456), nômade «diz-se das tribos ou povos errantes, que se deslocam constantemente em busca de alimentos, pastagens, etc. (...) «Povos que não pertencem a determinado país e vagueiam sem residência fixa». Sedentários⁴ no contexto do povo hebreu na Escritura Sagrada, segundo Pe. Neves o povo hebreu:

Passeiam-se com os seus rebanhos entre os povos sedentários, mas sem pastorear em terras dos sedentários. O problema social, político e religioso surge quando os emigrantes «hebreus» fazem parte de um povo sedentário. Eles mesmos são sedentários, mas feitos escravos, entregues à «corveia» dos poderosos egípcios. Só agora é que Moisés tem razão de ser. Ele conhece os dois povos, o dos seus irmãos», oprimidos, e o dos seus opressores. É então que surge no meio da sarça ardente o Deus da libertação

1.1.6. Autóctones e Cidadãos de países Terceiros

O Autóctone é natural do território onde vive; que pertence ao povo natural de um território,⁵ proveniente das raças que ali sempre habitaram, aborígene, indígena.⁶

Os cidadãos de países terceiros são pessoas que pertencem a um país que não pertence à União Europeia⁷. «O número total de cidadãos de países terceiros a residir na União Europeia (UE) a 1 de Janeiro de 2021 era de 23,7 milhões, de acordo com o Eurostat, o serviço de estatísticas da UE»⁸

1.1.7. Apátridas

Segundo Bruzaca e Souza (2022, 6), a definição de apátridas segundo a ACNUR, realizada em Prato na Itália, em 2010, ficou a seguinte:

«de facto são pessoas fora do seu país de nacionalidade que devido a motivos válidos não podem ou não estão dispostas a pedir proteção a este país» ficou também acordado que existem muitos apátridas de facto que não são

⁴ Pe. Joaquim Correia Das Neves, O que é a Bíblia) (Alfragide: Casa das Letras, 2012), «s.p.», Google Book.

⁵Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, «autóctones»,
Acedido a 30 de setembro de 2024,
<https://dicionario.priberam.org/aut%C3%B3ctone>.

⁶ Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa.
Acedido a 30 de setembro de 2024,
<https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=aut%C3%B3ctone+>.

⁷ Joaquim Ramos, Português Institucional e Comunitário, Universidade Carlos IV, Praga, 2010.

⁸ Jaume Duch Guillot, Parlamento Europeu, «Explorar as razões da migração: porque é que as pessoas migram?»,
Acedido a 30 de setembro de 2024.
<https://www.europarl.europa.eu/portal/pt>.

refugiados, ao contrário da presunção que existia no passado. Enquanto os refugiados que possuem formalmente uma nacionalidade são considerados apátridas de facto, os participantes indicaram não ser útil se referir a eles como tal, pois poderia gerar confusão.

A legislação internacional reconhece dois tipos de apátridas, os de fato: «toda a pessoa que não seja considerada por qualquer Estado, segundo a sua legislação, como seu nacional»...aqueles que não detém vínculo jurídico-político com nenhum país» (Matos, 2022, 6);⁹ e os apátridas de direito, que não possuem nacionalidade de nenhum país, mas lhe é garantido a condição de status de apátrida, onde ela possui os direitos gerais referente a um estrangeiro, este «status de apátridas garante a regularização de sua condição migratória, configurando um dos elementos de sua proteção internacional» (Matos, 2022, 6).

Matos (2022, 8) comenta que os judeus alemães tornaram-se apátridas, durante a Segunda Guerra Mundial, pois foram lhe retirada a cidadania alemã, por parte do governo nazista; entretanto, ainda durante a Segunda Guerra Mundial, encontramos os grupos étnicos ciganos e os romas, que também tornaram-se apátridas, visto que lhe foram retirada a cidadania alemã.¹⁰ Ficamos comovidos ao saber dessa fase dos judeus e dos ciganos durante a Segunda Guerra Mundial; no entanto, não tínhamos ideia, e com vergonha dizemos, que na atualidade há um povo apátrida, o povo Rohingya em Mianmar, no Sudeste Asiático; choramos, por saber que um povo inteiro lhe é negado a nacionalidade, que fogem para salvar a vida e mesmo sem cidadania, são forçados a se alistarem no exército birmanês, a fim de o fortalecer, assim o fazem porque são vulneráveis (Papa Francisco 2024)¹¹.

Volker Türk, alto-Comissário assistente para proteção da Agência das Nações Unidas, nomeado em 2022,¹² afirma que «A chave da questão é garantir uma identidade jurídica a todas

⁹ Jonas Miguel de Matos, *Proteção ao Direito à Moradia dos Refugiados no Brasil*. (São Paulo: Editora Dialética, 2022), Google Book.

¹⁰ Bruno Fernandes, «Porajmos: o genocídio nazi da comunidade roma». National Geographic de Portugal. Acedido a 30 de setembro de 2024.

https://www.nationalgeographic.pt/historia/porajmos-genocidio-nazi-comunidade-roma_4049.

¹¹ Papa Francisco, «Mianmar: os Rohingyas sem cidadania, mas forçados a se alistar no exército». Vatican News. Acedido a 30 de setembro de 2024.

<https://www.vaticannews.va/pt/mundo/news/2024-04/mianmar-rohingya-sem-cidadania-forcado-alistar-exercito-birman-es.html>.

¹² ACNUR. «Sudeste Asiático: Myanmar transforma-se numa das crises humanitárias de crescimento mais rápido numa questão de semanas».

Acedido a 30 de setembro de 2024.

<https://pacnur.org/pt/onde-estamos/acnur-no-mundo/sudeste-asiatico>.

as pessoas no território de Myanmar, bem como as liberdades fundamentais que lhe estão associadas, tais como a liberdade de circulação, a não discriminação e o acesso aos serviços».

Em 2015 em todo mundo, existiam cerca de 10 milhões de pessoas, que eram consideradas apátridas, em razão do nascimento das crianças no percurso de refúgio de sua mãe, a estimativa na altura era o nascimento de uma criança a cada dez minutos (Acnur)¹³. No contexto português em 2021, existiam 553 pessoas apátridas¹⁴; porém há leis que apoiam os nascidos em seu território a adquirirem nacionalidade. Existe um site (Guia de Nacionalidade.)¹⁵ que pode ser usado pelos interessados, no contexto de Portugal. Muitos outros países tais como Quirguistão, Quênia, Tadjiquistão, Tailândia, Rússia, Suécia, Vietnã, Uzbequistão, Filipinas, Albânia, Armênia, Cuba, Estônia, Islândia, Letônia, Luxemburgo, Cuba, Paraguai e Brasil somam nessa luta.

1.2. Tipos de Migração e Refugiados

A migração e o processo de refugiado, podem ser por motivos distintos; dando-nos a liberdade de classificá-los por migração e por refugiados, econômico, religioso, político e por reagrupamento familiar, etc.

1.2.1. Migração e Refugiado: Econômica, Religiosa, Política e por Reagrupamento Familiar¹⁶

A migração interna e externa acontece por vários motivos, desde a segurança, a demografia, os direitos humanos, à pobreza, às alterações climáticas, etc; entretanto neste trabalho comentaremos, a migração econômica, religiosa, política e por reagrupamento familiar.

A migração econômica acontece por mudanças demográficas, a população pode estar em processo de crescimento ou declínio, envelhecimento ou nascimento, que causa impacto no

¹³ ACNUR. «Sudeste Asiático».

¹⁴ Index. statelessness, «Nota Informativa do País»

Acedido a 30 de setembro de 2024.

https://index.statelessness.eu/sites/default/files/Country%20Briefing%20Portugal%20PT_2021_0.pdf

¹⁵ Guia de Nacionalidade.

Acedido a 30 de setembro de 2024.

<https://www.guiadanacionalidade.pt/>

¹⁶ Anexo J

crescimento econômico, em sequências nas oportunidades de emprego no país de nascimento e também podendo acontecer nas políticas de imigração do país de imigração¹⁷.

A migração religiosa acontece quando há intenção de uma determinada religião de levar sua doutrina a novos territórios. Outro motivo de migração religiosa, é quando há perseguição religiosa no país onde vive, tais perseguições acontecem em países que têm o regime autoritário, que não há liberdade de culto, de exercer sua crença. A migração religiosa, nesse sentido, pode ser também migração de refugiados.

A migração política acontece em contexto de crise, que pode ser de guerra, em conflito político e regimes ditatoriais; que força a população a buscar refúgio em um outro país.

A migração por reagrupamento familiar, como o nome já indica, é o ato de reunir a família do imigrante, a migração acontece por desejo e por necessidade de a família estar junta. Os migrantes possuem o direito ao reagrupamento familiar no contexto português e da União Europeia: filhos, marido ou esposa, irmãos do requerente, quando menor de idade, que dependa do mesmo, mãe pai do requerente, que comprove dependência de seus familiares. É relevante pontuar, ao leitor, que em alguns países da UE é aceite a união de facto como um casamento documentado. Cada situação para o reagrupamento é analisada pelos órgãos competentes de cada país, obedecendo às leis vigentes. Todo requerente precisa estar legal no país, para então proceder o pedido. No Contexto português o AIMA¹⁸, é o órgão responsável, que deve ser contactado. É também aceite o Reagrupamento Familiar nos Estados Unidos da América, seguindo suas normas¹⁹.

Segundo Piketty (2016, 218), dos 850 mil imigrantes que entraram em 2000, nos Estados Unidos, de forma legal, 350 mil faziam parte do regime de Reagrupamento Familiar. A América do Sul também está aberta a esse o direito fundamental de viver em família, fazendo valer o artigo 16º ponto 3, da Declaração Universal Dos Direitos Humanos²⁰ «- A família é o elemento natural e fundamental da sociedade e tem direito à proteção desta e do Estado».

¹⁷ Jaume Duch Guillot, Parlamento Europeu, «Explorar as razões da migração: porque é que as pessoas migram?»

¹⁸ Agência para a Integração, Migrações e Asilo. «Reagrupamento Familiar: com Familiar Fora de Território Nacional – Art. 98.º, n.º 1.», Acedido a 30 de setembro de 2024.

<https://aima.gov.pt/pt/viver/reagrupamento-familiar-com-familiar-fora-de-territorio-nacional-art-98-o-n-o-1>.

¹⁹ Immigrant Visa Process, «Processo de Visto de Imigrante».

²⁰ Declaração Universal Dos Direitos Humanos, Acedido a 30 de setembro de 2024.

https://gddc.ministeriopublico.pt/sites/default/files/documentos/pdf/declaracao_universal_dos_direitos_do_homem.pdf.

1.2.2. Testemunho - Ah! se não tivesse guerra!

A migração e refúgio por política, por guerra, por religião, crescem a cada dia; na atualidade, presenciamos a guerra na Ucrânia, que foi invadida pela Rússia, a guerra entre Israel e o Hamas na Faixa de Gaza, em Burkina Faso, Somália, Sudão, Iêmen, Mianmar, Nigéria e Síria. Na verdade, mal termina um conflito, logo surge outro. Conversamos com Jolidy Dweh Towah²¹, nascido na Libéria, país que viveu 14 anos de guerra, com fundo de conflitos étnicos. Ele muito cedo provou da migração involuntária, que na atualidade o leva voluntariamente a buscar a migração, por que seu país sofre dos resultados da guerra. Assim Towah nos relata um pouquinho da sua experiência de cruzar fronteiras:

Nasci na Libéria, no ano de 1975, em uma família cristã, e envolvida na política do país, uma infância marcada por alegria, até meu pai Teo Towah falecer em 1984. Nessa altura Samuel Doe, da etnia Krahn, casado com minha Tia Nancy Doe, governava o país, eu tinha 11 anos e estava prestes a vivenciar o início da Primeira Guerra Civil em meu país, que duraria de 1989 à 1996, onde morreram cerca de 250.000 pessoas. Minha tia Cecília Towah, conseguiu sair do país em 1994, e levou com ela, eu e meu irmão. Eu tinha nessa altura 19 anos. Nesse ínterim, em 1997 Charles Taylor chegou à presidência do país até 2003.

Towah pontua que:

Retornei à Libéria, com a expectativa de paz, infelizmente a guerra retornou com força em 2002, nessa altura eu tinha 27 anos, e tive que me deslocar novamente no mesmo ano. Meu plano não era viajar pelo mar Mediterrâneo, eu estava indo para o norte da África, só queria chegar à Argélia, na capital Algiers, para conseguir um emprego. Entretanto, para chegar no Norte de África tínhamos de viajar como todos os outros migrantes; foi uma viagem muito dura, difícil em todos os aspectos. A viagem era feita em um jipe Land Cruiser de capota aberta com muitas pessoas, tínhamos que passar o deserto do Saara. Muitas pessoas perderam a vida, não havia água nem comida. Os coiotes nos trataram muito mal, as mulheres eram mais vitimizadas.

O entrevistado ressalta as vicissitudes de ser migrante, ao chamar nossa atenção ao fato de que teve a experiência de:

...de ver a chuva do deserto a cair do céu, a chuva caiu por umas 03 semanas; mas algumas pessoas perderam a vida naquele tempo ruim. Esse fenômeno aconteceu antes de chegar à fronteira com a Argélia e Mali. No

Anexo L. Declaração Universal Dos Direitos Humanos.

²¹ Apêndice J. - foto

deserto você tem que se vestir de uma certa maneira para se proteger, muitos não estavam adequados.

Sai da Libéria para os EUA com 19 anos, por conta da Guerra civil²². Entretanto quando fiz a viagem de volta, deparei com uma outra guerra civil na Libéria, foi muito difícil fugirmos da guerra civil. Os liberais travaram uma guerra civil brutal por 14 anos.

Não pude ficar no meu país, fugi para o deserto, crendo que era uma porta para liberdade, para chegar em um porto seguro. No percurso havia muitas pessoas de diferentes países de África, mas todos estavam em grupos diferentes, cada país tinha o seu próprio grupo e o seu próprio líder no deserto. tinham várias nacionalidades nigerianos, camaroneses, os ganenses, os liberianos, os congolesees, etc., alguns iriam viajar para o topo do mar para a Europa e alguns outros iriam para o norte da África em busca de trabalho.

Quando chegamos à fronteira com a Argélia, deparei com a história de uma menina chamada Tata Kamara que ficou presa no deserto com o povo árabe dormindo com ela (a violando); depois passaram para um grupo de nigeriano (que também a violava). Essa menina estava viajando no deserto com o namorado e o carro quebrou depois de alguns dias eles viram outro carro passando e pediram ajuda e o motorista disse a eles que só poderiam ajudar a menina a levá-la para a próxima vila na fronteira com a Argélia, o que não foi verdade.

Nesse processo de migração, Towah mostra-nos a necessidade de exercer a mediação simbólica entre os migrantes, ao enfatizar que no momento em que:

Tomei conhecimento que a menina era da Libéria, senti a responsabilidade de fazer algo, afinal era minha compatriota. Eram muitos nigerianos, que chegaram a agredir homens liberianos, do nosso grupo, causando um grande susto. Deus me ajudou a ir no gueto nigeriano e falar com eles de forma tranquila, com respeito; fui com um rapaz que conheci no deserto, ele não tinha dinheiro, e ficou pelo deserto, e eu o vi vagando e o ajudei. Eu disse aos nigerianos que eu era o novo líder liberiano, que acabava de chegar e que queria falar com o seu líder; e depois de uma boa conversa o líder nigeriano me viu como uma pessoa responsável e então chamou a garota liberiana para vir e então nos sentamos juntos e bebemos. O líder me disse para mandar chamar o outro grupo de liberianos, assim fiz, mandei buscar a eles, e fizemos as pazes entre os dois grupos e foi nessa hora que me deram a garota liberiana para voltar ao gueto da Libéria. A menina voltou para seu noivo.

O entrevistado complementa que:

²² A Primeira Guerra Civil da Libéria aconteceu de 1989 até 1996, a segunda de 1999 até 2003.

Depois de tudo isso, conseguimos chegar à capital da Argélia e na Argélia a experiência foi muito ruim e difícil. o povo da Argélia não tem respeito pelos negros africanos, eles nos tratam como se não fôssemos nada, eles não querem ver os negros, xingam-nos, não nos respeitam, atiram-nos pedras, insultam-nos, lá foi muito, muito difícil. Chegaram a nos atacar, e tirar nosso telefone, nossos valores e um tudo que ainda tínhamos. Pessoalmente resisti, juntamente com um amigo, foi uma briga séria com os argelinos na capital, fiquei muito zangado eles tentaram arrebentar-me o olho e defendi-me, mas no final do dia o meu amigo foi vítima do chefe, que atingiu um dos seus olhos. Hoje o meu amigo tem apenas um olho bom, o seu nome é Kenny Baba, está em Abidjan, na Costa do Marfim agora.

Em relação aos direitos humanos, Towah assevera que:

Não há nenhum direito humano no país árabe do norte da África para os negros, eles vinham e levavam todo mundo e os colocavam na deportação, eles vinham e levavam seus pertences, mulheres, crianças, toda a família e os enviavam para deportação no meio do deserto, então isso foi uma experiência muito, muito ruim

Alguns dos meus amigos tiveram a sorte de chegar ao Marrocos, outros foram para a Itália e tiveram aqueles que conseguiram chegar à Espanha, todavia, muitos deles morreram no mar mediterrâneo tentando chegar à Europa.

Na Argélia costumávamos ir ao escritório das Nações Unidas para obter documentos e um dia um amigo foi ao escritório da ONU e o terrorista atacou o escritório da ONU com uma bomba, foi terrível. Entretanto sigo lutando.

A Libéria viveu 14 anos de Guerra Civil de 1989 até 24 de Dezembro de 2003, após a saída de Charles Taylor, a guerra terminou. Atualmente luta para se reerguer. Sou parente de Nancy Bohn Doe, esposa do ex-presidente Samuel Kanyon Doe e prima de Toe R. Towah, meu pai; ele morreu, vitimado por um acidente aéreo.

1.3. Mobilidade humana

O texto a seguir trata da questão da mobilidade humana, a partir dos artigos da Revista Humanística e Teologia, no âmbito dos diferentes contextos em que ela ocorre. Entende-se que a mobilidade migratória é truncada, qualificada e profunda. Ela atinge e transforma o humano e os espaços por onde passam. A luta pela globalização, vem sendo ferrenha, no sentido econômico; podemos dizer que a luta pelo movimento econômico foi e é férreo, sem grandes preocupações com suas consequências na vida e na mobilidade humana; uma vez que essa mobilidade é

econômica, não se reserva atenção aos homens e mulheres por trás dos computadores e volumes de dinheiro. Carson (2013, 530) observa os lados do contexto dizendo:

O mercado de câmbio não está sujeito ao controle político nacional ou internacional. As transações, com as conexões fornecidas pelos computadores modernos, podem ser implementadas em qualquer lugar do globo, 24 horas por dia, e afetam outras áreas do globo. Pelo mero poder de fazer circular grandes quantidades de dinheiro em todo o mundo, empregos são perdidos ou criados, as ações sobem ou descem, os juros especiais são oferecidos ou espoliados. Em outras palavras, há um elemento moral no movimento em direção à globalização na arena econômica.

Entretanto, essa mobilidade em direção à globalização na arena econômica, atinge o ser humano e sua mobilidade local, teológica, moral, religiosa, cultural, relacional, etc. Sempre foi assim, porém a mobilidade econômica abre as portas para uma mobilidade humana de forma avassaladora, uma colonização dos poderosos sobre os alvos dos seus enriquecimentos; que na atualidade usa-se o termo globalização, adotado segundo Carson (2013, 530), para evitar implicações do agora já extinto colonialismo.

A mobilidade humana sempre existiu, no campo da teologia, por colonização, por religião por aproximação, etc. Na globalização, há mobilidade sem fronteiras, que de formas distintas provocam a mobilidade humana, desenvolvendo problemas de migração interna e externa em todo mundo. Caplan e Weinersmith (2019, 9), comentam que a globalização, no século 21, é uma mentora da migração interna e externa; na mobilidade humana, vivencia um apartheid global, um apartheid baseado não na raça dos seus pais, mas na nação dos seus pais.

Na opinião do economista Bryan Caplan (Caplan, Weinersmith 2019: 50), a mobilidade trabalhista enriquece e também salva vidas. Esse é um lado da moeda, pois essa mobilidade trabalhista também empobrece e mata vidas, quando essa mobilidade trabalhista não é norteadada por leis humanas vigentes no estado, sofre os autóctones e os migrantes internos e externos.

Cunha (2016, 22-23) defende que, na atualidade, há esforço para receber os migrantes e os refugiados em condições decentes. Sendo melhor que a lógica da subjugação, mas sim uma lógica de conjugação com o Outro, fruto de um trabalho de muitas frentes, tratar o outro como gostaria de ser tratado em iguais circunstâncias.

A proposta mais acertada pode ser a de mobilidade por aproximação, onde o imigrante serve nas carências do país receptor. Portugal por exemplo, no dia 03 de junho do ano corrente,

apresentou para o país um plano de ação para as migrações²³, do ponto de vista da pastora²⁴, nesse plano se desenvolve uma política de mobilidade por aproximação.

1.4. Será o alvo do Islã, tornar a europa, o mundo, islâmico?

O político Roberto Vaquero²⁵ acena a bandeira a favor da soberania nacional espanhola, critica enfaticamente as atuais políticas de imigração, é totalmente contra a «adesão de Espanha à União Europeia e à NATO», discorda do sistema atual de democracia e manifesta sem temor a criação de uma nova Constituição; perante as questões sociais «opõem-se ao feminismo e às políticas de apoio às pessoas trans» (2024:Carbajo)²⁶. O autor afirma, com todas as forças, que o alvo do Islã é tornar a Europa islâmica. No seu país, destaca a presença massiva de marroquinos islâmicos, 55% na zona de El Puche, 30% na zona de Terrassa, 30% na zona de Manlleu (Vaquero 2023, 138). Uma força cooperadora nessa unificação são os processos de guetos, que recebem os imigrantes legais e ilegais ao longo de anos, causando separação, desenraizamento e islamização (Vaquero 2023, 139). É muito forte o processo de islamização que a Espanha, França, Alemanha e outros países europeu estão a vivenciar.

Vaquero (2023, 142-144) chama a atenção para a implantação e a aparição de uma base social e política para o desenvolvimento do islã; islamizar a Espanha, a Europa é acabar com toda história, cultura e tradições; não se deve permitir, afirma Vaquero, deve-se colocar regras de expulsão de tais religiosos que prometem esses objetivos, bem como as organizações religiosas, sociais e políticas, que seguem na mesma direção. Vaquero (2023, 145-146) comenta que, «segundo a União de Comunidade Islâmica de Espanha, no final de 2022, havia no país 2.349.288 muçulmanos, dos quais 511.690 eram cidadãos espanhóis nacionalizados, somando até um total de 1.027.330 cidadãos hispano-muçulmanos». O autor ressalta que o islã está conseguindo implantar não só sua religião, mas sua cultura religiosa, o sharia, por exemplo, que já se encontra

²³ República portuguesa 2024 Governo. «Plano de Ação para as Migrações: conheça as principais medidas», Acedido a 30 de setembro de 2024.
<https://www.portugal.gov.pt/pt/gc24/comunicacao/noticia?i=plano-de-acao-para-as-migracoes-conheca-as-principais-medidas>.

²⁴ Quando aparece, pastora, nós, rife-se a autora do Trabalho.

²⁵ Anexo E.

²⁶ Carbajo, Maria. «Quem é Roberto Vaquero, o candidato da Frente dos Trabalhadores às eleições europeias», Acedido a 30 de setembro de 2024.
<https://www.abc.es/espana/roberto-vaquero-candidato-frente-obrero-elecciones-europeas-20240609163000-nt.html?ref=https%3A%2F%2Fwww.abc.es%2Fespana%2Froberto-vaquero-candidato-frente-obrero-lecciones-europeas-20240609163000-nt.html>.

legal em muitos países da europa. Ele sugere que juntamente com o controle de fronteira se mudem as leis, deportando toda pessoa que entrar de forma ilegal. (Vaqueiro 2023, 168)

Terá Vaquero, razão em sua colocação? Será o alvo do Islã, tornar a europa, o mundo, islâmico? A Pastora é da opinião que sim; no contexto dos Estados Unidos, por exemplo, eles estão a comprar igrejas cristãs que estão fechadas, e as transformam em mesquitas, divulgam que estão «retribuindo o favor pela invasão do mundo muçulmano por missionários cristãos e trazendo a luz do Islã»²⁷, em terras americanas.

1.5. Um Mundo de Migrantes e Refugiados: assunto da revista Humanística e Teologia.

No presente artigo da Revista Humanística referida acima, J. Cunha aborda questões de refugiados e migrantes, em uma perspectiva do “Outro” e da “fronteira da vida”, visto que esse tema é bem amplo e permeado por diversos fatores que não se esgotam ao longo do tempo. J. Cunha revela um caminho alternativo, que faz uma relação do “Outro” com o centro de uma ética social, e a “fronteira da Vida” com fator inovador diante de um cenário para se pensar um problema antigo e novo. É essencial destacar que são apresentados por J. Cunha, horizontes que ele denomina como inaceitáveis, isto é, o horizonte da dominação e horizonte da conjugação. Em contrapartida apresenta também um horizonte que é defendido no âmbito da teologia e que caracteriza como o mais apto para contextualizar a mobilidade humana, a este chamou de horizonte da confabulação.

Para J. Cunha, essa mobilização dos povos sempre se manteve ao longo da história, seja por uma busca de melhoria de sobrevivência econômica, ou por melhores condições climáticas. No que se refere aos migrantes e aos refugiados, Ele entende que essa mobilização da população se deu pela lógica da dominação, do povo sedentário sobre os desalojados. Esta lógica está entrelaçada com a questão da ignorância e do esmagamento do Outro, tanto na questão do migrante ou quando aparentemente acolhiam refugiados. Durante um tempo, o reinado de uma ética e um direito não eram fundamentados no respeito nem na justiça.

Podemos ver, no texto, que por muitos anos, os Estados antigos foram fundados diante de uma legitimidade e invasão por conveniência, conquistando assim outros povos e territórios. Desta maneira reduziam as pessoas ao sistema de escravidão por diferentes motivos: econômicos (garantia de bens e subsistência) e políticos (caracterizava-se pela glória e triunfo na conquista

²⁷ Anexo G

dos povos). Como exemplo temos Atenas, que mesmo tendo a democracia como origem de sua sociedade, dependia da existência de escravos em sua economia, que também foi resultado da invasão e da conquista dos outros, tornando essa ética e economia aceitável por muitos, inclusive Aristóteles.

Para J. Cunha esse movimento das mobilizações nos últimos séculos, foi interesse de grandes potências, seja por migração forçada ou de uma partilha de territórios carregadas por seus dramas e sequelas. No cenário mais recente, observamos que a questão dos migrantes econômicos e refugiados tem se diferenciado e tendem a se espalhar gradualmente. No âmbito econômico, encontramos os motivos políticos, bélicos e ambientais. Essa questão da mobilização dos refugiados tem sua existência nos conflitos armados os quais são violentos, como exemplo temos Síria que provoca o deslocamento de milhões, porém outras causas aparecem nesse processo, tais como a indução de pessoas a migrar de diferentes países permeados por agressão. Portanto, entende -se que a reprodução do esquema antigo de uns viverem da destruição dos outros continua, esta forma de invasão e de delimitação de fronteiras políticas ocorre, na sociedade contemporânea, de maneira organizada pelos Estados. Dessa forma, para o autor, todas essas movimentações dos povos têm uma leitura antropológica e ético-social, acontecem de uma ética de violência, de subjugação do outro. O juízo negativo de tudo isto nos diz que o migrante não se moveu pela moção da vida e nem o autóctone o acolheu pela moção da vida, não se construiu no passado um pensamento que fosse capaz de integrar esses migrantes e as movimentações de povos.

Na lógica da conjugação dos migrantes e refugiados, o autor observa que houve uma mudança no acolhimento e tratamento em relação ao passado, é nítido os esforços para que seja um tratamento decente, resultado de uma sensibilidade ética que deu espaço a uma mentalidade nova que entende a importância dessas mobilizações na globalização. Esse novo processo está de certa forma melhor do que a lógica antiga da subjugação, dentro de um contexto humanista e moderno, encontramos o horizonte da lógica da conjugação com o outro, isto é, uma forma de humanizar a vida dos refugiados e migrantes. Foi um trabalho de esforço de diferentes órgãos tais como, da Organização das Nações Unidas, Igrejas Cristãs e movimentos de integração de índole diversa.

Como fundamento da ética, esse novo processo tem como raiz a reciprocidade, a capacidade de refletir sobre a convivência, de tratar o Outro nas mesmas circunstâncias de que gostaria que fosse tratado, uma integração em que todos os conjugados fossem colocados abaixo

dessa mesma razão. Porém mesmo com essa mudança, Cunha (2016, 23) aponta dois aspectos que não são satisfatórios:

1. O individualismo, entende-se aqui o individualismo que seria a incapacidade de comunicação entre seres humanos, o outro continua na sua autoridade e para além de uma comunicação coletiva, isto é, a humanidade se afasta da fraternidade que é a descrição teológica das relações humanas. Resultantes em comportamentos agressivos e terroristas presenciados nos últimos tempos;

2. Seu caráter abstrato, o conhecimento do outro, a sensibilidade mútua e consentimento de humanidade comum, passa a ser um conhecimento por representação, não havendo qualquer possibilidade de um diálogo inter-religioso, nas diferentes culturas e riquezas compartilhadas.

Por fim, o horizonte da lógica da confabulação é visto pelo autor como a proposta mais importante no movimento da integração das mobilizações. Como Cunha (2016, 23) mesmo define:

confabulação” a tarefa de partilha da palavra que funda a existência de todos os seres humanos, para lá das suas diferenças culturais e religiosas, mas mantém a descrição bíblica da comum origem e do comum destino de todos.

Segundo Cunha (2016), o acolhimento do Outro é um percurso e tarefa ainda não terminado, e o aspecto essencial da existência humana é colocado como causa. O Outro referenciado apresenta diferentes aparências: o pobre, o excluído, o desempregado, o diferente, porém, o Outro mais problemático dos nossos dias é o refugiado e o migrante.

Quanto a tradição bíblica e cristã, J. Cunha, afirma a existência de elementos tanto decisivos quanto esquecidos no âmbito da questão, tais como, o processo dos mandamentos, o Decálogo e exemplos de migrantes que mudaram a história do país que o recebeu, como José no Egito, a quebra de paradigmas na pessoa de Jesus Cristo, que mostrou a importância de cumprir a lei sem falhar com a sintonia com o outro, dando como exemplo o bom samaritano, que tal a vítima socorrida, também era vítima, pois estava a par da sociedade, mesmo que em outros moldes.

Jesus Cristo “inaugura” a era da aceitação do Outro, independente de cor, da raça, da condição social: Zaqueu o publicano, a mulher do fluxo de sangue, a samaritana, etc., como diz Cunha (2009, 98) a ação de Jesus Cristo, e não o seu ensino, está na origem da ética, a ressurreição de Jesus Cristo é também a ressurreição dos mortos, na vida ressuscitada Jesus Cristo é o novo

Adão, isso implica em dizer, o ser humano na sua verdade individual, familiar e social, o professor defende que é exatamente aí que a religião e a razão encontram o seu lugar e tempo definitivos que inovam o passado e estrutura o futuro.

1.6. Situação Atual da Migração e Refugiados

De acordo com Nascimento «et al» (2023, 22), «o século 21 é sem dúvida o tempo da mobilidade humana»; defendem que nunca houve tantas pessoas fora do seu país de origem, são quase 300 milhões de pessoas circulando pelo mundo. Essa mobilidade deve-se «a nova configuração do poder globalizado, a precarização do mundo do trabalho, a perda de direitos conquistados historicamente, a concentração de riquezas e o empobrecimento de grande parte da população mundial», entretanto, soma-se a essa lista «o recrudescimento das políticas de restrição adotadas por muitos países que sempre foram rotas preferenciais da população migrante». Esse fluxo migratório contrapõe-se às políticas de restrição.

Segundo o Nascimento «et al» (2023, 239) em 2015 o deslocamento Global foi de 65,3 três milhões de pessoas vitimadas pela perseguição, conflitos armados, violência generalizada ou violação dos direitos humanos, desses 65,3 milhões, 21,3 milhões são refugiados e 5,5 milhões oriundos do conflito armado na Síria. O Afeganistão ocupa o segundo lugar com 2, 5 milhões de pessoas deslocadas.

1.6.1. Breve História da Migração e Refugiado no século 21.

“A história da humanidade é feita de uma sucessão de migrações” Eva-Maria Geigl²⁸. O processo migratório é tão antigo quanto a existência da humanidade. O homem sempre migrou, sempre saiu do seu território, em busca do melhor, do ouro, das pedras preciosas, de novas terras, etc. A família real portuguesa por exemplo migrou para o Brasil no ano de 1808, no período de Napoleão Bonaparte, antes de tal evento; os portugueses abriram as portas da migração no Brasil, com a colonização, e introdução dos escravos. A verdade é que houve um tempo que os europeus via nas américas uma porta de escape. Muitos europeus, «Estima-se que entre 1846 e 1875, cerca

²⁸ O Correio da UNESCO

Acedido a 30 de setembro de 2024.

«Histórias de migração». https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000379276_por.

de 9 milhões de pessoas deixaram a Europa»²⁹ principalmente italianos, cruzaram fronteiras, para chegar ao Brasil, à Argentina e aos Estados Unidos da América, em busca de “Fazer a América”.

Entretanto, parece correto dizer que a história da imigração no século 21 tem seu porto seguro na ausência de mão de obra na Europa e nos Estados Unidos. Segundo Haas (2024, 59), a imigração crescente que se ouve nas media não é um fenômeno natural e espontâneo mas sim um movimento de recrutamento que foi deliberadamente provocado pelos países que hoje recebem imigrantes de forma massiva, uma vez que a crescente ausência de mão de obra está no topo. Haas (2024) defende que os imigrantes não se limitaram a aparecer ou a chegar, eles foram procurados de uma forma ativa nos seus países de origem, para prestar trabalhos; procura essa que começou após a Segunda Guerra Mundial e somatizando com o «desmantelamento dos impérios coloniais britânico, francês, holandês, belga e português ». Vale lembrar que no contexto da Europa na Primeira e na Segunda Guerra Mundial franceses e britânicos ainda dentro do sistema de Colonialismo recrutaram centenas de milhares para lutar. Haas (2024, 60) comenta que foram recrutados soldados «senegaleses malianos marroquinos argelinos e tunisianos», cerca de dois milhões indianos, dos quais morreram 24.000 e cerca de 30.000 jamaicanos e outros caribenho, foi uma imigração grande para a guerra e para defender os interesses da Europa. A escassa mão de obra levou as indústrias e as empresas mineiras da Alemanha, Países-Baixos, Bélgica, Suíça e Suécia a pressionarem os governantes para assinar acordos relativos aos imigrantes convidados, Itália, Espanha, Portugal, Grécia e ex-Jugoslávia

Quando voltamos a olhar para imigração nos Estados Unidos, Haas (2024, 62-63) nos permite perceber que da mesma forma que a Europa tinha supremacia sobre as suas colônias, mesmo depois da independência, de modo semelhante à hegemonia mundial se via em grande escala nos Estados Unidos da América, e acaba por moldar os padrões migratórios no século 20 na América. Depois da Guerra Hispano-Americana de 1898, os Estados Unidos ocuparam Porto Rico e Filipinas provocando, assim, o recrutamento em grandes escalas de trabalhadores, de modo semelhante a imigração da Coreia para os Estados Unidos deu-se por conta do recrutamento de mão de obra ativa. O México que, na atualidade, representa um problema para os Estados Unidos, teve 4,5 milhões dos seus jovens recrutados para trabalharem na agricultura e na manutenção das vias-férreas em 24 dos seus estados.

²⁹ Marco Cabral dos Santos. «Imigração: Italianos, alemães e japoneses substituem trabalho escravo», Acedido a 30 de setembro de 2024, <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/imigracao-italianos-alemaes-e-japoneses-substituem-trabalho-escravo.htm>

Segundo Cunha (2016, 20), quando o tema é migração e refugiados, parece que esse movimento acontece em torno de uma dominação de povo sedentário sobre o povo desalojado, porque não dizer povos menos favorecidos. Cunha (2016, 20) defende que tanto a migração quanto o acolhimento de refugiados «acontecem num contexto de estratégia que se caracteriza pela ignorância do outro ou mesmo pelo esmagamento do outro». O ciclo da subjugação do outro continua, o mais forte dominando o mais frágil. Seguindo esse raciocínio, Wilkerson (2020, 32) tem razão quando afirma que «a origem do descontentamento humano são as castas».

Um sistema de castas é uma construção artificial, um ranking fixo e enraizado do valor humano que estabelece a presumível supremacia de um grupo contra a presumível inferioridade de outros com base na ancestralidade e em traços inalteráveis, traços que seriam neutros num plano abstrato, mais que adquirem um significado de vida ou morte numa hierarquia que favorece a casta dominante já anteriormente concebida. Um sistema de castas usa fronteiras rígidas, muitas vezes arbitrárias, para preservar a separação dos grupos, distintos uns dos outros nos seus respectivos lugares .

Destarte, a Pastora defende que o problema da migração e refugiado é mais que uma questão política, legal, técnica, administrativa ou de castas; é uma questão histórica, religiosa e ética.

1.6.2. Condições da Migração e Refugiados na Atualidade

Durante a década de 1960 e a primeira metade da década seguinte, até a crise econômica mundial, deflagrada em 1974, os países desenvolvidos da Europa acolheram de braços abertos quem para lá quisesse ir trabalhar e legalizaram rapidamente os imigrantes ilegais. A situação atual é, portanto, anômala na história do capitalismo: enquanto a circulação de capitais se beneficia de uma mobilidade total, a circulação de mão de obra tornou-se alvo de severas restrições e os países evoluídos cercaram-se com barreiras legislativas e policiais rigorosas. São flagrantes o antagonismo entre as leis de imigração e o funcionamento do mercado de trabalho. São centenas de milhares as pessoas que morrem na travessia, no deserto, no Mediterrâneo, asfixiados dentro de containers ou em embarcações que vão a pique³⁰.

³⁰ Eduardo Vera Cruz Pinto, «Refugiados, Imigrantes E Igualdade Das Pessoas - Estudos Em Homenagem A António Guterres»,
Acedido a 30 de setembro de 2024,
https://www.academia.edu/93689204/Refugiados_imigrantes_e_igualdade_dos_povos_estudos_em_homenagem_a_Ant%C3%B3nio_Guterres?uc-sb-sw=4791417

1.7. O Problema da Migração e Refugiado em diferentes autores.

Discutimos a relevância do problema da migração e dos refugiados e o quanto esse problema é amplamente discutido por diferentes autores. Abordaremos, no texto, diversas perspectivas, causas e suas consequências tanto no âmbito social, político e econômico.

1.7.1. Isabel Wilkerson - Castas

Segundo Wilkerson³¹ (2020, 344), com a chegada dos africanos à colônia da Virgínia em 1691, deu-se início ao sistema de castas americano; quando a colônia decidiu quem poderia ser «escravizado para vida e aqueles que não». Os africanos foram alvos de uma imigração forçada, onde foram medidos por baixo em relação aos ingleses e irlandeses, que, no início, também trabalhavam em regime de servidão; mas acabaram por ter um contrato diferenciado dos africanos. Dessa forma os europeus foram fundidos numa nova identidade que reconhecia a característica branca e no outro extremo oposto os negros africanos. Wilkerson (2020, 32) afirma que a origem do descontentamento humano são as castas, gerando uma busca desenfreada por ser e ter. Wilkerson comenta:

Um sistema de castas é uma construção artificial, um ranking fixo e enraizado do valor humano que estabelece a presumível supremacia de um grupo contra a presumível inferioridade de outros com base na ancestralidade e em traços inalteráveis, traços que seriam neutros num plano abstrato, mais que adquirem um significado de vida ou morte numa hierarquia que favorece a casta dominante já anteriormente concebida. Um sistema de castas usa fronteiras rígidas, muitas vezes arbitrárias, para preservar a separação dos grupos, distintos uns dos outros nos seus respectivos lugares. (wilkerson 2023:32)

1.7.2. Douglas Murray

Murray³² (2018, 9-10) defende que o problema da migração e refugiado, não são os imigrantes e os refugiados;

...a Europa sempre esteve à beira da morte, a própria Europa por si só se mata, se suicida; ao olhar para o contexto do final da I e II Guerra Mundial, a Europa precisou de imigrantes, para não morrer asfixiada, pelo seu próprio veneno.

³¹ Anexo D

³² Anexo F

Abrir a porta quando se precisa de ajuda é fácil, abrir a porta quando o outro precisa de ajuda é uma invasão.

Stefan Zweig disse: «...«A Europa parecia-me estar condenada à morte devido à sua própria loucura, a Europa, a nossa Santa Pátria, o berço e o Pártenon da civilização ocidental»...» (Murray 2018, 9). Zweig, refugiou-se na América do Sul, Argentina e Brasil, onde sua esperança foi renovada, uma vez que pode ver ramificações da sua cultura nesses países de acolhimento. Mas a catástrofe anunciada por ele, se vê. «A Europa de hoje não tem a mais pequena vontade de se reproduzir, de lutar por si mesma ou sequer de tomar partido numa discussão» (Murray 2018, 9); Zweig proferiu essas palavras em 1942, no cenário da pós Segunda Guerra Mundial.

O problema da migração e refugiados na Europa, segundo Murray (2018, 11-18), é que a Europa perdeu a:

1. «fé nas suas crenças», só na Grã-Bretanha o número de cristãos caiu de 37 para 33 milhões; o Cristianismo entrou em colapso, por parte de seus seguidores, dando um espaço grande para que 2001 e 2011, o islã, em Inglaterra e Gales crescesse de 1,5 para 2,7 milhões, sem mencionar os Muçulmanos ilegais, uma vez que esse número é o oficial; e na altura contasse com 1 milhões de pessoas ilegais.
2. «fé na tradição».
3. «legitimidade».
4. «peso da culpa pelo seu passado».
5. «cansaço existencial» e
6. «sentimento de que talvez a história da Europa tenha chegado ao fim, e que se deve permitir que uma nova história começa».

1.7.3. Hein de Haas

Hein de Haas, nasceu nos Países Baixos, é sociólogo, diretor do IMI, especialista em migrações, reconhecido como um dos principais estudiosos da migração em nível mundial. Em uma entrevista de edição especial, Isto Não é Assim Tão simples, da Fundação Francisco Manuel dos Santos sob o tema: «Migrações não é assim tão simples», realizado no auditório da Faculdade de Medicina Dentária da Universidade de Lisboa, disse: "A migração é uma parte integrante daquilo que somos enquanto seres humanos e sociedades."³³ «Não há nada mais permanente do que um migrante temporário. Não criem ilusões de que uma boa parte dos migrantes não veio para ficar»³⁴.

³³Fundação Francisco Manuel dos Santos.
Acedido a 30 de setembro de 2024.

<https://www.youtube.com/shorts/KhRHDSEVZNs>.

³⁴ Hein de Haas: «Migrações não é assim tão simples»

Haas (2024) comenta que a migração é um investimento em um mundo melhor, para todos que migram, sem exceção; migração não é um movimento migratório de pobres, pois a maioria dos migrantes, não são necessariamente pobres, mesmo no contexto de África, também não são incultos, quanto à pobreza, a qual impede a migração. Haas (2024, 132) defende que «os mais escolarizados mudam muito mais do que os menos escolarizados, e isso também é verdade para África, para América Latina». Ao nosso ver, existe uma superioridade europeia, americana, que revela o imigrante, abaixo da média. Porque não dizer: os necessitados, inferiores, incultos. Não será correto dizer, que esse olhar está invocando a supremacia da raça? Terá Isabel Wilkerson, razão, em sua afirmação que a origem dos problemas é sua visão de Castas? Haas frisa que a imigração é feita por pessoas que não cabe na visão de migração europeia, e americana, afinal: «a migração é cara e requer uma mentalidade específica e que normalmente vem com a educação, então a migração é desenvolvimento» (Haas 2024, 132), faz-se necessário uma mudança de mentalidade do país receptor.

A imigração é um processo, cabe a cada um perceber esse processo, como uma miríade de possibilidade, de perspectivas de um devir próspero, em razão de um processo mutável e disruptivo ao longo dos séculos. «ter uma economia rica de mercado aberto como a que temos na Europa Ocidental e ao mesmo tempo não querer ter imigração, são duas coisas que você não pode ter ao mesmo tempo» (Haas 2024, 132).

Segundo Haas (2025, 31-463), no seu livro, Como Funciona Realmente A Migração, lista 22 mitos, que sobrevivem sobre a imigração, ele aborda o mito a o pano de fundo em que mito aparece, a origem no que se refere aos políticos, aos grupos de interesse e às organizações internacionais que, na verdade, criam, recriam e reciclam tais mitos.

Hass (2023) abordou como realmente funciona tais mitos, recorrendo a dados fornecidos pela história, antropologia, sociologia, geografia, demografia e economia. Os Mitos segundo Haas (2023, 31-464) são:

1. A migração atingiu o ponto mais alto de todos os tempos.
2. As fronteiras estão incontroláveis
3. O mundo está a enfrentar uma crise de refugiados.
4. As nossas sociedades estão mais diversificadas do que nunca.
5. O desenvolvimento nos países pobres reduzirá a migração.
6. A imigração é uma fuga desesperada da miséria.
7. Não precisamos de trabalhadores migrantes.
8. Os imigrantes roubam postos de trabalho e fazem descer os salários.

9. A imigração mina o Estado-providência.
10. A integração dos imigrantes falhou.
11. A migração maciça gerou segregação maciça.
12. A imigração faz disparar as taxas de criminalidade.
13. A imigração conduz a uma fuga de cérebros³⁵.
14. A imigração melhora a vida de todos.
15. Precisamos de imigrantes para resolvermos os problemas de envelhecimento das sociedades.
16. As fronteiras estão a fechar-se.
17. Os conservadores são mais duros em relação a imigração.
18. A opinião pública virou-se contra a imigração
19. O contrabando é a causa da migração ilegal.
20. O tráfico é uma forma de escravatura moderna.
21. As restrições fronteiriças reduzem a imigração.
22. As alterações climáticas irão conduzir a migração maciça.

1.8. A Situação Atual dos Migrantes Autóctones, da Etnia Cigana em Portugal, é um Problema Interno

A presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, na véspera do Dia de Memória do Holocausto dos Ciganos de 2020 questionou: onde está a essência da humanidade, quando todos os dias a população cigana é excluída da sociedade e outros são preteridos simplesmente devido à cor da pele ou à sua convicção religiosa?³⁶

No Dia Internacional do Cigano (24/06), o presidente da república, Marcelo Rabelo de Sousa, veio a público lembrar aos portugueses o contributo dos ciganos na construção do país e pede combate às discriminações, pois os ciganos são portugueses, instalados no país há mais de cinco séculos³⁷.

A pastora que, em sua congregação, recebe ciganos, assevera que os portugueses estão para os ciganos como, «os 80% dos americanos brancos, estão para os afro-americanos, nutrindo um preconceito inconsciente, preconceito automático que é acionado antes de uma pessoa ser capaz de processá-lo» (Wilkerson 2020, 204). O preconceito inconsciente, automático é no auge assustador, uma vez que contribuiu para a disparidade na contratação, habitação, educação,

³⁵ Emigração de indivíduos instruídos e dotados, do seu país de origem para um país terceiro por motivos de conflito ou de falta de oportunidades, entre outras. OIM. Página 30.

³⁶ Ursula von der Leyen, «Uma União da igualdade: Quadro estratégico da UE para a igualdade, a inclusão e a participação dos ciganos»
Acedido a 30 de setembro de 2024,

<https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/HTML/?uri=CELEX:52020DC0620>

³⁷ Jornal Observador, «Marcelo recorda contributo dos ciganos na construção do país e pede combate às discriminações»,

Acedido a 30 de setembro de 2024,

<https://observador.pt/2024/06/24/marcelo-recorda-contributo-dos-ciganos-na-construcao-do-pais-e-pede-combate-as-discriminacoes/>

tratamento e atendimento médico. Wilkerson (2020, 204), comenta que segundo David R Williams sociólogo de Harvard, dizse «...“Todos os grupos de minorias étnicas raciais são estereotipadas de forma mais negativas do que os brancos”...», dando especial destaque para os negros, latinos e asiáticos (Wilkerson 2020, 204-205); parece-nos legítimo acrescentar a essa lista os ciganos, não só no contexto português, mas pelo mundo.

Segundo Fernandes (1996, 15), «os portugueses não são racistas, se... os ciganos forem postos bem ao largo». Em 1995, portugueses que viviam perto de acampamento cigano, responderam ao público e a Universidade Católica, durante um inquérito: «36,4% afirmaram ter por eles antipatia, 54% não gostariam de ver um(a) filho(a) casar-se com um(a) cigano(a), a maioria confessou haver ciganos a mais em Portugal e três quartos dos inquiridos responderam que os ciganos têm ou bastante tendência para roubar, cometer atos violentos ou traficar droga». Os ciganos estão estereotipados, Liégeois (1989) considera que, para os ciganos, é mais fácil conformar-se às expectativas dos outros do que lutar contra elas, resultando daqui comportamentos aparentemente coincidentes com os desejos das imagens manipuladas, Ramirez, cigano quanto a isso diz: “a falta de espírito de luta e rebelião contra as estruturas criadas, em parte, por nós próprios, e impostas, por outro lado, pelo egoísmo de uma sociedade” (Ramirez «et al» 1974, 39)...»³⁸.

Estima-se que existe de 10-12 milhões de ciganos na Europa, e são alvos constantes de discriminação, o anticiganismo, marginalização e a exclusão socioeconómica. Na Romênia, por exemplo, criaram muros para separar os ciganos dos restantes dos habitantes³⁹. A Comissão Europeia, apela a todos os Estados-Membros da União Europeia, o cumprimento da de somar no compromisso de erradicar o racismo e a discriminação contra os ciganos⁴⁰.

³⁸ Vila Verde, Manuel Carlos Silva, Susana Silva. «Práticas e Representações Sociais Face Aos Ciganos. O Caso De Oleiros, Universidade do Minho», Revista Antropológicas n.º 6, 2002.
Acedido a 30 de setembro de 2024.

<https://revistas.rcaap.pt/antropologicas/article/download/884/690/>.

³⁹ Anexo P- 06

⁴⁰ Comunicação da Comissão ao Parlamento Europeu e ao Conselho Uma União da igualdade «Quadro estratégico da UE para a igualdade, a inclusão e a participação dos ciganos»,

Acedido a 30 de setembro de 2024,

https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/HTML/?uri=CEL_EX:52020DC0620&from=.

CAPÍTULO 2 – MOBILIDADE HUMANA: COMO TRATAR O OUTRO?

Neste capítulo, será abordado a questão de como tratar o Outro, isto é, como se dá a compreensão da condição humana diante do contexto da Migração e Refugiado e de como entender as percepções de nós mesmos no sentido de sermos nômades ou sedentários, e qual é a relação do processo migratório e das diferentes fronteiras e contextos. Descreve-se, ainda, a importância do papel da Igreja em abrir fronteiras e ser ponte, por meio de um panorama bíblico utilizando exemplos que vão tratar do tema e da ética moral de Jesus diante da migração.

2.1. Como Perceber a Condição Humana Como Migrante?

Será possível perceber a condição humana como migrante? Sem ser migrante? Será que existem verdadeiros autóctones? Todos nós de alguma forma somos migrantes, pois migramos constantemente, perto ou mais longe. Contudo, podemos ser diretivos, para ser mais assertivos. Faz-nos sentido trazer a história que Graciliano Ramos, nos conta em *Vidas Secas*, trabalhada por Mello e Becker, na revista *Humanística e Teologia* (2016,101-113), onde analisamos efeitos do padecimento na subjetividade dos retirantes: Fabiano, Sinhá Vitória, dois filhos e a cadela Baleia, que sente, pensa, e porta-se como ser humano e por fim, morre vítima do seu dono, o senhor Fabiano, que foi vítima do patrão. Esses migrantes fogem da seca, da fome, da polícia, da miséria, do anonimato, da injustiça social. Em busca de uma cama, a cama igual à do seu Tomás da Bolandeira, esse era o sonho da Sinhá Vitória.

Precisamos tomar a decisão de perceber como autóctones e como migrantes, para estarmos abertos para as mudanças. Olhar para a história de *Vidas Secas*, nos ajuda migrar. Colocarmos no lugar do Outro é um treino, para perceber o Outro; enquanto migrantes, lembramos que fomos autóctones. Enquanto autóctones, lembramos que não somos tão puros, como pensamos ser.

2.1.1. Como Perceber a Nós Próprios, Nômades ou Sedentários

Migrante, eu? Refugiado, eu? Autóctone, eu? Hoje é o Outro, amanhã poderá ser Eu ou Você (na verdade a Pastora é imigrante e emigrante, com sentimento de ser autóctone, Ela está em ambos os lados, pelo menos é assim que Ela sente⁴¹). Sentir simpatia, ou melhor ainda

⁴¹ A pastora é imigrante desde os seus 19 anos, primeiro na Guiné-Bissau, depois em Portugal desde 1999 e em 2020 adquiriu nacionalidade portuguesa.

empatia, amar o “Outro” como a nós mesmos, ter compaixão, permite-nos colocarmo-nos no lugar dele. Assim sendo é possível, ficarmos mais misericordiosos, mais gratos, mais humanos e sem dúvida mais cristãos. Não podemos matar o migrante, o refugiado, como já o “fizemos” no passado com Jesus Cristo, Ele “migrou” para terra, “refugiou” entre sua criação, que movidos pelos diversos pecados, o rechaçam, o condenam, o expulsam, e o negam como seu próximo, e por fim o matam. Não podemos repetir essa ação⁴². Aqui nesta terra todos somos migrantes, todos somos refugiados, não somos autóctones, aqui não é nosso lar, aqui somos forasteiros/estrangeiros, não estamos no lar que Jesus foi preparar para nós (Jo 14, 2-3), para lá voltaremos, nosso verdadeiro lar é o céu, assim podemos cantar: Vou voltar para onde é meu lugar...⁴³.

Sou estrangeiro e estou por aqui de passagem. Longe estou do meu lar...
Cantarei com aqueles que foram. Estrangeiros como eu e você.
Mas viveram com fé na promessa. E venceram o mundo também⁴⁴

O mundo é um grande lar, onde treinamos para viver no nosso verdadeiro lar. Ter empatia, servir o imigrante ou refugiado é servir a nós mesmos, é plantar em nossa própria vida e na Fronteira das Vidas. A migração segundo Dias e Pizzutti (2020, 11) é um processo conatural à vida de indivíduos ou grupos desde o passado e tende a continuar no futuro, porque não há fronteiras para o anseio humano por dias melhores. Por isso mesmo, há quem defina a espécie humana como «espécie migratória».

Para a Pastora “Nós Próprios” diz a respeito à todas as pessoas do mundo, que pertence a um Estado: que professa comprometimento com os direitos humanos; que assinou a Declaração Universal de Direitos Humanos (1948); que está comprometido com o direito internacional, que se preocupam com os abusos e violações de direitos humanos ao redor do mundo; que é participante do mercado global e acreditam que participando dele estão exercendo alguns ou todos os seguintes direitos fundamentais tais como direito a fazer contratos, direito à propriedade privada, direito de formar associações para benefício mútuo, direito de comprar e vender, direito a investir, direito de mobilidade para buscar novos mercados dentre outros; aos governos dos Estados da União Europeia e de outras democracias europeias. (Mervyn Frost 2016)⁴⁵

⁴² A pastora diz isso de forma “poética”, pois tem a consciência que Jesus Cristo, veio cumprir sua missão, morrer e ressuscitar.

⁴³ Prisma Brasil. 2021. «Meu Lar»
Acedido a 30 de setembro de 2024,
<https://www.youtube.com/watch?v=LaohHWLVJ4A>.

⁴⁴ Anexo C. Na Íntegra.

⁴⁵ Mervyn Frost. «Pensando eticamente sobre refugiados: um caso para a transformação da governança global», TRAVESSIA - Revista do Migrante - No 79 - Julho - Dezembro / 2016.

2.1.2. A Condição Humana dos Imigrantes aos olhos dos Portugueses

Segundo uma conhecida autora, os portugueses podem ser definidos do seguinte modo:

Esta Gente⁴⁶
Esta gente cujo rosto
Às vezes luminoso
E outras vezes tosco
Ora me lembra escravos
Ora me lembra reis
Faz renascer meu gosto
De luta e de combate
Contra o abutre e a cobra
O porco e o milhafre
Pois a gente que tem
O rosto desenhado
Por paciência e fome
É a gente em quem
Um país ocupado
Escreve o seu nome
E em frente desta gente
Ignorada e pisada
Como a pedra do chão
E mais do que a pedra
Humilhada e calcada
Meu canto se renova
E recomeço a busca
De um país liberto
De uma vida limpa
E de um tempo justo.

Essas palavras, brotaram da mente, da pena de Sophia de Mello Breyner Andresen⁴⁷, uma das mais importantes poetisas portuguesas do século 20. Seu bisavô, Jan Heinrich Andresen, um dinamarquês que migrou para o Porto, escreveu uma história de recomeço bem-sucedido, que chegou até Sophia, hoje tão aclamada como verdadeira portuguesa. Lembrar dela no contexto português é lembrar que ela foi a primeira mulher portuguesa a receber o mais importante galardão literário da língua portuguesa, o Prémio Camões, em 1999; é lembrar que foi eleita deputada à Assembleia Constituinte pelo Partido Socialista. Engraçado, ela é fruto de imigração; uma imigração bem-sucedida, de aculturação, a prova é ela mesma, e a sua escrita.

Segundo António, «et.al.» (2011, 70,75), em 2011 a maioria dos portugueses eram favoráveis à diminuição do número de imigrantes no país; este posicionamento dos portugueses face à imigração, na altura, não anula o reconhecimento positivo, que os mesmos teciam, do

Acedido a 30 de setembro de 2024.

file:///C:/Users/krism/Downloads/lepidus,+09_32+Mervyn+Frost.pdf.

⁴⁶ Andresen, Sophia de Mello Breyner. in "Geografia", de 1967.

⁴⁷ Andresen. Sophia, Mello Breyner.

ponto de vista econômico e cultural. O não ser favorável, dizia a respeito da ausência de direitos legítimos, para os imigrantes no trabalho; economicamente desejavam condições nos meios trabalhistas, uma vez que os mesmos reconheciam: «...os trabalhadores estrangeiros em Portugal são, em grande parte, complementares da população ativa portuguesa (...). Em certos sectores particularmente qualificados (...) e nalguns tipos de profissões não qualificados (...) os estrangeiros parecem estarem a substituir a população portuguesa».

Em verdade os portugueses desejavam a integração dos imigrantes na cultura portuguesa, sem abdicar da sua, mas respeitar a cultura para a qual estavam inseridos, podendo manter traços característicos de sua cultura de origem. Há no país homens e mulheres que abraçaram a causa da migração e refugiados, não cruzam os braços, não baixam guarda, Timóteo Macedo⁴⁸ comentou, frente ao Plano de Ação para as Migrações apresentada ao país: «Penso que este plano da imigração deste Governo foi uma traição ao espírito solidário e humanista do povo português», «traição àquilo que estava a ser feito» e uma «traição à luta dos imigrantes», que «lutaram muito» criticou.

2.1.3. Compreendendo a Migração no Contexto Português

A imigração, não é novidade, é um processo que atravessou os séculos. O primeiro fluxo migratório de Portugal está fechado nos Descobrimentos, onde povoaram as ilhas atlânticas, da África, da Ásia e do Brasil, levando sua cultura e língua, que é visto em pleno século 21. O segundo fluxo migratório do povo português, se deu no século 19, para o Brasil, e perdurou até os anos 50, do século 20; a pressão demográfica e o desejo de melhoria, somatizados nesse êxodo. Entretanto, nos anos 1960 do século 20, houve outro fluxo migratório, e dessa vez dentro da Europa, França, Alemanha, Luxemburgo e Suíça, esse fluxo deu-se também pelo regime político da altura, uma fuga da guerra colonial e do regime político opressivo.

Nos anos 1970, 1980 e 1990 do século 20, Portugal não emigrou, pelo contrário, recebeu imigrante de diversos países, que vieram por conta do 25 de Abril, da descolonização, da adesão à União Europeia, bem como o recebimento dos fundos comunitários; A construção de grandes investimentos, como por exemplo a Expo 98, a ponte Vasco da Gama, e outros; e a globalização da economia mundial. Mas no século 21, em consequência da atual crise e do desemprego, os

⁴⁸ Timóteo Macedo. «Solidariedade Imigrante acusa Governo de traição com Plano para as Migrações»
Acedido a 30 de setembro de 2024.
24<https://24.sapo.pt/atualidade/artigos/solidariedade-imigrante-acusa-governo-de-traicao-com-plano-para-as-migracoes>.

portugueses voltam a experimentar outro fluxo migratório, desta vez os jovens licenciados encabeçam a lista, que vão rumo a Europa, Brasil, Angola, Países do Golfo, deixando Portugal no papel de saída.

Nos anos 1970, 1980 e 1990 do século 20, que Portugal não emigrou, recebeu os provenientes das antigas colônias, os cabo-verdianos encabeçaram essa lista e continuam na atualidade, e muitos outros povos, atravessado pelas construções. Outro fluxo de imigrantes foi nos anos 1980 do século 20, por parte dos brasileiros, que usufruíram o regime de isenção de vistos para a sua entrada, entravam como turistas e acabavam por ficar. Segundo Haas (2023) «Não há nada mais permanente do que um migrante temporário. Não criem ilusões de que uma boa parte dos migrantes não veio para ficar»⁴⁹. Os brasileiros e outros evidenciam essa colocação, eles permaneceram e dedicaram-se sobretudo a atividades no âmbito da restauração, da construção civil e do comércio. Imigrantes do Leste da Europa, Ucrânia, Moldávia, Rússia e Roménia, inseridos na construção civil, nos trabalhos de limpeza e na agricultura, devido à língua, mesmo possuindo um grau de instrução muito superior à média portuguesa. Nos anos 1990, outro fluxo migratório chegou por via terrestre originários da China, da Índia e do Paquistão⁵⁰.

2.2. Fronteiras Política, Económica, da Vida

Vale a pena destacar que o medo, insegurança, desconfiança do autóctone, não é irreal, mesmo porque os perigos existem e são distintos. Os problemas de natureza económica, social, política, as diferenças religiosas, étnicas, os extremismos, os atos de terrorismo, sabotagem, crime organizado, a própria clandestinidade, o comércio ilegal de drogas, armas tráficos de pessoas para fins diversos, etc ⁵¹. O deslocamento em massa, quando se trata de refugiados de guerra, desastre ambientais, etc., que acaba por desestruturar e impactar o meio ambiente do Estado receptor, uma vez que nem sempre o mesmo reúne as condições adequadas para receber tantas pessoas, causando um problema para o Estado, para os autóctones (Pentinat, 2006).

A Dra. Vieira (Amaral.2021. Entrevista)⁵², psicóloga, socióloga, que defendeu sua dissertação de mestrado em sociologia acerca da mulher refugiada, defende, que dentro do seu

⁴⁹ Hein de Haas. «Migrações não é assim tão simples»,
Acedido a 30 de setembro de 2024.

https://www.youtube.com/watch?v=CTh38_2oyDM4

⁵⁰ Mateus, Diogo. «Migrações». (mai. 2016).

<https://pt.slideshare.net/slideshow/migraes-62582427/62582427#16>.

⁵¹ Revista militar 2003– Volume 55- Edições 1-4)

⁵²Amaral. Cristina. 2021. "Simpatia ou Empatia pelo Migrante ou Refugido?"

contexto ela não vê perigo, vê a necessidade de desconstruir esse medo do perigo. Cunha (2016, 32-33), no entanto, destaca os que querem apenas aproveitar das mãos estendidas e os que negam o apoio de determinados países que lhes abrem as portas, querendo um outro, isso em relação aos refugiados; o que dá a entender que existe a questão da prepotência; ou seria a nossa dificuldade de ver sua cosmovisão e sonhos?

Cunha (2016, 33) indaga a necessidade de haver fronteiras, e comenta que é possível ver a fronteira de duas maneiras: com limite ou com barreira. Ele destaca que «o limite é o fim e o princípio de um território», entretanto, a barreira «é a limitação injusta que impede o legítimo direito de circulação», afirma que o que distingue limite de barreira é a paz; «o limite assinala o fim e o princípio do que quer circular em paz» já a «barreira impede o que quer circular para destruir o outro». O papel do limite é ser a pele do ser humano, uma vez que é a pele, que segundo a fenomenologia da vida, delimita a existência do vivente. Cunha (2016) defende que essa pele não pode ser violentada, agredida, pelo contrário, ela pode ser tocada para transmitir ou receber paz, como ele mesmo diz «Shalom do encontro entre o “Eu” e o “Outro”». Ele afirma que toda fronteira política deve ser alicerçada nesse princípio.

2.2.1. As faces dos migrantes e dos refugiados

O descontentamento, a necessidade, as adversidades políticas, ambientais e o desejo de ser “livre”, de ser “alguém”, de construir algo, de ter uma vida melhor, de alcançar alguém com suas crenças, desloca milhares e milhares de pessoas por todo mundo. Pentinat⁵³ (2006), comenta que «há mais de 22 milhões de refugiados e 30 milhões de pessoas deslocadas dentro das fronteiras de seus Estados», esta colocação foi em 2006. A autora enfatiza acerca dos “refugiados ambientais”, citando como exemplo os da Indonésia que foram forçados a sair de suas terras devido às condições ambientais, o tsunami. Os desastres ambientais são distintos e atingem 66% da população mais pobre do mundo, tais desastres variam de secas, pragas, desertificação, desmatamento, erosão do solo, acidentes industriais e nucleares, a deterioração ecológica, aquecimento global, desenvolvendo a fome e conflitos armados, que acaba por repercutir também no ambiente, uma vez que existe bombardeios, destruição de plantas, armas químicas, etc.

2.2.2. Será a construção de muros uma solução?

https://www.youtube.com/live/rT_QjiRUitE.

⁵³ Doutora em direito. Professor de Direito Internacional Público e Relações Internacionais, Faculdade de Ciências Jurídicas, Universidade Rovira y Virgili, Av. Catalunya, 35, 43002 Tarragona (Espanha).

O muro existe para dividir o mundo de dentro, do mundo de fora, para indicar limite, para evitar que se entre sem ser convidado, o muro é uma barreira que indica proteção. No entanto, na atualidade, os muros estão a ser construídos, para barrar os migrantes e refugiados que estão na Fronteira da Vida.

Independentemente de ser ou não a solução, os muros contemporâneos continuam a ser construídos, como a motivação de controlar o fluxo migratório nas fronteiras dos países. O mundo presenciou a queda do muro de Berlim em 1989, o símbolo da Guerra Fria, com alegria, a Pastora tinha seus 18 anos, e mesmo sem perceber o que isso implicava, batia palmas com euforia, afinal o tão famoso muro de Berlim, caiu. O que ela não sabia na altura é que existiam mais 16 muros espalhados pelo mundo, com o objetivo de defender suas fronteiras. Entretanto, na sociedade contemporânea, existem 65 muros construídos, ou em vias de ficarem prontos, espalhados pelo mundo. Até parece, que não se trata de seres humanos. Brígido e Dauber (2016, 89-97) comenta que a «globalização aboliu as fronteiras para a economia, o comércio e as informações. Mas para os seres humanos foram erguidos ainda mais muros». A Pastora destaca cinco muros: 1. Cisjordânia⁵⁴ que começou a ser construído em 2002; 2. dos Estados Unidos com o México; 3. o da Coreia do Sul com a Coreia do Norte; 4. da Espanha-Marrocos: Muros de Ceuta e Melilla⁵⁵ e o 5. construído em 2012 pela Grécia na fronteira da Turquia⁵⁶. No contexto europeu Nuno Cunha Rodrigues, doutor em direito e professor auxiliar da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, destaca a Hungria na fronteira com a Sérvia⁵⁷, que ergueu um muro num total de 175 quilómetros.

«Na Grécia a vedação erguida é de 12,5 quilómetros, junto à aldeia de Nea Vyssa. Em Calais⁵⁸, um muro com 1,5 quilómetros protegia, até há pouco, a “selva”, monumento ao desprezo e à humilhação. Na Bulgária, há um muro que separa parte do país da Turquia, com 30 quilómetros edificadas e um projecto que acrescentará mais 130 quilómetros».

Sande⁵⁹, disse: «... “Confesso a minha estupefação: os muros proliferam na Europa, muros de todos os tipos e formatos, e ninguém parece estranhar. Muitas vezes não são bem muros, mas barreiras de arames farpados. Paredes de betão, fortificações, obstáculos pontiagudos, redondos, retangulares. Muros de vergonha. Muralhas, muros e barreiras sempre o Mundo as construiu. Serviam para barrar o caminho do inimigo, conhecido, desconhecido, por vezes imaginário. O que nunca impediu o inimigo de as ultrapassar?...».

⁵⁴ Anexo M - Foto 01

⁵⁵ Anexo P - 05

⁵⁶ Anexo M - Foto 02

⁵⁷ Anexo O - Foto 03

⁵⁸ Anexo O - Foto 04

⁵⁹ Sande. Paulo, Almeida. 2016. Jornal Observador.

O sociólogo Zygmunt Bauman⁶⁰ diz que «o muro contemporâneo é o símbolo do medo». Ele, «acredita que o caminho seria a promoção de um maior diálogo e solidariedade entre os povos». Afinal, afirma Bauman que «Precisamos construir pontes, não muros».

2.2.3. Os benefícios de abrir as fronteiras para os migrantes e refugiados no contexto das Igrejas.

A fim de melhor tratar do tema, a Pastora conversou com a Dra. Adriane Vieira (Amaral.2021. Entrevista)⁶¹, psicóloga, socióloga, que defendeu sua dissertação de mestrado em sociologia acerca da mulher refugiada. Ao ouvi-la foi possível rever que os benefícios são diversos para o autóctone. Ela parte do ponto que o migrante e refugiado não são uns “coitadinhos”, estão a passar por momentos difíceis, porém tem muito a oferecer, creio que a entrevistada é um exemplo para nós, afinal ela é migrante e está somando, já que está contribuindo na organização social, emocional de todos que estão ao seu alcance, beneficiando o Estado. Outro exemplo é da Pastora, que norteia este trabalho, uma migrante, que quando cumpre seu chamamento como Deus determinou e com respeito que a ética cristã precisa focar (Cunha 2016, 33), Ela é usada para despertar a fé, a alegria, mostrar a capacidade que a “ovelha” possui, afinal Deus capacitou a todos com dons e talentos, levando a “ovelha” a ser melhor para si mesma, para a família, para cidade, para a própria igreja onde está inserido, para o país e para as nações.

A igreja cresce, físico, emocionalmente e intelectualmente. A língua torna-se responsável nesse processo. José F A⁶². Oliver, disse:

Os meus pais emigraram em 1960 e começaram a trabalhar numa fábrica de chapéus. Tinham previsto ficar 2 ou 3 anos, mas nascemos nós, os seus quatro filhos. Conosco vieram outras responsabilidades, sobretudo o desafio de uma boa educação escolar. Nós frequentamos duas escolas: uma escola alemã de manhã e uma escola espanhola de tarde. A minha infância foi uma casa de dois andares. No primeiro falava-se o dialeto alemão da região de Kinzigtal da Floresta Negra, enquanto no segundo a cultura era andaluza. Pode dizer-se que cresci com, entre, e apesar de dois mundos diferentes... Como criança, foi uma aventura, um grande jogo; como adolescente, um dilema vital, por não saber se era espanhol ou alemão; e, como adulto, agora mais maduro, uma enorme riqueza: nutro-me de duas línguas, de duas formas de ser, de duas formas de viver. Lá no fundo, acho que tenho duas mães... Pode dizer se "mátrias? Sim, mátrias. Gosto da palavra.

⁶⁰ Zygmunt Bauman

<https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/geografia-os-muros-que-dividem-o-mundo.htm>.

⁶¹ Amaral. Cristina. 2021. «Simpatia ou Empatia pelo Migrante ou Refugido?»

⁶² Guia para a Inclusão Linguística. Salamanca. 2022.

Dias e Pizzutti (2020:11) são da opinião que os movimentos humanos, forjam:

oportunidades de encontros, de comunhão, de trocas, de diversidade, de criatividade, de exercício da fraternidade universal, da solidariedade, bem como de prática da justiça e do respeito à dignidade própria do humano. Mais que um número de deslocados no espaço geográfico, as migrações representam um movimento de pessoas com uma identidade individual, de culturas, de ideias e de inteligência.

2.3. Personagens das Escrituras Sagrada no Processo migratório e de refugiados

Falar sobre Mobilidade Humana, na migração, no contexto dos refugiados e não lembrar da Escritura Sagrada é um erro incorrigível. Porque a Escritura Sagrada fala do migrante, do refugiado na extensão terrena e espiritual, é extraordinário, é bonito de ver. Logo, não dá para falar sobre migração e refugiados sem falar acerca do pensamento de Deus, sem falar acerca do que a carta de Deus, a Escritura Sagrada diz. Ela norteia a vida da comunidade. Meeke (1987, 12) comenta que «a maioria dos escritos que hoje constituem o Novo Testamento, se não todos, e grande parte dos demais escritos do cristianismo primitivo, tinham por objetivo organizar a vida das comunidades cristãs».

Quando iniciamos a leitura bíblica na ordem cronológica em que ela está, da forma que chegou em nossas mãos, quando nós falamos de migração, nós vamos encontrar o primeiro casal, Adão e Eva (Gn 3,20), que por força da desobediência, necessitou de um novo lar. E é interessante porque o próprio Deus os tirou dali (Gn 3,23), pois havia normas (Gn 2,15-17) dentro do contexto do jardim, e eles quebraram essas normas existentes. Essa ação trouxe uma consequência imediata. Assim sendo, o fato deles quebrarem as normas estabelecidas por Deus acabou por torná-los os primeiros migrantes sobre a terra. Essa migração veio com consequências bastante pesadas, porque, estando no local onde estavam, com as regras, com as normas que havia, e uma vez que eles não obedeceram essas normas, foram expulsos dali, perderam toda a regalia que tinham dentro do seu espaço.

A migração, de Adão e Eva, é uma migração por desobediência às autoridades constituídas, no caso o próprio Deus. Ao quebrarem as normas, eles chamaram para si as consequências dos seus atos, a expulsão do seu território. A Pastora acredita ser correto afirmar que uma vez que eles desobedecem às normas, às leis, estabelecidas pelo governo do jardim; faz-se necessário pontuar que essa a ação trouxe consequências, e uma delas foi perderem o direito de moradia, tornando assim o primeiro caso de migração na Escritura Sagrada. foi uma migração Forçada, pele incumprimento das normas estabelecidas.

Entretanto, eles não foram os únicos que migraram na Escritura Sagrada, mesmo porque migração e refugiados na Escritura Sagrada, é o prato do dia. Pareceu-nos importante olhar, de forma generalizada, a migração e refugiados na Escritura Sagrada., assim sendo a Pastora, continua: Abraão é uma figura bastante imponente dentro do contexto da Escritura, ele é convidado a sair da sua terra por Deus (Gn 12,1) e é incrível, porque com Adão e Eva, por desobediência, eles são convidados a sair, são expulsos. No caso de Abraão, Deus o tira do lugar que ele estava, de Harã, um lugar idólatra, que segundo Pfeiffer (2011, 898) era o centro da adoração ao rei-lua Sim. E o que se vai percebendo é que ele encontrou graças diante de Deus. Se nós seguimos o raciocínio em relação a Adão e Eva, pode se pensar que, enquanto Adão e Eva desobedecem as normas, Abraão obedece às normas e por obedecer às normas ele é retirado do seu país, do local do seu nascimento para um outro lugar que Deus mostraria, passa um sentido de processo nômade pela terra, porque ele nem sabia para onde ele ia ser enviado, ele não tinha essa noção. Abraão obedece à ordem divina e migra voluntariamente; contudo, também podemos ver que Abraão e Sara «são protótipos dos migrantes que deixam definitivamente seu país de origem na esperança de chegar à terra prometida» «...motivados pelas promessas de Deus» (Dias e Pizzutti 2020, 8).

Encontramos pelo caminho da migração a Jacó que «pode ser apresentado como protótipo do migrante refugiado» (Dias e Pizzutti (2020, 8), e sua família (Gn 46), que vai buscar refúgio no Egito, para salvar sua vida e de sua família da crise, da fome, instalado no mundo de então. O Egito tinha esses alimentos, porque recebeu um imigrante em seu seio, chamado José (Gn 41, 38-57), filho de Jacó; que forçadamente tornou-se um imigrante. José depara-se com a expulsão da sua casa, do seu território, do seu país, por parte dos seus irmãos, ele torna-se imigrante de forma forçada, não voluntário, alvo do tráfico de pessoas, de escravos. Que o levou a preparar o Egito para a recepção de todos os povos da terra. A história de José será visto no capítulo um. Toda família de José, permaneceu no Egito, e após a morte de José, foram reduzidos a escravos de faraó por 430 (Ex 12,42) anos. Enquanto eles vivenciavam a escravidão, Deus suscita, dentro do processo da escravidão, o processo daqueles imigrantes de muitas gerações um libertador que vai ser salvo pela filha do faraó que vai criá-lo educá-lo.

Esse menino levanta segundo a sua própria força para defender o povo hebreu, mas paga o preço de o fazer, pois defende com as armas que ele tinha, com a força que ele tinha, ele acaba por matar um egípcio para defender seu povo, o que trouxe para ele uma consequência, de imediata migração, imigração. Moisés (Ex 2,1 - 25) foge para salvar a vida, uma vez que infringiu as leis vigentes no Egito. Moisés se desloca da sua zona de conforto, Moisés migra para Midiã

e ali permanece por 40 anos provando da imigração, como seu povo no Egito. Ali Moisés forma uma família, ele começa do zero, de príncipe do Egito ele se torna um emigrante como o seu povo se tornou, também, um imigrante com uma missão: retornar ao Egito, missão de refazer a vida de um povo. Ele retorna ao Egito com a missão de tirar o povo. Os hebreus ao sair do Egito para Terra Prometida provaram uma emigração para a sua própria nação, para a terra da promessa. Para além dos 600.000 homens, sem contar mulheres e crianças, muitos estrangeiros seguiram com o povo hebreu (Ex 12, 38). Eles passaram 40 anos no deserto, como nômades, muitos morreram no processo, sem conhecer a terra prometida, sem chegar a sua casa, no espaço geográfico chamado de seu. Para a Pastora, parece que o status de nômades aqui cabe. Para possuírem essa terra eles precisavam lutar, brigar por ele e arrancar quem lá estava.

E o processo migratório continua, nas Sagradas Escrituras, entramos no tempo dos juízes com destaque a história da vida de Rute, envolvendo Noemi e toda a família dela, ela e o marido e os filhos vão buscar refúgio na altura em que Belém, a casa do pão não tinha pão, e foi uma imigração bastante dolorosa, porque ela vai perder o marido e os filhos, e ficar com a nora Rute, uma moabita que entra para a linhagem do povo de Israel, linhagem que tem por culminar na descendência de Jesus de Nazaré. Falaremos um pouco mais sobre Rute e Noemi. Rute imigra por amor a sua sogra Noemi: imigração por sentimento de dever familiar (Rt 3,1-5; 1,16-17). Rute adota a cultura, o povo e o Deus de Noemi.

Ao olhar, para os reis, faz sentido a pastora destacar o rei Salomão (2 Sm 12, 24), ele casou-se com mulheres estrangeiras e foi influenciado por suas crenças, cultura, etc; ou seja, os imigrantes não se aculturaram, mas aculturaram o rei Salomão e o povo de Israel. Parece ser correto a pastora, concluir que os autóctones não foram respeitados, pelo contrário tiveram as suas normas, crenças violadas e desacreditadas. Esse é um lado do acontecimento, entretanto existe o outro lado, o lado de um rei que não cuida das normas do seu país, e de um povo, autóctones que não obedece às normas do seu país. A consequência é que Israel sofre, após a morte de Salomão, quando o reino se dividiu.

Reino dividido (I Rs 12) presa fácil para o inimigo. Foram retirados da sua terra por Nabucodonosor que invade Judá, na altura que Jeoaquim era rei, e nessa invasão ele leva muitos jovens, entre eles, Daniel, Sadraque, Mesaque e Abednego (Dn 1, 1-21). Daniel, Sadraque, Mesaque e Abednego ficaram conhecido na história por terem sido alvo da migração forçada, este relato encontra-se no livro de Daniel, livro segundo Lopes (2020: 1018), é histórico e profético, chamado de O Apocalipse do Antigo Testamento, revela o interesse de Deus pelas nações, pelo

destino do ser humano. Lopes afirma que Daniel tem uma mensagem ética clara para os dias atuais, os escritos de Daniel revela como ser íntegro na adversidade ou na prosperidade, revela ainda o dever de confiar em Deus não apenas por aquilo que Ele faz, mas por quem Ele é. Daniel foi um jovem da nobreza de Israel, e o livro é atribuído a ele, que escreveu durante sua migração forçada na Babilônia, entre 606, o ano que foi levado ao cativeiro por Nabucodonosor, a 535 a.C. Seu nome significa “Deus é meu Juiz” , formado pela tribo de Judá e Benjamim, vivia em Jerusalém, capital do reino do Sul.

Nabucodonosor mandou construir uma grande imagem, e mandou ajuntar, no campo de Dura, na província da Babilônia, «os príncipes, os prefeitos, os governadores, os conselheiros, os tesoureiros, os juízes, os capitães, e todos os oficiais das províncias, para que viessem à consagração da estátua» (Dn 3,2) Sadraque, Mesaque e Abednego estavam entre eles, a ordem era: «...prostrar-vos-eis, e adorareis a estátua de ouro que o rei Nabucodonosor tem levantado». Mesmo diante de uma migração forçada, Sadraque, Mesaque e Abednego, permaneceram adorando o Deus que lhe foi apresentado pelos seus pais. A ordem dada por Nabucodonosor, contrariada, os levariam à morte. Nabucodonosor pode invadir a terra deles, os fazer seus escravos, mudar suas vestes, impingir sua língua, mas não pode tocar na sua fé. Eles permaneceram fiéis ao Deus de Israel. A migração forçada, ou não, a migração por refúgio, não tem poder de mudar a crença da pessoa. Sadraque, Mesaque e Abednego podiam ter desistido de seu Deus, uma vez que ele tinha permitido a invasão de sua terra, mas a fé a Deus de Israel era superior, a essa migração forçada.

Com o fim do Exílio Babilônico, entre os 400 anos conhecido como Período Interbíblico. Os últimos acontecimentos registados no Antigo Testamento, segundo Pfeiffer (2011, 499), ocorreram sob o domínio de Artaxerxes I em 465-423 a.C., que diferente do seu filho, abençoa o povo judeus com a reconstrução da cidade de Jerusalém. O seu sucessor rei Assuero, Xerxes que teve seu domínio entre 486-465 a.C. conhecido por ter sido esposo de Ester; uma órfã exilada, que vivia na Pérsia. Assuero desconhecendo a origem dela, assina sua morte e todo seu Povo, os judeus (Pfeiffer 2011, 226,696); dando uma semelhança, ao que Adolf Hitler fez aos judeus na Alemanha, talvez movido pelo mesmo sentimento de Assuero.

Adentramos no Novo Testamento, que inicia narrando a história de Jesus de Nazaré. O filho de Deus, que migrou, imigrou do céu, nasceu na terra e tornou-se refugiado no Egito com sua família para salvar a vida. Este Jesus de Nazaré se torna também um retornado a sua nação. Cresceu no país onde nasceu e escolheu doze discípulos, que por forças do chamamento tornam-se imigrantes e refugiados por amor ao seu Mestre no Mundo da época.

Paulo um apóstolo de dupla nacionalidade, judeu e romano, continua essa saga de migração, e refúgio; Grécia (At 20, 2), Ilha de Malta (At 28, 1-9), Roma (At 28, 16-31), Antioquia da Síria, Espanha (Rm 15, 23-25), Antioquia da Pisídia Ásia, Macedônia (At 20, 1), Jerusalém, etc., foram alguns dos seus destinos em prol do chamamento divino, uma migração voluntária. As igrejas primitivas nascem num contexto de migração constante. Chegamos ao apocalipse onde encontramos João exilado na Ilha de Patmos. Dias e Pizzutti (2020, 6) comentam acertadamente que:

Na Escritura, o migrante e a migração não é apenas uma ideia, um verbete de dicionário, um elemento semântico a ser esclarecido em ótica literária, ou um coadjuvante entre os personagens de uma narrativa de ficção bíblica; mas o humano feito à imagem e semelhança de Deus em situação de vulnerabilidade, para quem é imprescindível fazer justiça (Dt 10, 17-19).

2.3.1. José no Egito

José, o filho amado, é lançado na migração externa, pelos seus irmãos. Entretanto, ele supera todas as dificuldades da migração forçada; no caso dele podemos usar essa expressão “imigração forçada”. Ele não permitiu que a emigração forçada o impedisse de prosperar, o impedisse de honrar o nome de Deus, de ser cristão onde ele foi. Ele forçosamente cruzou fronteiras, mas ele vai abraçar esse propósito divino que é revelado tempos depois quando a família dele vai ser alvo dessa benevolência de Deus, porque Deus deu a estrutura para o Egito preparar o mundo para a fome que vinha e receberam muita gente. José, repudiado, tornou-se a ponte da sobrevivência do mundo de então.

2.3.1.1. O ensino ético moral na vida de José.

A forma de vida de José, no seu processo migratório, fornece normas de ética teológica bastante alargada, que praticado traz bênção, nos ensina, nos ajuda a alimentar do melhor da terra. «Nos relatos bíblicos, os migrantes não são personagens secundários, passivos, objetos da ação social em nome de Deus; pelo contrário, os migrantes são também protagonistas da salvação (Dias e Pizzutti 2020, 6); e José, foi um deles. Ele foi usado por Deus para trazer salvação para todo mundo de então, para preservar a vida, inclusive a vida dos seus irmãos que o tinha lançado rumo à migração forçada, por inveja e por ciúmes. No entanto, Dias e Pizzutti (2020:6), lembramos de: Zefora, uma madianita, que Deus usou para salvar Moisés da morte (Ex 4,24-26); «foi por meio

de mulheres pobres, estéreis, estrangeiras que o verbo de Deus fez seu caminho rumo à humanidade⁶³, armando sua tenda no seio da humanidade» (Jo 1, 14).

1. O ensino ético teológico de José, passa por sua própria pessoa. Ele é o instrumento de Deus, a ponte da salvação. Percebe-se isso em sua fidelidade e responsabilidade com e no trabalho, o local em si, não fazia diferença; na casa de Potifar, na prisão, ou junto de Faraó (Gn 39,40,42,45). Ele era um administrador, e por onde passa ele exerce seu talento, seu dom. Ele era íntegro, respeitoso com os pertences do próximo (Gn 39), obediente a Deus e humilde diante da prosperidade.

2. José estabeleceu normas, quando o povo do Egito, já não tinha dinheiro para pagar o alimento. Ele não deu o alimento de graça, Ele pediu algo em troca, no primeiro momento os animais, entretanto já não tinham os animais também, e dessa forma os próprios egípcios, pediram para serem comprados juntamente com suas terras, que passaram a ser de Faraó. José não usou a falta organizacional dos egípcios, ele ofereceu terra, a base e deu o grão para se refazerem. Eles ficavam com 80% do que geravam e retornavam a faraó 20% (Gn 47, 13-26). Colocou ordem no processo migratório interno de receção dos alimentos, bem como no processo migratório externo, afinal toda terra desceu ao Egito em busca de alimento.

3. José criou normas éticas teológicas, para sua própria proteção. Ele elabora um plano para provar a fidelidade dos irmãos estrangeiros, que entraram no Egito em busca de alimento. Ele não se lança, sem antes conhecer o estado atual do caráter dos seus irmãos.

2.3.2. Noemi e Rute

O relato do livro de Rute gira em torno da história de Noemi, uma judia avançada de idade, pobre, viúva, amarga, sem filhos, sem esperança e Rute uma gentia, viúva, que nutriu um compromisso com a sogra, até às últimas consequências, terminando em converter ao Deus de Israel. Segundo Dias (2007, 13) o livro de Rute é a história de um drama familiar, onde aparece o problema da crise financeira, da imigração, da doença, da morte, da viuvez, da pobreza, da amargura contra Deus.

Noemi se ausentou da Casa do Pão, Belém: imigração econômica (Rt 3,1-5). Belém, a Casa do Pão, ficou sem pão e Elimeleque e Noemi com seus dois filhos, Malom e Quiliom, migraram para Moabe (Rt 1,2). No processo da imigração, os filhos de Noemi, Malom e Quiliom,

⁶³ Gn 11,30; 25,21; 29:31; 1 Sm 1:5; 2:5; Js 13:2-3; Is 54:1.

contextualizaram, casaram com mulheres moabitas, Rute e Orfa, construíram suas famílias. Dez anos se passaram, Malom e Quiliom não tiveram filhos, não tiveram descendência e morreram na terra de sua imigração. A imigração de Noemi e a família não resultou em solução, em acréscimos, mas em perdas. Noemi ficou viúva e sem seus dois filhos, sem esperança, sem possibilidade de suscitar descendentes para suas noras, segundo a lei do levirato.

Rute imigra por amor a sua sogra Noemi: imigração por sentimento de dever familiar (Rt 3,1-5; 1,16-17). Rute adota a cultura, o povo e o Deus de Noemi. Rute mostra que «o migrante não é aquele que nada tem a oferecer, a ensinar; de fato», Ela «é apresentada como modelo de adesão à fé; independentemente de sua identidade étnica, religiosa, nacional ». (Dias e Pizzutti 2020, 6).

Rute, porém, respondeu: « Não insistas comigo que te deixe e que não mais te acompanhe. Aonde fores irei, onde ficares ficarei! O teu povo será o meu povo e o teu Deus será o meu Deus!»As palavras de Rute a sogra imigrante é uma declaração de normas éticas, que inspirada por Deus, ela passou a crer e obedecer.

Seguem as normas éticas: (1) a primeira norma ética foi a de não abandonar a sogra, a imigrante, o Outro; (2) a segunda norma ética o de adotar o povo de sua sogra, o povo receptor; (3) a terceira norma ética adotar o Deus do povo de sua recepção. Esta última norma, vale ressaltar, que Rute o fez voluntariamente, e a Sagrada Escrituras diz: «Esta é a palavra do Senhor para Zorobabel: ‘Não por força nem por violência, mas pelo meu Espírito’, diz o Senhor dos Exércitos» (Zc 4, 6).

Ao adotar esse novo povo, suas leis, seu Deus, Rute a imigrante entra para a linhagem do messias. Rute, mulher moabita, torna-se bisavó do Rei David. Rute é alcançada pela lei do levirato, ordenado em Deuteronómio 25, 5-6, que regulamentava o casamento entre uma viúva e o irmão de seu marido: o objetivo era preservar a descendência do falecido. No caso de Rute, Noemi não tinha mais filhos para lhe dar. Boaz um parente próximo, que podia ser seu remidor, a tomou como esposa. Ela é alcançada pelas normas do país receptor, ao estabelecer normas para o frescor da sua sogra.

2.3.3. Ester a rainha da Pérsia

Ester, a rainha da persa, antes de assim ficar conhecida era uma órfã, criada pelo seu primo Mordecai. A Hadassa, imigrante forçada, pela guerra, ela é a ponte que Deus usa para salvar a nação de Israel da morte, do extermínio, o qual é decretado pelo rei Xerxes, sob a orientação de

Hamã. O plano de Hamã é descoberto e ele é enfocado; entretanto a data do extermínio do povo judeu estava marcada, selada com o anel real (Et 3,13). A morte dos Judeus enriqueceria ainda mais os cofres do rei, pois Hamã prometera pagar pelo aniquilamento do judeus. Deus levantou Ester e Mordecai como libertadores dos seus irmãos, eles são usados para criar normas, para sobrevivência de toda a nação (Et 1-10), de imigrantes espalhados nas províncias que se estendiam da Índia à Etiópia, 127 províncias. Este cenário na vida do povo judeu fornece norma ética teológica, usada por Ester e Mordecai a fim de impedir o extermínio dos judeus, que se usada na atualidade, mudará o destino dos imigrantes em todo mundo.

O posicionamento de Mordecai perante a autoridade da rainha Ester.

1. Ele comunica tudo que estava a acontecer, com provas documentais (Et 4,16).
2. Ele pede a ajuda da rainha, para chegar ao rei Assuero.
3. Ele não se cala, em defesa do povo judeu, ao ouvir a nega de Ester

¹³ Então Mardoqueu mandou que respondessem a Ester: Não imagines no teu íntimo que, por estares na casa do rei, escaparás só tu entre todos os judeus. ¹⁴ Porque, se de todo te calares neste tempo, socorro e livramento de outra parte sairá para os judeus, mas tu e a casa de teu pai perecereis; e quem sabe se para tal tempo como este chegaste a este reino? (Ester 4,13-14)

Ester, a rainha, a protagonista e líder da nação dá os primeiros passos rumo à solução do problema.

1. Ela não enfrenta a situação sozinha, ela trabalha com sua família, servas e com a nação. A primeira arma que ela usa, passível de ser uma norma ética teológica, é a convocação da nação, de suas servas e ela mesma a consagração, ao jejum, para ela apresenta-se diante do Rei, do seu marido, a fim de fazer sua petição para continuar viva (Ester 4.16). O ensino ético teológico, é o de envolver a nação na problemática da migração.
2. Ester prepara o terreno para colocar o seu problema e denunciar o culpado (Ester 7). O ensino ético teológico, é o de se munir de tudo que for preciso, para assim tratar o mal intencionado.
3. Ester capítulo 8, nos fornece a norma ética teológica criada por Mordecai a fim de impedir o extermínio dos judeus na altura. O edito assinado por Assuero, não podia ser cancelado ou mudado. Mardoqueu criou um novo edito, em nome do rei. Na carta que determinava a proclamação do edito, selada pelo selo/anel real, ficou assente que o rei concedia aos judeus de cada cidade o direito de se reunirem e de se protegerem, de exterminar, de matar e de aniquilar

qualquer força armada de outro povo ou de outra província que os ameaçasse, a eles, a suas mulheres e a seus filhos, e o direito de saquear os bens dos seus inimigos.

Aprendemos que, mesmo quando não se pode mudar leis, pode sempre criar novas leis, logo o ensino ético teológico, é criar normas de salvação do imigrante injustiçado, mesmo diante de outras normas.

2.3.4. Jesus de Nazaré.

Jesus de Nazaré e sua família tornaram imigrantes e refugiados por sofrerem perseguição por parte das autoridades instituídas na altura, que queriam matar Jesus. José e Maria fugiram de Belém para o Egito com o intuito de salvar a vida do filho Jesus Cristo do Egito para Nazaré. Jesus foi imigrante por amor. Jesus, o descendente de migrantes e refugiados, decidiu ser o refugiado, e migrante, por amor, por cuidado e por empatia. Jesus Cristo era descendente de migrantes, refugiados, a sua genealogia humana, nos mostra isso com detalhes extraordinários e encantadores. A sua linhagem passou pela migração forçada, a fome em Belém, o exílio para Babilônia, etc.; e nela encontramos Raabe a prostituta, embora Flávio Josefo (1990, 237-238), defenda que ela tinha uma hospedaria, era cananita que vivia em Jericó, que depois de ajudar os espiões fora salva. Ela casou-se com Salmom gerando a Boaz, agora filho de um israelita e uma cananita, e como se não bastasse, Boaz casa-se com uma moabita. A “a amiga”, Rute era moabita, que com permissão de Deus entra para linhagem de Davi e em sequência para linhagem de Jesus Cristo. Rute teve empatia com a família de Elimeleque, esposo de Noemi, empatia tal que a fez tornar-se membro da família, que a levou sair do seu país. Noemi e sua família de Belém de Judá, vitimizados pela fome, migra para a terra de Rute, ela se torna esposa de um dos filhos, porém fica viúva. Noemi resolveu retornar para seu país, e cheia de amargura, libera suas noras, para formarem novas famílias. Rute, porém, movida por amor e por empatia, parte com sua sogra, e é agraciada pela lei do levirato, tornando-se esposa de Boaz, gerando Obede, outro de nacionalidade “não pura”.

¹ Registo da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão... ⁵ Salmom gerou Boaz, cuja mãe foi Raabe; Boaz gerou Obede, cuja mãe foi Rute; Obede gerou Jessé... ¹¹ e Josias gerou Jeconias e seus irmãos, no tempo do exílio na Babilônia. ¹² Depois do exílio na Babilônia: ...; ¹⁶ e Jacó gerou José, marido de Maria, da qual nasceu Jesus, que é chamado Cristo (Mateus 1,1-16 (na íntegra)).

Jesus foi refugiado por amor; o próprio Jesus ao nascer, para que sua vida fosse salva, seus pais tornaram refugiados no Egito, ou seja, Jesus Cristo foi refugiado também.

¹³ Depois que partiram, um anjo do Senhor apareceu a José em sonho e lhe disse: “Levante-se, tome o menino e sua mãe, e fuja para o Egito. Fique lá até que eu lhe diga, pois Herodes vai procurar o menino para matá-lo”. ¹⁴ Então ele se levantou, tomou o menino e sua mãe durante a noite, e partiu para o Egito, ¹⁵ onde ficou até a morte de Herodes. E assim se cumpriu o que o Senhor tinha dito pelo profeta: “Do Egito chamei o meu filho (Mateus 2,13-15).

Jesus, o migrante, e o refugiado, “espiritualmente” e fisicamente teve empatia por todos autóctones, migrantes e refugiados. Ouviu, confortou, consolou, salvou, curou e reconheceu a gratidão do estrangeiro: Não se achou nenhum outro que voltasse para render glória a Deus, a não ser este estrangeiro? (Lc 17,18.). Jesus, o enviado de Deus, é Deus, logo Deus migrou para terra no ato de encarnar, « E o Verbo se fez carne e habitou entre nós» (Lc 17,18.), Deus habitou entre nós na pessoa de Jesus, «cheio de graça e de verdade» (Jo 1,14).

O homem foi criado à imagem e semelhança de Deus, o que dá o dever ao homem de manifestar no mundo as qualidades de Deus. O homem falhou em sua tarefa e Jesus de Nazaré, o filho de Deus, veio como homem e no seu estado humano, este com a imagem e semelhança de Deus na terra é o exemplo perfeito da palpável ética de Deus. «imagem e semelhança tem um forte componente ético»; «Por sermos a imagem e semelhança de Deus o ser humano deve agir como Deus, no trato com os semelhantes com as demais criaturas. Um elemento fundamental na obra da criação é a igualdade de posição entre homem e mulher. «Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou» (Gn 1,27). O componente ético dessa declaração é inquestionável. A “imagem e semelhança” apelam para a capacidade de o ser humano agir em harmonia como Criador. Foi depositado em seu coração que Deus tem de melhor. Bondade, misericórdia e compaixão são características do ser humano, distinguindo-o dos demais seres vivos». (Ferreira, «et al», 123)⁶⁴.

A ética normativa de Jesus de Nazaré se pauta na defesa da dignidade de todos os seres humanos, a sua entrega foi em prol de todo o mundo, de todo o Outro. A ética de Jesus de Nazaré fundamenta-se no cuidado com a vida, com a humanização. Jesus foi norteado pelo amor, pela misericórdia, pela humildade, pela bondade e pela compaixão. Jesus foi norteado pela importância da justiça social. O Outro deve ser respeitado como pessoa, como ser humano igual. O limite é a pele do ser humano, como citado por Cunha (2016, 33). Jesus foi norteado pelo cuidar dos pobres, O Outro deve ser tratado como ser humano e não como coisa. Cada cristão deve observar a regra

⁶⁴ Edileuza Barros Ferreira «.at al».

Revista Terra & Cultura: Cadernos de Ensino e Pesquisa ISSN 2596-2809.
<http://periodicos.unifil.br/index.php/Revistateste/article/view/2497/2108>.

de ouro citado em Mateus 7, 12 «Portanto, tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós, porque esta é a lei dos profetas».

2.3.4.1. O ensino ético moral na vida de Jesus Cristo

O ensino ético de Jesus Cristo é o de acolhimento do Outro, do Humano; o de aproximação do Outro, do Humano, “Vem e segue-me” (Mt 19, 21); o de comunhão com o Outro, com o Humano: «Zaqueu, desce depressa, porque hoje me convém pousar em tua casa» (Lucas 19, 5-10), com a estrangeira, a Samaritana (Jo 4); o de restauração do Outro, do Humano; restauração física (Mt 9, 19), emocional (Mt 11, 29), espiritual (Mt 4, 23-24), na sociedade (Mr 5, 34). Jesus Cristo, veio ao mundo pelo o Outro, pelo o Humano, pelo bem estar do corpo, da alma, do espírito.

2.4. O Papel das Igrejas na Colaboração dos Assuntos dos Refugiados e Migrantes

O papel das igrejas não é o de ver a migração como problema, mas como parte da fenomenologia da vida, é criar estratégias, pontes, para somar na solução.

Enquanto virmos a migração como um problema, como algo a resolver, não chegaremos a lado nenhum. Temos de vê-la como uma realidade humana tão antiga como a humanidade. Trata-se da estratégia de redução da pobreza mais antiga da humanidade. Como cidadãos, temos de encontrar uma forma de lidar com ela. IOM DG William Lacy Swing⁶⁵

A Igreja é o corpo de Cristo (1 Co 12, 12-13) invisível, místico, é o meio pelo qual Deus opera a fim de criar nova criação, um novo universo em harmonia total, de preparar os seus para o seu verdadeiro lar; onde não há migrantes, refugiados, asilados, apátridas, há homens e mulheres e crianças, que foram resgatados, em seu tempo na terra.

2.4.1. Ser Ponte.⁶⁶ A Ponte Que Marca A Diferença.

Jesus disse: Eu sou o Caminho, à Ponte⁶⁷, a Verdade e a Vida. Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim (Jo 14, 6). Para a Pastora faz sentido, que cada cristão deva ser ponte, uma vez que

⁶⁵ Guia para a Inclusão Linguística. Salamanca. 2022.

⁶⁶ Escrito pela pastora para o devocional Vitamina E, referente abril-junho de 2020.

⁶⁷ Grifo da pastora.

nos últimos meses, as pontes têm ocupado um especial tempo dos seus pensamentos e escritas. Ela está a falar da ponte que é construída em aço, pedra, madeira, que pode ser provisória ou permanente. A ponte é criada, a fim de pôr fim aos obstáculos a transpor, pelas pessoas, automóveis, comboios, canalizações, etc. Uma ponte é uma estrada, é a ação de caminhar. A ponte existe para ser útil e nos dá preciosas lições para a vida. A Escritura diz que, Jesus de Nazaré é o Caminho; de facto é incontestável que Jesus é o Caminho, Ele é a Ponte que liga o homem a Deus, que liga o homem aos céus; que permite ao homem ser salvo. Jesus de Nazaré foi, é, e sempre será A Ponte Que Marca A Diferença. Esse mesmo Jesus chamou-nos para ser, A Ponte Que Marca A Diferença, nesta geração. Ser Ponte nos moldes de Jesus de Nazaré, exige de cada interessado, aceitar pertencer e crer nele. Mas a todos quantos o receberam, deu-lhes o direito de se tornarem filhos Pontes⁶⁸ de Deus, ou seja, aos que creem no seu Nome (Jo 1, 12).

Deus nos chama para ser A Ponte Que Marca A Diferença, na vida do imigrante, do refugiado e do autóctone que habita na terra, mas é tratado como um povo à parte, um povo menor. Assim vivem os ciganos em nossas terras, como se ainda fossem nômades. A questão, ,nesta dissertação, é: desejamos ser, A Ponte Que Marca A Diferença, na vida dos imigrantes, refugiados e ciganos? A Ponte Que Marca A Diferença prática o amor ao próximo, a empatia ao tratar o Outro, como um compatriota, com justiça, não rejeitar, não abominar, não maltratar, etc. A Ponte Que Marca A Diferença é «fronteira que tem dois sentidos de circulação», da fronteira da hospitalidade; não é construída em aço, pedra, madeira, mas é construída em Jesus de Nazaré e visualizada no humano na fronteira da vida.

Ser, A Ponte Que Marca A Diferença é somatizar no processo fronteiro da fronteira, que segundo Cunha (2016, 33), o princípio da fronteira que não barra a «quem vem em paz», da fronteira da reciprocidade, da fronteira que é usada como lembrete «que toda a deslocação tem de obedecer à descrição cultural e a paz política», da «fronteira que tem (...) dois sentidos de circulação», da fronteira da hospitalidade. A Pastora relembra a dificuldade que muitos povos têm em conseguir visto para entrar na Europa, Estados Unidos da América, Brasil, etc., entretanto ,os europeu e os estadunidenses e outros países, entram nesses mesmos países, com um visto adquirido na entrada destes países; ou seja, o processo de «fronteira que tem dois sentidos de circulação», não existe para o Outro, que não vive em uma país superior. Ser, A Ponte Que Marca A Diferença é não estar alheio às injustiças nas fronteiras.

⁶⁸ Grifo da pastora.

A Dra. Viera (Amaral. 2021. Entrevista.) destaca que uma igreja pequena pode sim, fazer alguma coisa pelo migrante e refugiado. Segundo a entrevistada, estar sensível com o que está acontecendo ao nosso redor e de que forma podemos interceder, estar realmente interessado, construindo pontes, dentro dos conhecimentos que a igreja possui. Fazer parcerias com outras igrejas, poder público (junta de freguesia). Essa ponte é feita com os autóctones e com migrantes e refugiados. Criar espaço de convívio para se conhecer, com atividades, como por exemplo com classe de línguas, uma vez que a ausência do conhecimento da língua provoca isolamento (sem amigos, família), solidão. Ter uma sensibilidade cultural, não fazer o que eu acho que os migrantes e refugiados precisam, ou que eu queria que fizessem comigo, mas saber o que eles realmente precisam, e suprir dentro de sua necessidade, do que ele gostaria que eu fizesse. Estar atento pois as nossas cosmovisões são distintas, e desconstruir do que se pensa do outro, afinal o outro é como eu, é um ser humano. Desconstruir o distanciamento que o medo, os paradigmas, a xenofobia, etc., presentes nos autóctones e também nos migrantes e refugiados. A igreja pode lutar pelos direitos humanos, tal como fez Jesus Cristo lutou pelos direitos humanos, Ele quebrou muralhas diversas, religiosa, social, de género, etc., e construiu pontes. A conversa com a mulher samaritana, por exemplo, abrange um todo, Jesus de Nazaré, rompe o preconceito racial, de género e de espaço. Logo, devemos ser ponte a todo tempo, A Inglaterra foi um exemplo por décadas da receção de asilados/refugiados, de ser ponte de salvação, no entanto, na atualidade, já não é ponte, a pastora arrisca dizer, que Inglaterra está a se tornar fronteira fechada.

Tem sido uma distinção orgulhosa para a Inglaterra oferecer um asilo inviolável para homens de todas as classes sociais e condições financeiras, buscando refúgio nas costas britânicas da perseguição e perigos que viviam em sua terra natal. A Inglaterra era um santuário para os refugiados flamengos expulsos pelas crueldades de Alva; aos protestantes que fugiram das perseguições de Luís 14; e para os nobres católicos e padres que buscaram refúgio da sanguinária guilhotina da França revolucionária. Todos os exilados, quer tenham fugido do despotismo ou da democracia, fossem eles reis desacreditados, ou cidadãos humildes em perigo – olharam para a Inglaterra como seu lar. Esses refugiados estavam seguros dos perigos que escaparam. Nenhuma solicitação ou ameaça de seus próprios governos pode perturbar o direito de asilo; e eles eram igualmente livres das perturbações das leis locais. Alison Bashford e Jane McAdam (2014, 55)⁶⁹.

2.4.2. Praticar simpatia e empatia

⁶⁹César Augusto Silva da Silva. *Reflexões e perspectivas comparadas das migrações e do direito internacional dos refugiados* (Campo Grande: 2014) p.55.

O que deve nortear a conduta de cada pessoa pelo migrante e refugiado, será simpatia ou empatia? Podemos/devemos ter simpatia para com o migrante e refugiado ou podemos/devemos ter empatia. Essa foi a indagação da Pastora enquanto “autóctone” e “migrante”, no momento que lia o artigo do Prof. O Dr. Cunha. Stuart B. Barbage⁷⁰(2007, 207), comenta que empatia:

...denota a capacidade de se adentrar nos sentimentos e a obra do outro, pondo de lado a própria identidade para experimentar os sentimentos e a obra de outros, ele completa que na psicanálise, empatia significa a capacidade de “adotar”, exercida em relação à outra pessoa com uma atitude de aceitação, sem pré-julgamento.

O Rabino Schlesinger⁷¹ (2020) demonstra com exemplo o que é simpatia nos fazendo desenhar em nossa mente a situação. Para ele a simpatia é quando eu vejo alguém no buraco e pergunto: Está tudo bem aí? Você gostaria que eu jogasse uma corda? A empatia é descer no buraco, é estar junto com uma determinada pessoa, mesmo que seja por breves instantes. Esse posicionamento, de acordo com o Rabino, é desafiador, porque conhecemos o Outro e também nos expomos ao Outro. Nós entramos em contacto com os fantasmas do Outro e também entramos em contacto com nossos próprios fantasmas; enxergar a vulnerabilidade do Outro é expor a própria. Para realmente fazer diferença com os migrantes e refugiados, faz-se necessário ter, viver, quebrar as fronteiras com empatia (compaixão/amor). A conversa que Jesus Cristo teve com a mulher samaritana junto ao poço de Sicar exemplifica sua empatia por Ela, por uma estrangeira, de vida condenável. A empatia nos move a ministrar com compaixão, amor, fidelidade, carinho a mensagem que Deus bondosamente nos concedeu e nos chamou para espalhar.

Falar de simpatia pelo Outro, pelo estrangeiro dentro do contexto das Igreja é lembrar do padre Antônio Vieira, que defendeu os judeus da ameaça de um Tribunal que lhes vigiava os passos, as palavras, os gestos e os pensamentos. Antônio Vieira, indignado com os horrores que os judeus portugueses sofriam, não cruzou os braços, dirigiu ao Papa, os mais influentes homens do poder da altura, ao rei, de nada adiantou. Entretanto, ele fica conhecido pela sua simpatia extrema pelo judeu. Levy «et al» (2015, 246) comentam que Vieira foi preso pela inquisição devido a seus «inúmeros pronunciamentos de simpatia pelos judeus, e não por causa de seus escritos». Vieira movido pela simpatia, dedica sua vida à defesa dos cristãos-novos; quanto ao Tribunal da altura disse: «...«O tribunal é o lugar onde os inocentes parecem e os culpados triunfam, porque esses, na boca tem o remédio e no coração o veneno...»...».

⁷⁰Organizador do livro: Carl Henry

⁷¹Rabino Michel Schlesinger é, rabino da CIP, formado em direito pela USP e representante da Confederação Israelita do Brasil para o diálogo inter-religioso.

Os anos passam, os séculos passam, mas o poder sobre os mais fracos, subsiste. Os migrantes e refugiados na Fronteira da Vida, continuam sendo alvo de um Tribunal, não da inquisição, mas da ausência de simpatia e de empatia, por parte das Igrejas, dos políticos, dos autóctones receptores, etc.

O papel da igreja é ser cooperadora de Deus, para tornar o mundo melhor; é ajudar cada pessoa a ser alcançada pelo direito que cada um tem, não pelo favor. quando as Igrejas exercem empatia, partirá dela dar o exemplo. Se nas igrejas há empregador desses migrantes, cabe a cada um oferecer um local de trabalho saudável e seguro, pagar o salário combinado voluntariamente por ambos, ou segundo a lei estipulada, tratar seus empregados com dignidade e respeito, o empregado deve cumprir o acordado com o empregador. Ambos têm deveres e obrigações (Robert P. Benjamin 2007, 207-208)⁷².

2.5. O Papel do Líder Religioso no Processo da Migração e Refugiados

O papel do líder espiritual é ser ponte, a ponte da aproximação, compreensão, a ponte da paz. Muitos migrantes internos e externos cristãos chegam sem norte, sem paz, sem alegria, pois deixaram a família, o país, a região e muitos os sonhos de uma vida. A Dra. Vieira (Amaral, 2021⁷³) comentou que a igreja deve estar sensível com o que está acontecendo ao seu redor, estar realmente interessado, construindo pontes, dentro dos conhecimentos que a igreja possui; este também é o papel do pastor, do padre, do líder espiritual/religioso, estar sensível, legitimamente interessado, determinado em construir pontes dentro dos seus conhecimentos, mesmo porque os migrantes estão dentro dos seus limites. Em nossa Comunidade procuramos ajudar as ovelhas na questão de despertar para com o Outro, com o próximo, para a responsabilidade enquanto cristão e no cumprimento do mandamento de amar o estrangeiro. Uma de nossas mensagens está atrelada à entrevista com a Dr. Vieira, Simpatia ou Empatia Pelo Migrante ou Refugiado? (Amaral 2021: Pregação Dominical), onde procuramos despertar nossa Comunidade para seu papel diante da migração e refugiados. Por conseguinte, convém que o líder espiritual seja conselheiro, familiar e matrimonial, pois a migração interna e externa revela, términos e inícios de relacionamentos, faz-se necessário um acompanhamento mais de perto, segundo o que o próprio

⁷² César Augusto Silva da Silva. *Reflexões e perspectivas comparadas das migrações e do direito internacional dos refugiados*. Campo Grande, MS : Ed. UFMS.2022:257

⁷³ Entrevista.

migrante, imigrante e emigrante vai permitir ser feito. Dentro do contexto de migração interna, imigração e emigração a podemos comentar a partir de nossas experiências e vivências que:

1. Migração interna: Tive a oportunidade de acompanhar Luís e Sofia, autóctones, no seu processo migratório interno e retorno à região de origem; onde ambos estavam a sair de um divórcio, e lutando para recomeçar a vida, decididos a contar com a ajuda de Deus. Foi realizado um trabalho de aconselhamento, que culminou em um novo casamento que já dura quase 9 anos⁷⁴. Luís e Sofia são membros da PIBAV Portugal e somam no cuidado do rebanho.

2. Migração externa: Pude acompanhar de maneira online Carlos um emigrante na Bélgica e Zaída, moçambicana, imigrante também na Bélgica. Carlos e Zaída, enfrentaram o processo migratório juntos, ambos oriundo de relacionamentos quebrados, mas com determinação em reconstruir a vida com a ajuda de Deus. Este acompanhamento também culminou em casamento, e este foi online⁷⁵, uma vez que distância fronteiriça, ditou assim.

3. Migração externa: António e Maujane, dois imigrantes brasileiros, que se conheceram em Portugal e tornaram-se membros da PIBAV Portugal; movidos pelo amor mútuo e ao Deus Todo-Poderoso, decidiram casar e formar uma família, no país que os recebeu. Nos foi possível realizar o casamento em nossa comunidade na Maia, que foi muito especial.⁷⁶

É relevante pontuar, ao leitor, que há outro papel do líder religioso na Migração: guardar a fronteira, com ética cristã, com respeito pelo Outro, com discernimento e oração. O discernimento atrelado à oração, precisa fazer parte da vida cotidiana do líder religioso, para conseguir usar em tempo oportuno. Um líder religioso que permite refletir, ética teológica, respeito, discernimento e vida de oração, soma na proteção da fronteira com limites, nos moldes que J. Cunha defende. Quiçá, o que faltou, no contexto histórico da Alemanha, foi um líder religioso com ética teológica, respeito, discernimento e vida de oração; para impedir os líderes nacionalista chegassem ao poder e impedir um imigrante, Adolf Hitler, chegar tão longe com suas ideias, planos e aplicações, que abre espaço para o boicote imposto aos estabelecimento dos judeus em 1 de abril de 1933, sob a justificação à reação da propaganda estrangeira, marcando um perseguição aos judeus, sem precedente na Alemanha (Nachama 2017, 14-17)⁷⁷, que

⁷⁴ Foto, com permissão nos anexos. Anexo 03.

⁷⁵ Cristina Amaral. «Casamento de Carlos e Zaída» (julho 2021).

Foto, com permissão nos anexos. Anexo 03.

⁷⁶ Cristina Amaral. «Casamento de António e Maurajane, realizado dia 20 de fevereiro de 2024» Foto, com permissão nos anexos. Anexo 04.

⁷⁷ Prof. O Dr. Andreas Nachama (representante)Topografia Del Terror. Stiftung Topographie des Terrors Berlin.

culminou na morte de seis milhões de judeus e outras minorias, entre elas os ciganos, que podem ter morrido de 1 a 1,5 milhão deles. A ONU consagrou dia 2 de agosto, como o Dia em Memória ao Holocausto Cigano.⁷⁸ Até os dias de hoje sofrem preconceito.

Estivemos em Berlin de dezembro de 2017 a janeiro de 2018⁷⁹, pela altura em que estava a ser lançado o documentário, *Topografia do Terror*, material que citamos acima, e a sua indagação era: como um país que vivia uma democracia pode tornar-se em um Estado totalitário?, como que o país de Martinho Lutero, chegou a isso? a perseguir um povo até a morte? Em seus pensamentos a Pastora indaga com o temor de alguém ouvir, porque Adolf Hitler estava a perseguir Deus? Teria os pastores, os padres, as igrejas, falhado em ser, A Ponte Que Marca A Diferença, na vida dele e dos que com ele somaram? Ela indaga: onde ficou «ó Beleza tão antiga e tão nova» de Santo Agostinho (Castro 2018, 27)? O que «é belo porque é um Todo para todos» de Plotino, *Enéadas* (Castro 2018, 13)? Será que faltou beleza? segundo São Tomás de Aquino (Castro 2018,61):

"Para que haja beleza são necessárias três condições: primeiro a integridade ou perfeição, pois as coisas incompletas, enquanto tais, são feias; depois, a devida proporção ou harmonia; finalmente, a claridade ou esplendor, pois designam-se belas as coisas que têm uma cor nítida e esplendorosa."

Estaria a Pastora a fugir do duro papel que a ela também cabe, ao fazer determinadas indagações? ou será uma forma de tomar consciência do seu papel? Enquanto ponte, cabe ao líder religioso e as igrejas, estarem informado dentro do seu contexto, a existência de leis para legalização dos seus membros, bem como dos seus voluntários estrangeiros. Nos EUA, existe um lei para legalização dos voluntário em uma igreja, é "Green Card" é o EB4⁸⁰. Encaixa nesse contexto: líder de louvor, professor de teologia, músico, etc., usando como provas, carta de parte da igreja, fotos etc., uma vez que o trabalho é voluntário. Cabe ao líder, ser sempre fiel a verdade das Escrituras Sagradas e respeitando a lei em regência no país, para execução. Este exemplo dos EUA, é apenas um exemplo, o líder religioso e as Igrejas devem nutrir interesse em somar na legalização dos seus, e de outros que pedir ajuda.

Para o líder religioso, ser ponte que exerce a diferença, implica em estar não só informados, mas aberto e determinado a ensinar e a checar a atuação de sua Comunidade na

⁷⁸ A pastora reorganizou o fim deste parágrafo precisamente no dia 02 de agosto. Ela foi fortemente tocada, a continuar lutando pela etnia cigana. Em especial pelas duas ciganas (Fotos no Apêndice J; com permissão), que pertencem a sua Comunidade. A contribuição dela é uma gotinha no oceano, que persiste em continuar.

⁷⁹ A pastora e sua prima Divina Amaral. Dezembro de 2017 a Janeiro de 2018. Fotos, do arquivo pessoal, nos anexos. Anexo 06. Pedacos do muro de Berlim, permanece de pé a fim de trazer à memória o passado de horror.

⁸⁰ Dani Azevedo. Dra. Anita Mignone. Tudo sobre Green Card através de uma Igreja nos EUA .[https:// www .youtube .com/live/1HaK-gC1HPI](https://www.youtube.com/live/1HaK-gC1HPI) Data do acesso: 19-08-2024

execução da lei e normas, estabelecidas, pelo país em questão, bem como as normas da igreja, em que está inserido; a Pastora parte do princípio de que a Igreja receptora tenha normas estabelecidas, na questão da migração interna e externa. Por exemplo, normas sobre o membro que é um empregador. Faz-se necessário olhar para a ética teológica onde o Outro é visto como humano, como imortal, onde se valoriza o indivíduo, onde um superior, o ama e prova o seu amor práxis. Precisa-se bater de frente com a ética do trabalho, pois é individualista, motivada pelo interesse próprio e assente na divisão do trabalho em tarefas individuais, como se cada trabalhador fosse uma peça de uma engrenagem maior (Pollister e Cerqueira 122). A motivação da ética do trabalho é o lucro e a acumulação privada, contrariando a motivação da ética teológica que é glorificar a Deus e praticar uma boa mordomia dos dons que Deus deu. A ética trabalhista, glorifica aos que a estabelecem.

2.6. O Papel do Migrante, Refugiado e Autóctone no Contexto das Igrejas segundo as Escrituras Sagradas

O estrangeiro, o imigrante cristão, também tem seu papel no processo de aculturação, a Plataforma Imigração (2011:52)⁸¹, lista algumas atitudes importantes de aculturação, que soma no crescimento da amizade, imigrante e autóctones. É importante que os imigrantes:

1. Aprendam a cultura portuguesa.
2. E os seus filhos convivam com portugueses fora do trabalho ou da escola.
3. Mantenham a sua cultura de origem.
4. Adotem a cultura portuguesa.
5. Os imigrantes devem poder manter o seu modo de vida.

Keeling (2002, 37) salienta que «o fio condutor que percorre as histórias bíblicas é a experiência de uma palavra de Deus convocando a pessoa ou a comunidade humana para alguma forma de ação», isto foi observado no processo de migração de Abraão, Isaque, Jacó, José, etc. Portanto, faz-se necessário, instruir o estrangeiro, imigrante, emigrante e refugiado cristão, do papel que ocupa em cruzar as fronteiras; Afinal ele se torna um estrangeiro, imigrante, emigrante e refugiado na Fronteira da Vida do Outro, um cristão missionário no contexto de sua fé. A igreja que o recebe, parte da premissa que está a receber cristãos com desejo de mudança de vida; que convidados ou não entram/invadem sua fronteira. A Escritura Sagrada estipula normas éticas para

⁸¹ Os Imigrantes e a Imigração aos Olhos dos Portugueses: Manifestação de preconceito e perspectivas sobre a inserção de imigrantes. Coordenadores: João H.C. António, Verónica Policarpo. Edição Fundação Calouste Gulbenkian. Universidade Católica Portuguesa. Centro de Estudos e Sondagens de Opinião. 2011.

os autóctones e o migrante. As normas, ditadas pelas Escrituras Sagradas, são para o autóctone, o migrante e o refugiado, desta maneira, a Pastora lista aqui algumas dessas normas, pelos quais os cristãos devem ser norteados:

1. Amar o estrangeiro como um compatriota, como a si mesmo é um mandamento, uma lei de amplo alcance: Levítico 19, 34 diz: «O forasteiro que mora convosco será para vós como um compatriota, e vós o amarás como a vós mesmos, pois fostes igualmente estrangeiros na terra do Egito. Eu Sou o Eterno, Yahweh vosso Deus». Amar o Outro, como a si mesmo é mandamento em toda a Escritura: Mateus 22, 37-40 diz:

³⁷E Jesus disse-lhe: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. ³⁸Este é o primeiro e grande mandamento. ³⁹E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. ⁴⁰Destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas.

A lei de Israel determinava para o estrangeiro, o tratamento justo, compassivo; a igualdade perante a lei era um princípio que incorporava a inclusão dos estrangeiros tanto do sistema sacrificial, quanto das festas anuais. Logicamente incluía a obrigação de prestar contas por erros cometidos (Carson 2009, 233). É fundamental observar que em uma altura onde a nação de Israel era a menina dos olhos de Deus, encontramos essa lei de igualdade explícita para o estrangeiro; Deus não se esqueceu da sua feitura, feitura esta criada em Cristo Jesus, para realizar boas obras; na essência de Deus, está, amar, amar e amar a sua feitura. Carson (2009, 233) comenta que: «essa lei possui poderosa relevância moral diante das questões prementes dos direitos e do tratamento de minorias étnicas, refugiados, trabalhadores migrantes, pessoas em busca de asilo etc.». Amar o estrangeiro como um compatriota, como um natural, como a si mesmo, tem a força moral no mesmo nível, o praxis do cumprimento dessa norma, desta lei é o mesmo que praticar a santidade. Isso é extraordinário, quando paramos para refletir que a práxis de amar o estrangeiro como um compatriota, como um natural, como a nós mesmo é também um evidência de santidade ao Senhor. Cumprir os mandamentos, e este é um deles, representaria a decisão de Israel, e agora das Igrejas autóctones e migrantes, o de submeterem-se aos limites de Deus na área moral e ética (Bíblia APEC. 2003, 154). Os estrangeiros em Israel precisavam repousar no sábado, observar o Dia da Expição, evitar o uso do fermento nas festas dos Pães Asmos, etc.

2. Não maltratar o estrangeiro, tratar com justiça, Êxodo 22, 21: «Não maltrateis nem oprimirás nenhum estrangeiro», pelo contrário o autóctone deve, segundo Provérbios 31:8-9, «Erguer a voz em favor dos que não podem defender-se, seja o defensor de todos os desamparados. Erguer a voz e julgar com justiça; defender os direitos dos pobres e dos necessitados». Não rejeitar ou

abominar o estrangeiro, segundo Deuterónimo 23:7 - Contudo, não rejeites o edomita, pois esse é teu irmão. Não abomines o egípcio, porque foi um estrangeiro em sua terra. Cole (2011, 1- 68) comenta que «todos estes preceitos são apodícticos, não casuísticos, isto equivale a dizer que são fundamentais à lei de Israel». Israel devia tratar bem, com justiça, não rejeitar, não abominar o estrangeiro, pois Deus cuidava deles.

3. Ser humilde, é a norma que desafia o migrante e o autóctone cristão.

⁵ Tenham entre vocês o mesmo modo de pensar que Cristo Jesus tinha: ⁶ Ele tinha a natureza de Deus, mas não tentou ficar igual a Deus. ⁷ Pelo contrário, ele abriu mão de tudo o que era seu e tomou a natureza de servo, tornando-se assim igual aos seres humanos. E, vivendo a vida comum de um ser humano,⁸ ele foi humilde e obedeceu a Deus até a morte — morte de cruz (Fl 25-8).

Jesus Cristo é o nosso padrão de humildade, de bondade e de mansidão; Ele é o padrão de não agirmos para nos satisfazermos a nós mesmos. A Escritura nos convida a imitar a Deus, ter a mesma perfeição de Deus, na esfera do carácter moral, do amor e da misericórdia. Imitar a Jesus de Nazaré, na sua prática moral de ser humilde, é o desafio de todo autóctone e migrante.

4. Ser humilde também implica em: aprender antes de ensinar. Este é o desafio de todo imigrante e estrangeiro, principalmente quando a migração, quer interna ou externa, depara com a possibilidade de se falar a mesma língua. Jo 1, 14 nos ajuda a perceber essa práxis: «O Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai». O próprio Deus se fez carne, desceu a condição humana na pessoa de Jesus de Nazaré. A aculturação é um ato de seguir o exemplo de Jesus.

A aculturação, a hibridização é um ato de humildade, de empatia. Jesus moveu de íntima empatia pelo humano, que desceu até ele. A Pastora chama a atenção para esse ponto, pode alguns dos migrantes palops em descer ao processo cultural dos autóctones, com certo julgamento de superioridade.

5. Repartir a sua herança - nacionalidade: Ezequiel 47, 22

Vós a repartireis em herança, por sortes, entre vós e entre os estrangeiros que vivem entre vós, e que têm gerado filhos em vossa comunidade; assim vós os tereis como naturais entre os israelitas; portanto, terão herança convosco, no meio das Tribos de Israel.

No Novo Testamento, um estrangeiro podia ser naturalizado, e tornar-se membro da nação da aliança, sendo considerado um convertido ou prosélito do judaísmo, por meio da circuncisão

e da adoção do Código Mosaico (Pfeiffer 2011, 705). O estrangeiro, o migrante, precisava aceitar o Deus de Israel, para ser naturalizado.

6. Repartir do pão: Levítico 19, 9-10, Quando fizerem a colheita da sua terra, não colham até as extremidades da sua lavoura nem ajuntem as espigas caídas da sua colheita. Não colhem tudo da sua vinha nem apanhem as uvas que tiverem caído. Deixem-nas para o necessitado e para o estrangeiro. Rute a moabita, foi alvo dessa norma:

² Um dia Rute disse a Noemi: — Deixe que eu vá até as plantações para catar as espigas que ficam caídas no chão. Talvez algum trabalhador me deixe ir atrás dele, catando as espigas que forem caindo. — Vá, minha filha! — respondeu Noemi. ³ Então Rute foi ao campo e andava atrás dos trabalhadores, catando as espigas que caíam. E por acaso ela entrou numa plantação que era de Boaz, um parente de Elimeleque (Rute 2, 2-3).

Segundo a lei de Deus, dado a Moisés o dízimo trienal pertencia ao estrangeiro, ao órfão e à viúva, para comerem se saciarem⁸², a fim de que todos fossem atendidos em suas necessidades. No próprio Deus vemos a norma ética se materializando, a práxis acontecendo para toda terra. «Sou o Senhor que pratico o amor, o direito e a justiça na terra» (Jeremias 9:23.).

O Direito do estrangeiro, do migrante e do refugiado é denunciado pelo profeta Amós; Amós denuncia a perversão da justiça por falta de direito, «Assim diz o Senhor: praticai o direito e a justiça. Livrai o explorador da mão opressora; não oprimeis o estrangeiro, o órfão ou viúva, não os violenteis nem derrameis sangue inocente neste lugar» (Am 5,7). Percebemos também em Amós que Deus também é fiel em suas denúncias, Ele vem com juízo e justiça (Is 15,16). Carson (2009, 1204), comenta que «sempre que essas duas palavras são usadas juntas, juízo é a palavra que sintetiza os princípios inerentes à santidade de Deus, e justiça é a aplicação prática desses princípios na vida pessoal e social». Vale lembrar que « o fruto da justiça será a paz; a obra da justiça será a tranquilidade e a segurança para sempre» (Sl 85,11). As consequências da práxis justiça é extraordinária para quem pratica, quer autóctone, migrante ou refugiado

⁸² Deuterónimo 14:28-29; 26:12-13.

CAPÍTULO 3 – A ORDENAÇÃO ÉTICA TEOLOGICA NA MOBILIDADE HUMANA.

Descrevemos, neste capítulo da pesquisa, uma conclusão normativa que abarca todo o processo de migração, isto é, como se organiza e quais as consequências e necessidades das diferentes fronteiras. É apresentada uma argumentação sobre a criação de pontes ou muros. Aborda-se também a elaboração de uma Norma Ética Teológica, a partir das Escrituras Sagradas e diferentes autores que a defendem, (1). Pallister e Cerqueira (2015); (2). Papa Francisco; (3). (Dias e Pizzutti 2020); norteando assim todo o processo e como agir diante disso. A mensagem central das Escrituras Sagradas, é o grande amor de Deus, pelo humano; pelo humano de todo mundo, atrelado ao repartir o pão, a justiça, o direito, a humildade, a não maltratar, a repartir a herança, etc.; para tal é necessário criar normas de ética teológica, para o ser humano, o migrante e refugiado, bem viver.

A elaboração das normas éticas apresentadas está fundamentada nas Sagrada Escritura e a autores: (Dias 2007); Pallister e Cerqueira (2015); que também fundamentam suas normas de ética na Escritura Sagrada, assumindo o compromisso do dever ético diante de Deus. Leva-nos a indagar por que fundamentar as normas éticas nas sagradas Escrituras? Porque as Sagradas Escrituras é o código de ética de Deus. A fundamentação na Sagrada Escritura diz a respeito da tradicional crença da Pastora, e da sua Comunidade que defendem:

As Escrituras Sagradas são para os cristãos a revelação do que Deus fez para que o homem pudesse vir a conhecê-lo, amá-lo e alegremente obedecê-lo. A mensagem das Escrituras é fundamentalmente de reconciliação com Deus mediante Jesus Cristo. A ética cristã fundamenta-se na obra realizada em e por Cristo, e é uma expressão de gratidão, muito mais do que um esforço para merecer as benesses divinas (Augustus Nicodemus);⁸³ uma vez que:

¹⁶ Toda a Escritura é divinamente inspirada, e proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça; ¹⁷ Para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente instruído para toda a boa obra (II Tm 3,16-17).

Ela é o fundamento das normas éticas teológicas, que podem nos nortear de forma justa, segura, a fim de praticarmos o práxis na Fronteira da Vida dos migrantes e refugiados. As Escrituras Sagradas é a palavra de Deus, que permanece para sempre, é o farol que guia, é a luz do caminho humano (Salmos 119,105). Santo Agostinho, que segundo Pallister e Cerqueira (2015:12-13) era um homem apaixonado por Deus, deu conta que era imprescindível a graça de

⁸³ Augustus Nicodemus.

«Fundamentos da Ética Cristã» <https://spurgeononline.com.br/artigos/fundamentos-da-etica-crista/>.

Deus para a transformação do coração humano, essa verdade é fundamentada nas Escrituras. Calvino (Pallister e Cerqueira 2015, 14-15) defendeu a revelação bíblica como única fonte de autoridade para estabelecer normas éticas, com a compreensão de «que a lei de Deus é para todos os homens que a reconhecem em parte pela revelação geral e que, perante a essa lei, algum dia todos terão que prestar conta», e não apenas as igrejas.

A Escritura Sagrada fala do migrante e refugiado de Gênesis a Apocalipse, há livros inteiros em que os personagens centrais são migrantes, podemos observar isso em Gênesis 12-50, o livro de Rute, o de Ester, o de Jonas, e Mateus e Lucas que «apresentam a profunda solidariedade e a identificação de Cristo com os migrantes» (Mt 25, 35). Enquanto pessoa e pastora concordamos que:

A Bíblia é um livro escrito por migrantes, para migrantes e a respeito de migrantes. Estudos sobre a composição e redação dos textos bíblicos apontam que grande parte do texto final do Antigo Testamento foi redigido durante e depois do Exílio na Babilônia, sec. IV a.C. Sábios e sacerdotes do antigo Israel teriam reunido antigas tradições e atualizado através de uma releitura contextual, de acordo com a experiência que viviam fora da terra prometida ou sob a jurisdição de alguma potência estrangeira, isto é, Egito, Assíria, Babilônia, Pérsia, Grécia, Roma. Em perspectiva bíblica, porém, a migração não é apenas um status sociopolítico, mas elemento constitutivo da identidade do povo de Deus. Os textos bíblicos não se limitam a falar e contabilizar os migrantes e a migração, tão pouco se refere a eles como objeto de assistencialismo apenas. Na verdade, a Bíblia dá protagonismo e visibilidade aos migrantes, tira-os do anonimato, se refere a eles como pessoas com um nome e uma história. O narrador bíblico dá vida, voz aos migrantes e marginalizados (Dias e Pizzutti 2020: 5-6).

3.1. Como Organizar o Processo Migratório no Mundo?

O processo migratório no mundo, quer voluntário ou não, precisa ser norteado por normas éticas teológicas. Somos da premissa que essas normas estão nas Sagradas Escrituras, como citado acima, e que elas são válidas não só para as Igrejas cristãs, mas para todo o mundo, para todos que se deslocam de um sítio para outro e todos que recebem esses deslocados.

3.2. Abrir Fronteira ou Fechar Fronteira?

Quando as fronteiras são fechadas, abre-se a fronteira da ilegalidade, da entrada ilegal, dos contrabandistas, conhecidos como Coiotes, que cobram cerca de US\$4.000 para cruzar a fronteira do México para os EUA; que equivale há vários anos de renda para um trabalhador mexicano, na zona rural. E não param por aí, as taxas de contrabandos para lugares como a China,

podem custar até US\$50.000. O país que as portam fecham, arriscam-se a realizar expulsões em grande escala (Caplan e Weinersmith 2019:12).

Martin Luther King lutou para que o seus filhos não fossem julgados pela cor da pele, mas pelo conteúdo do seu caráter, não será a hora de aplicarmos o mesmo princípio aos estrangeiros, afinal eles também têm um sonho, o de não serem julgados pela nação do seu nascimento, mas pelo conteúdo de cada personagem. Não será a hora de abrir as fronteiras? (Caplan & Weinersmith 2019, 14-15). Abrir as fronteiras com normas, que os verdadeiros interessados terão acesso, sem precisar pagar de forma ilegal para entrar no país do sonho.

O economista Bryan Caplan (2019) argumenta que a abertura de todas as fronteiras daria início a uma economia global em expansão, que, em sua visão, poderia eliminar a pobreza em todo mundo, beneficiando toda a humanidade. Em sua opinião, negar o direito básico dos estrangeiros de viver e trabalhar onde quiserem, com o objetivo de evitar o desastre da pobreza em massa, é radicalmente errado. Contrariando os medos populares, fronteiras abertas indicam um atalho para a prosperidade global (Caplan & Weinersmith 2019, 51). A positividade do senhor Bryan Caplan, quanto a eliminação da pobreza é de se louvar; entretanto segundo as Escrituras Sagradas, «os pobres sempre os teremos conosco» (Jo 12, 8). Não há como eliminar a pobreza, mas temos a responsabilidade de cuidar. Abrir as fronteiras é para a Pastora claramente um passo para prosperidade global; mas não uma prosperidade total.

3.3. Argumentação favorável

Fronteiras abertas fazem valer a liberdade de circulação internacional que é um direito básico de todos. Fronteiras fechadas colocam em causa igualdade de oportunidades e agrava as assimetrias entre povos. Não só por isso, a Pastora é da opinião que as fronteiras devem ser abertas. Ela parte do princípio de que toda Terra é do Senhor «Ao SENHOR pertence a terra e tudo o que nela se contém, o mundo e os que nele habitam» (Sl 24,1). Assim sendo, deve-se cuidar para que essa Terra, viva o processo de mobilidade de forma coesa, com respeito e com punições para aqueles que contrariam as normas estabelecidas.

Deus é o único com direito legítimo de criar fronteiras, quando Ele acha necessário, Ele mesmo fecha, assim o fez no jardim do Éden, com os primeiros habitantes quando desobedecem às normas estabelecidas por Ele. Deus banuiu Adão e Eva e no lado leste do jardim do Éden estabeleceu seus querubins e uma espada flamejante que se movia em todas as direções, evitando assim que alguém tivesse acesso à árvore da vida (Gn 2, 24). Deus colocou uma fronteira, para

proteção do pecado, proteção pessoal, ele colocou suas fronteiras em toda terra, o mar evidencia isso. Se olharmos para as divisões das águas e terras, Ceuta e Melilla ficam no continente africano, visto que o mar separa as terras do continente europeu do continente africano; entretanto Ceuta e Melilla pertencem à Espanha oficialmente. Ambas as cidades são usadas como fronteiras, para impedir que a África negra entre na Europa. Não está a Espanha usando o que não é seu? Vale lembrar que em 1415 Ceuta foi conquistada por Portugal, também Europa, e na atualidade Ceuta e Melilla são terras espanholas, suprindo seus anseios. Em pleno século 21, vemos o colonialismo em ação e ao mesmo tempo, países colonialistas como a Espanha, construindo fronteiras, para não receber, quem eles julgam, não ser interessante para sua economia. Olhando para a história não há como não defender as fronteiras abertas.

3.4. Quando a Fronteira se Abre

A norma máxima que a Escritura Sagrada defende, ao nosso ver, é que devemos fazer para o Outro, tudo que queremos que o Outro faça. Mateus 7,12 diz: «Portanto, tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós, porque esta é a lei dos profetas». Se queremos encontrar portas abertas, logo precisamos deixar portas abertas.

3.5. Erguer Muro, Derrubar Muros ou Criar Pontes?

Os muros são limites materiais que indicam o que está no coração humano, o desejo de banir do seu território, seus desafetos, seus inferiores. Limites, criados pelos poderosos, que dividem famílias, amigos, que ditam o fim da vida. Concordar com a continuação de erguer os muro é discordar do Deus que derruba os muros, as muralhas. Os muros/muralhas de Jericó foram derrubados para o povo de Deus passar; Eles não usaram armas naturais, mas espirituais. Sete sacerdotes, sete dias, sete voltas em torno dos muros, e um grito de guerra, e os muros viram abaixo (Js 6).

Não será o momento de olharmos para essa ação divina e clamarmos a Deus para que os mais de 64 muros caiam, pelo seu imenso poder? O Papa Francisco, em Coletiva de Imprensa no Vatican News, comentou: «aqueles que constroem os muros acabaram presos pelos muros que

construíram»⁸⁴. Precisamos orar pela libertação, também daqueles que constroem muros. Precisamos, no lugar desses muros, construir pontes. Precisamos usar mais as armas/normas espirituais para derrubar muros e construir pontes.

O Papa Francisco continua afirmando:⁸⁵

aqueles que constroem pontes vão muito avante. Para mim, construir pontes é algo que vai quase além do humano, exige muito esforço. Sempre me tocou muito uma frase do romance de Ivo Andrić, "A Ponte sobre a Drina": ele diz que a ponte é feita por Deus com as asas dos anjos para que os homens se comuniquem, para que os homens possam se comunicar. A ponte é para comunicação humana.

3.6. Normas Ética Teológica Para Nortear o Processo Migratório

De acordo com o panorama bíblico apresentado no capítulo 3, nos personagens bíblicos citados, notou-se a existência das normas éticas teológicas dentro do processo migratório. Dessa forma compreende-se que a declaração de Rute é uma declaração de normas éticas teológicas, que podem nortear o processo migratório: (1). não abandonar o Outro; (2). adotar o povo de sua recepção; (3). adotar as crenças e o Deus do povo de sua recepção de forma voluntariamente. Além disso, o ensino ético de Jesus Cristo evidencia normas éticas teológicas, que também podem nortear o processo migratório: (1) acolhimento do Outro, (2). aproximação do Outro, (3). comunhão com o Outro.

⁸⁴ Papa Francisco - Coletiva de Imprensa. «Quem constrói muros permanece prisioneiro deles. Os construtores de pontes vão avante», Vatican News.

<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-03/quem-constroi-muros-permanece-prisioneiro-papmar.html>.

⁸⁵ Papa Francisco - Coletiva de Imprensa. Vatican News.

CONCLUSÃO TEOPOÉTICA

Para concluir ousamos construir uma abordagem teopoética da Fronteira da Vida, do migrante e do refugiado, vivida por muitos, não conhecida por muitos outros, ignorado pelos que tem ciência, subjugados pelas castas superiores, alcançados pelo maior migrante e refugiados da história da humanidade, Jesus de Nazaré.

Na Fronteira da Vida

Na Fronteira da Vida, encontramos o refugiado, alguém que é obrigado a deslocar-se, a atravessar fronteiras, a arriscar a vida e, por fim, a pedir esmola pela sua própria cidadania. A crise agrava-se. A resposta tarda. Constroem-se muros.⁸⁶ Teria Satanás capacitado seus soldados para essa construção?

Na Fronteira da Vida, encontramos o homem que ontem jogava com os amigos, hoje recebeu um tiro no corpo, por parte daqueles que o devia defender. Por quê? Porque era imigrante a pedir esmola. Mas o imigrante não é de Deus? Senhor, os imigrantes são seus? Na Fronteira da Vida, encontramos muitos que encontraram 7 km para o inferno (Tizawati é a fronteira entre a Argélia e o Mali), e não regressaram. Será o inferno assim tão perto? Ou os céus o receberam?

Na Fronteira da Vida, encontramos o Mar, onde homens, mulheres e crianças foram enterrados sem terra. Não houve despedidas, será que houve reencontro? Depois de passar a Fronteira da Vida, eles ficam presos na fronteira da morte? Na Fronteira da Vida, encontramos, aquelas que Na Fronteira da Vida, encontraram a dor de serem violadas, algumas encontraram a morte, outras uma gestação indesejada e outras, como a Tata Kamara⁸⁷, um Salvador que a levou de volta para seu noivo.

Na Fronteira da Vida, encontramos o mundo sem fronteiras, a internet. Esse mundo sem fronteiras favorece os grandes, os não necessitados. Esse mundo sem fronteiras é virtual, e não é humano. Esse muro causa muros físicos. Deus não é sua especialidade contemplar o não visível?

Na Fronteira da Vida, encontramos a fronteira das castas, da cor, da raça, do conhecimento, da academia, da condição social, do gênero, da religião, etc. Quando chegará o

⁸⁶ Susana Pereira, Fundadora da ACEGIS.

<https://www.acegis.com/2015/08/a-crise-agrava-se-a-resposta-tarda-constroem-se-muros/>.

⁸⁷ Anexo I - Foto do acervo do salvador: Jolidy Dweh Towah - Tata Karama nasceu na Libéria, e na altura tinha por volta 21 anos.

momento de encontrarmos o amor, a compaixão, a misericórdia, a fidelidade, etc.? Será só após a morte?

Na Fronteira da Vida, encontramos um migrante de Honduras a desabafar: "Alguns nos chamam de 'cucarachas' [baratas]", "mas não somos insetos, mas sim pessoas que têm sentimentos e famílias, que esperam por um futuro melhor"⁸⁸. Não houve nenhum enviado de Deus para contrariar essa receção de decepção? Na Fronteira da Vida, encontramos milhares de migrantes e refugiados, vivendo a experiência de ser ninguém para o Outro. Será que para Deus eles são alguém? Para o Senhor, eles são alguém Deus?

Na Fronteira da Vida, encontramos os apátridas Rohingya, lutando para sobreviver, para não entrar no exército birmanês, gritando para ser alguém, para um Estado. Terá Deus esquecido deles? O Senhor se Esqueceu Deles Pai? Na Fronteira da Vida, encontramos o senhor Fabiano, esposo da sinhá Vitória pai dos meninos que nem nome tem, e a Cadela Baleia, fugindo da seca, da injustiça social, da miséria, da fome, buscando uma cama, a cama igual do seu Tomás da Bolandeira; nessa família a personagem de peso era a Cadela Baleia, que morreu vítima do senhor Fabiano, que foi vítima do patrão, da polícia, da fome, de suas más escolhas, etc. Sim, é literatura brasileira, de Graciliano Ramos de 1938, que parece retratar os dias atuais. Terá Deus, se lembrado em criar uma literatura bíblica, para falar desse assunto?

Na Fronteira da Vida, já não encontramos o muro de Berlim, mas encontramos o muro de Celta, da Cisjordânia, do México e mais 61 muros, que gritam: não os queremos cá. Por onde anda os filhos de Deus, os cristãos que não impedem essa construção. Não será a hora de Deus confundir as línguas dos autóctones? Não será a hora Senhor, de fazer as muralhas ruírem, como fez em Jericó? Foi o Senhor que fez as muralhas ruírem, não foi? Na Fronteira da Vida, nós relembramos que muitos países, que hoje constroem muros para sua proteção, desprotege e desprotegeu nações, famílias, em prol das suas vitórias. Sim, esses mesmos países, em uma certa altura da história, chamaram os homens dos países que não podem entrar nos seus, na atualidade, para lhes dar vitórias nas guerras, vertendo seu sangue em campo aberto.

Entretanto!

Na Fronteira da Vida também encontramos a Escritura Sagrada, a Escritura de Deus, para o autóctone, o migrante e o refugiado; o Livro escrito por, para, a respeito dos autóctones,

⁸⁸ Daniel G. Groody. A Teologia Na Era Da Migração: Ver Cristo Nos Olhos De Um Estrangeiro. 2009. <https://www.revistamissoes.org.br/2009/09/a-teologia-na-era-da-migracao-ver-cristo-nos-olhos-de-um-estrangeiro/>.

migrantes e refugiados. Nela a ‘migração não é apenas um status sociopolítico, mas elemento constitutivo da identidade do povo de Deus’. Na Fronteira da Vida também encontramos, a mesma Escritura Sagrada dando protagonismo e visibilidade aos migrantes, tirando-os do anonimato, referindo a eles como pessoas com um nome e uma história, dando-os, vida, voz e conquistas.

Na Fronteira da Vida também encontramos o Pentecoste teológico em Atos dos apóstolos, onde Deus assina a mobilidade humana, fazendo as línguas conhecidas a todos que julgou necessário; uma inversão da Torre de Babel. Deus revela o legítimo interesse em unir os povos, em torná-los um nele. Os povos que estavam em Jerusalém, passam a falar e perceber e falar novas línguas, dos partos, dos medos, das elamitas, naturais da Mesopotâmia, Judéia, Capadócia, Ponto e Ásia, Frígia, Panfília, Egito, Líbia, Cirene, Creta, Arábia e Roma.

Na Fronteira da Vida também encontramos o Pentecoste teológico revelando a materialização da vontade plena de Deus em abrir fronteiras, construir pontes, derrubar muros, na Fronteira da Vida. Na Fronteira da Vida também encontramos, em pleno século 21, pessoas com línguas distintas, e mesmo assim, a comunicação é perfeita, não se vê fronteiras. Deus enche do seu Espírito, como fez em Atos 2 e passam a falar línguas desconhecidas.

Na Fronteira da Vida também encontramos homens e mulheres com história semelhante à de José, Noemi, Rute e Ester, Daniel, que contam uma história de superação, de crescimento e de encontros. Porque se renderam ao Deus que se importa com o Outro, com o Humano. Na Fronteira da Vida também encontramos o bom samaritano, que cura a ferida, alimenta e oferece um teto. Encontramos sempre um enviado de Deus; Jesus é enviado de Deus, nós somos enviados de Deus.

Na Fronteira da Vida também encontramos pessoas que ousam dizer: "Ver a migração como uma oportunidade para reconhecemos as nossas diferenças e semelhanças e compreender que estamos todos ligados".⁸⁹ Afinal fomos criados à imagem e semelhança de Deus. Na Fronteira da Vida também encontramos o migrante a oferecer, a ensinar, a dar, contrariando a visão que só recebe; pois esses sabem que melhor coisa é dar do que receber.

Na Fronteira da Vida também encontramos o muro da Cisjordânia, que foi declarado ilegal pelo Tribunal Internacional de Justiça Yannis Behrakis/Reuters. Encontramos a justiça de Deus sendo revendida nas nações. Na Fronteira da Vida também encontramos o menino Jolidy, de 16 anos, fugindo da guerra civil da Libéria em busca de paz, de um lugar para reclinar a cabeça.

⁸⁹Martina Liebsch.

<https://agencia.ecclesia.pt/portal/migracoes-ha-63-muros-no-mundo-quatro-vezes-mais-do-que-quando-caiu-o-de-berlim/>.

Encontramos esse mesmo menino, agora adulto, com 26 anos, salvando a menina dos árabes e dos nigerianos que a violentavam, à “7 km para o inferno”. Deus estava lá.

Na Fronteira da Vida também encontramos muros e muralhas a cair pelo poder do louvor, da oração, da fé e da determinação. Deus se encarrega de derrubar os muros. Josué que o diga. Na Fronteira da Vida também encontramos pastores, padres, líderes espirituais, igrejas que são Pontes que Marcam a Diferença. Na Fronteira da Vida também encontramos as mulheres Cabeças da etnia cigana, lutando para quebrar paradigmas nelas e na igreja local, com todas as suas forças.

Na Fronteira da Vida também encontramos doutores, professores, alunos, poetas e leigos, usando a caneta para fazer diferenças na migração e refugiados, inspirados pelo Deus Todo-Poderoso. Na Fronteira da Vida também encontramos o Alto-Comissário assistente para proteção da Agência das Nações Unidas, o senhor Volker Türk, se posicionando diante dos apátridas Myanmar: «A chave da questão é garantir uma identidade jurídica a todas as pessoas no território de Myanmar, bem como as liberdades fundamentais que lhe estão associadas, tais como a liberdade de circulação, a não discriminação e o acesso aos serviços».

Na Fronteira da Vida também encontramos homens e mulheres, desprovidos, ou providos de religiosidade que evidencia os padrões de Jesus Cristo, humildade, bondade e mansidão, entrega. Deus tem acesso a sua criação. Na Fronteira da Vida também encontramos homens e mulheres que acreditam que a Escritura Sagrada é o fundamento das normas éticas teológicas, que podem nos nortear de forma justa, segura, a fim de praticarmos o práxis na Fronteira da Vida dos migrantes e refugiados.

Na Fronteira da Vida também encontramos o verdadeiro dono de toda a Terra, permitindo a homens, mulheres e crianças cruzarem fronteiras e fronteiras, possuindo a Terra. Sim, o próprio Deus abriu as fronteiras colocadas pelos homens em sua Terra. Na Fronteira da Vida também encontramos, Dias e Pizzutti (2020:6) dizendo: «O grito do migrante move as entranhas de Deus, que não pode se manter indiferente, imparcial».

Na Fronteira da Vida também encontramos o maior migrante e refugiado que o mundo conheceu, doou sua própria vida voluntariamente pelos autóctones, migrantes e refugiados. Afinal Deus amou o mundo de tal maneira que se ofereceu em nosso lugar (Jo 3,16).

Na Fronteira da Vida também encontramos Deus estabelecendo normas éticas teológicas que devem conduzir os autóctones, os migrantes e os refugiados. Na Fronteira da Vida também encontramos Rute a moabita, que inspirada por Deus, nos apresenta normas éticas teológicas, que podem nortear o processo migratório. Não abandonar o Outro; adotar o povo de sua recepção; adotar as crenças e o Deus do povo de sua recepção de forma voluntária.

Na Fronteira da Vida também encontramos José que nos ensina a norma ética teológica na sua própria pessoa, Ele é o instrumento de Deus, a ponte da salvação do Egito para o mundo e não só isso, o estabelecedor de normas comerciais que favoreceu o processo migratório tanto interno quanto externo no Egito. José criou normas éticas teológicas, para sua própria proteção, nos ensinando a importância das normas para reconhecer o migrante mal intencionado.

Na Fronteira da Vida também encontramos Ester, que nos ensina como norma ética teológica, o envolvimento da nação na problemática da migração, usando o jejum e consagração como estratégia, fazendo valer a crença da nação de Israel no Deus único. Na Fronteira da Vida também encontramos o ensino ético teológico de Jesus Cristo evidenciado em normas, que também podem nortear o processo migratório. Com Jesus aprendemos o processo de acolhimento do Outro, de aproximação do Outro e de comunhão com o Outro.

Na Fronteira da Vida também encontramos muitas e muitas fronteiras abertas, fronteiras das igrejas, das universidades, dos órgãos governamentais que trabalham para legalizar os imigrantes.

Sabe o que mais?

Na Fronteira da Vida, «Se um muro cai, outros são erguidos. Hoje combatemos novos muros na Europa. Os muros da discriminação, da intolerância e dos discursos de ódio»⁹⁰. Esses infelizmente espalham-se por todo mundo. Esses muros merecem nossa atenção, nosso estudo futuro, pois é uma parte importante da ética e teologia da mobilidade humana, que precisamos dar especial atenção.

Na Fronteira da Vida encontramos o coração, «a última Fronteira da Vida que nos possibilita transcender e adentrar em processo ritualístico, permeado pela pulsão de vida divina, que nos leva a tornar-nos nômades com a rubrica da empatia e da solidariedade em um mundo embrutecido pelo ódio e pelo poder»⁹¹. Na Fronteira da Vida, nos encontramos com a responsabiliza de se ponte; A Ponte Que Marca a Diferença na mobilidade humana.

⁹⁰ Susana Pereira – Fundadora da ACEGIS

⁹¹ Prof. Dr. Vagner Moura, um anjo de Deus.

BIBLIOGRAFIA

Brígido, Maria Aparecida da Silveira, Dauber, Lia. «Migrantes. Considerações sobre os sentimentos frente ao estrangeiros», *Humanística e Teológica* 34, nº 2 (dezembro 2016): 89-97

Cunha, Jorge T. «Refugiados e Migrantes na Fronteira da Vida», *Humanística e Teológica* 34, nº 2 (dezembro 2016): 19-36.

Cunha, Jorge T. «Entrevista com a Prof. Mariana Barbosa sobre refugiados e migrantes», *Revista Humanística e Teológica* 34, nº 2 (dezembro 2016): 11-18.

Mello, Magda Medianeira de Becker e Natacha, Oliveira H. de. «Efeitos do padecimento na subjetividade dos retirantes na obra literária: Vidas Secas de Graciliano Ramos», *Humanística e Teológica* 34, nº 2 (dezembro 2016): 101-116.

Andresen, Sophia Mello Breyner. *Histórias da Terra e do Mar*. Porto: Porto Editora, 2013.

Arribas, Roberto Vaquero. *Inmigración? Realidad, Fenómeno o Problema?* s.l.: Espanha: Circulo Rojo Editorial, 2023.

António, João H. C, Policarpo, Verónica [Coordenadores]. Rutland, Adam. Rutland, Cícero Roberto. Marques, José Carlos. Costa, Leonor Pereira da. Monteiro, Maria B. Rodrigues, Ricardo B. Lopes, Rui Costa. Pires, Sónia e Correia, Tânia Sofia. *Plataforma Imigração: Os Imigrantes e a Imigração aos Olhos dos Portugueses: Manifestação de preconceito e perspetivas sobre a inserção de imigrantes*. Lisboa: Edição Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

Bíblia APEC. *Bíblia de Recursos para o Ministério com Crianças*. São Paulo: Hagnos, 2003.

Caplan, Bryan e Weinersmith, Zach. *Open Borders: the Science and Ethics of Immigration*. New York: First Second, 2019.

Carson, D.A. France, R.T. Motyer, J.A. e Wenham, G.J. Wenham. *Comentário Bíblico Vida Nova*. São Paulo: Vida Nova, 2009

Carson, Donald A. *O Deus Amordaçado: O Cristianismo Confronta o Pluralismo*. São Paulo: Shedd Publicações, 2013

Castro. Fátima Velez de. A. A Europa do Outro - A Imigração Em Portugal No Início do Século XXI. Estudo do caso dos imigrantes da Europa de Leste no concelho de Vila Viçosa: [Teses:16], 2008.

Castro, José Acácio Aguiar de. *Introdução à Estética e Teologia*. Porto. Universidade Católica. Porto: Editora, 2018.

Cole, R. Alan. *Êxodo Introdução e Comentário: Série Cultura Bíblica*. São Paulo: Editora Vida Nova, 2011.

Fernandes. José Manuel 1996 “Obrigado, senhor governador” in Público, 30/08/96. Data do acesso 26/06/24.

Cunha, Jorge Teixeira da. *Ética Teológica Fundamental*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2009.

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*. Folha de São Paulo. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1995.

Gil, Ana Rita. *Imigração e Direitos Humanos*, 2ª edição, atualizada. Forte da Casa: Petrony Editora, 2021.

Haas, Hein de. *Como Funciona Realmente A Migração: Um Guia Factual Sobre a Questão Que Mais Divide a Política. Traduzido por Artur Lopes Cardoso. Temas e Debates*. Lisboa: Bertrand Editora Lda, 2023.

Henry, Carl (organizador). *Dicionário de Ética Cristã*. Traduzido por Elizabeth Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

Lopes, Hernandes Dias. *Bíblia Pregação Expositiva: Sermões, Estudos e Reflexões de Hernandes Dias Lopes*. São Paulo: Editora Hagnos, 2020.

Meekes, Wayne A. *The First Urban Christians: The Social Word of the Apostle Paul [Os primeiros cristãos urbanos - o mundo social do apóstolo Paulo]*, Yale: Yale University Press, 1983

Murray, Douglas. *A Estranha Morte da Europa: Imigração, Identidade, Religião*. Traduzido por Jorge Colaço. Porto Salvo: Edições Desassossego, 2018.

Novinsky, Anita. Levy, Daniela. Ribeiro, Eneida e Lina, Gorenstein. *Os Judeus que Construíram o Brasil: Fontes inéditas para uma nova visão da história*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2015.

Nascimento, Mariângela. Rocha, Júlio Cesar de Sá da. Paraíso, Maria Hilda. Carneiro, Sarah Roberta e Santos, Maria Luiza Silva [organizadora]. *Migração Refúgio e Direitos Humanos: reflexões de pesquisas contemporâneas*. Belo Horizonte: Editora Expert, 2023.

Nachama, Andreas. [Representante] *Topografía Del Terror: La Gestapo, La SS y la Oficina Central de Seguridad del Reich en la Wilhelmstrasse y La Prinz-Albrecht-Strasse. Una Documentacion*. Berlin: Stiftung Topographie des Terrors, 2017.

Pallister, Alan e Cequeira, Samuel. *Ética Cristã Hoje*. Almada: UBEP. 2015.

Pinto, Eduardo Vera Cruz. Perazzolo, José Rodolpho. Barroso, Luís Roberto. Silva, Marco Antônio Marques Da e Cicco, Maria Cristina De. *Refugiados, Imigrantes E Igualdade Das Pessoas - Estudos Em Homenagem A António Guterres*. Santo Amaro: Editora Quartier Latin do Brasil, 2001

Pfeiffer, Charles Fr. Vos, Hovand Fr.e Rea, John. *Dicionário Wycliffe*. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

Ramos, Joaquim. *Português Institucional e Comunitário*. Praga: Universidade Carlos IV, 2010.

Keeling, Michael. *Fundamentos da Ética Cristã*. Tradução de Ahron Sapsezia. São Paulo: ASTE, 2002.

Santos, Paulo e Calado, Silva. *A Obra Evangélica Congregacional em Portugal*. s.l.: Estúdio Gráfico Serafim S. Serrano Lda, 2012.

Wilkerson, Isabel. *Castas: As origens do nosso descontentamento*. Traduzido por Miguel Pereira. s.l.: Editora Cultura, 2020

ACNUR.

Acedido a 16 julho de 2024.

<https://pacnur.org/pt/onde-estamos/acnur-no-mundo/sudeste-asiático>.

Convenção de Genebra. «Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia. Acórdão Do Tribunal De Justiça».

Acedido a 30 de setembro de 2024.

<https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/HTML/?uri=CELEX:62021CJ0646>

Agência para a Integração, Migrações e Asilo. «Reagrupamento Familiar, com Familiar Fora de Território Nacional – Art. 98.º, n.º 1.»

Acedido 04 setembro 2024.

<https://aima.gov.pt/pt/viver/reagrupamento-familiar-com-familiar-fora-de-territorio-nacional-art-98-o-n-o-1>.

Augustus Nicodemus. «Fundamentos da Ética Cristã».

Acedido 22 julho 2024.

<https://spurgeononline.com.br/artigos/fundamentos-da-etica-crista/>.

Beatriz Bissio Moreira. *O mundo falava árabe: A civilização árabe-islâmica clássica*. 2013.

books.google.pt

Bruno Fernandes. «Porajmos: o genocídio nazi da comunidade rom.» Actualizado. National Geographic de Portugal: 2024,

Acesido 02 agosto de 2024.

https://www.nationalgeographic.pt/historia/porajmos-genocidio-nazi-comunidade-roma_4049.

Bruzaca, Ruan Didier e Souza, Monica Tereza Costa. *Temas Emergentes no Direito Internacional dos Direitos Humanos*. Jundiaí: Paco Editorial. 2022. [Google.pt/books](https://books.google.pt)

Carbajo, Maria. «Quem é Roberto Vaquero, o candidato da Frente dos Trabalhadores às eleições europeias». ABC España, 2024.

Acedido 16 julho de 2024].

<https://www.abc.es/espana/roberto-vaquero-candidato-frente-obrero-elecciones-europeas-20240609163000-nt.html?ref=https%3A%2F%2Fwww.abc.es%2Fespana%2Froberto-vaquero-candidato-frente-obrero-elecciones-europeas-20240609163000-nt.html>.

«Quadro estratégico da UE para a igualdade, a inclusão e a participação dos ciganos» Comissão Europeia – Bruxelas:

Acesso 01 julho de 2024.

<https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/HTML/?uri=CELEX:52020DC0620&from=>.

Dani Azevedo. Dra. Anita Mignone. «Tudo sobre Green Card através de uma Igreja nos EUA ».

Acedido 19 agosto de 2024.

<https://www.youtube.com/live/1HaK-gC1HPID>Data do acesso.

David Coimbra. *Uma história do mundo*. 2012. [Google.pt/books](https://books.google.pt)

Declaração Universal Dos Direitos Humanos.

Acedido 04 setembro 2024.

https://gddc.ministeriopublico.pt/sites/default/files/documentos/pdf/declaracao_universal_dos_direitos_do_homem.pdf.

Dias, Elizangela Chaves. Pizzutti, Eduardo. *Migração à luz da Bíblia*. Roma: Scalabrini International Migration Institute 2020.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa

Acedido a 19 de julho de 2024.

<https://dicionario.priberam.org/aut%C3%B3ctone>.

Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa.

Acedido 04 setembro 2024.

<https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=aut%C3%B3ctone+>.

Edileuza Barros Ferreira, Oslei do Nascimento, Emerson Mildenberg. Sérgio Antunes de Almeida. «Revista Terra & Cultura: Cadernos de Ensino e Pesquisa»

Acedido a 22 de julho de 2024.

<http://periodicos.unifil.br/index.php/Revistatestes/article/view/2497/2108>.

Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Acedido a 28 de junho de 2024

<https://www.youtube.com/shorts/KhRHDSEVZNs>.

Guia para a Inclusão Linguística. Salamanca. 2022.

Haas, Hein de. Migrações não é assim tão simples.

Acedido a 28 de junho de 2024.

https://www.youtube.com/watch?v=CTh38_2oyDM.

Imigração - Italianos, alemães e japoneses substituem trabalho escravo.

Acedido a 29 de agosto de 2024.

<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/imigracao-italianos-alemaes-e-japoneses-substituem-trabalho-escravo.htm>.

Jornal Observador.

Acedido a 24 de junho de 2024.

<https://observador.pt/2024/06/24/marcelo-recorda-contributo-dos-ciganos-na-construcao-do-pais-e-pede-combate-as-discriminacoes/>.1.<https://www.presidencia.pt/atualidade/toda-a-atualidade/2024/06/dia-nacional-do-cigano/>.

Martina Liebsch.

Acedido a 21 de junho de 2024.

<https://agencia.ecclesia.pt/portal/migracoes-ha-63-muros-no-mundo-quatro-vezes-mais-do-que-quan-doo-caiu-o-de-berlim/>.

Mateus, Diogo. «Migrações».

Acedido a 29 de junho de 2024.

<https://pt.slideshare.net/slideshow/migraes-62582427/62582427#16>

Matos, Jonas Miguel de. *Proteção ao Direito à Moradia dos Refugiados no Brasil*. São Paulo: Editora Dialética, 2022. [Google.pt/books](https://books.google.pt/books)

Mervyn Frost. *Pensando eticamente sobre refugiados: um caso para a transformação da governança global*. TRAVESSIA - Revista do Migrante - No 79 - Julho - Dezembro / 2016.

Neves, Correia das. *O que é a Bíblia*. 2012. books.google.pt

O Correio da UNESCO. «Histórias de MIGRAÇÃO»

Acedido a 08 de julho de 2024.

https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000379276_por.

OIM. Direito internacional da Migração. Glossário Sobre Migração. Genebra. Editora: Organização Internacional para as Migrações. 2009.

Papa Francisco - «Coletiva de Imprensa. Vatican News»

Acedido a 01 de setembro de 2024.

<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-03/quem-constroi-muros-permanece-prisioneiro-papmar.html>.

Parlamento europeu. «Explorar as razões da migração: porque é que as pessoas migram?»

Acedido a 04 de setembro de 2024.

<https://www.europarl.europa.eu/topics/pt/article/20200624STO81906/explorar-as-razoes-da-migracao-porque-e-que-as-pessoas-migram>.

Pentinat, Susana. B. *Refugiados ambientais: o novo desafio do direito ambiental internacional*. Revista de direito (Valdivia). 2006. Versão online ISSN 0718-0950.

Prisma Brasil. 2021. Meu Lar.

Acedido a 20 de junho de 2024].

<https://www.youtube.com/watch?v=LaohHWLVJ4A>.

Processo de Visto de Imigrante.

Acedido a 04 de setembro de 2024.

<https://travel.state.gov/content/travel/en/us-visas/immigrate/the-immigrant-visa-process/step-1-submit-a-petition.html>.

República portuguesa 2024 Governo. «Plano de Ação para as Migrações: conheça as principais medidas».

Acedido a 05 de setembro de 2024

<https://www.portugal.gov.pt/pt/gc24/comunicacao/noticia?i=plano-de-acao-para-as-migracoes-conheca-as-principais-medidas>.

Humanística e Teologia. v.1 n.1 (1954): volume 1(I série) n.1 (1954) - Publicada 1954-01-01. Braga. 1954.

Acedido a 17 de junho de 2024.

<https://doi.org/10.34632/theologica.1954.1.1>.

Silva, César Augusto Silva da. *Reflexões e perspectivas comparadas das migrações e do direito internacional dos refugiados*. Campo Grande: Ed. UFMS.2022:257.

Acedido a 27 de julho de 2024.

https://drive.google.com/file/d/14Da_fr8X4AkjcYkQV_eHJhc7SuUES5C2r/view.

Solidariedade Imigrante acusa Governo de traição com Plano para as Migrações

Acedido a 27 de junho de 2024.

<https://24.sapo.pt/atualidade/artigos/>

Susana Pereira, Fundadora da ACEGIS.

Acedido a 21 de julho de 2024].

<https://www.acegis.com/2015/08/a-crise-agrava-se-a-resposta-tarda-constroem-se-muros/>.

Vatican News. «Mianmar: os Rohingya sem cidadania, mas forçados a se alistar no exército»
Acedido a 02 de agosto de 2024].

<https://www.vaticannews.va/pt/mundo/news/2024-04/mianmar-rohingya-sem-cidadania-forcado-alistar-exercito-birmanes.html>.

Vila Verde e Manuel Carlos Silva & Susana Silva. «Revista Antropológicas n.º 6, 2002. Práticas E Representações Sociais Face Aos Ciganos. O Caso De Oleiros, Universidade do Minho.»

Acedido a 19 de julho de 2024.

<https://revistas.rcaap.pt/antropologicas/article/download/884/690/>.

Amaral, Cristina 2021. Entrevista. Simpatia ou Empatia pelo Migrante ou Refugido? Data da entrevista 17 de junho 2021. Com a Dra. Adriane Vieira.

https://www.youtube.com/watch?v=rT_QjiRUitE&t=20s.

Amaral, Cristina. Pregação Dominical: Realizada na Igreja Baptista Adoração e Vida dia 20 de junho de 2021 na cidade da Maia. [Data de acesso: 04 setembro 2024]. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=WL7LzVu8IwU&t=3211s>

Amaral, Cristina do. Casamento de António e Maurajane. Celebrante Pra. Cristina do Amaral. Realizado dia 20 de fevereiro de 2024, na PIBAV Portugal.

https://www.youtube.com/watch?v=hCcmrpVJA_U

Enciclopédia Mercabá. IMIGRAÇÃO: a) Imigração na UE; c) Imigração nos EUA.

Acedido a 30 de junho de 2024.

<https://www.mercaba.es/historia/inmigracion.htm>

Fernando Pinto Santos e Mafalda Nogueira. *Trabalho Final de Mestrado Antes, Durante E Depois*. Almeida, 2023.

FLAD. Imigrantes e luso descendentes nos EUA no século XXI. Autoria: Alda Botelho Azevedo [coordenador], Jorge Malheiros, Katielle Silva, Lara Patrício Tavares, Nachatter Singh Garha, Pedro Moura Ferreira.

León Grinberg e Rebeca Grinberg. *Migração e Exílio: Estudo psicanalítico*. Tradução Maria Bragança. Lisboa: Climepsi Editores, 1996.

Vaquero. Roberto. *Wall Street Wolverine. Comunista Advierte de los Peligros de la Inmigración en Europa:*

Acedido a 04 de setembro de 2024.

<https://www.youtube.com/watch?v=MbTSutzFkNU>

APÊNDICES

Apêndice A - A Prima Divina do Amaral - mencionada no agradecimento e dedicatória do trabalho. Gratidão a prima Divina do Amaral, que me apontou este caminho, da imigração (Migração e Refúgio) para desenvolver esta dissertação, uma vez, que o tempo hábil, para desenvolver o tema de origem Um Aspeto da Religiosidade Sincrética e Suas Implicações - Um Juízo Ético Teológico; não foi possível, pois a autora foi diagnosticada com cancro de mama no percurso, que a impediu, de seguir com o tema primário.



Foto 01



Foto 02

Foto 01. Alemanha 2018. A prima que está sempre cruzando fronteiras e fronteiras comigo.

Foto 02. Brasil 2018

Apêndice B – Dra. Adriane Vieira. Entrevista: Realizada com Dra. Adriane Vieira, dia 17 de junho de 2021. Simpatia ou Empatia pelo Migrante ou Refugiado? ⁹²



1. Quais os benefícios de exercer empatia pelo migrante e refugiado?
2. Quais os riscos/perigos de exercer empatia com os migrantes e refugiados?

⁹² https://www.youtube.com/watch?v=rT_QjiRUitE&t=20s

3. O que a Igreja Baptista (em Portugal) está a fazer pelo migrante e Refugiado em Portugal?
4. O que uma igreja de 30 membros, sendo 15 ativos, pode fazer em prol do migrante e refugiado em Portugal? Por favor, cite um exemplo.
5. O que você tem feito pelos migrantes e refugiados?

Apêndice C - Pregação Dominical: Simpatia ou Empatia, O Que Realmente Precisamos Exercer?⁹³



Apêndice D - Casamento do Carlos e Zaida:⁹⁴ realizado dia 24 junho de 2021.



Apêndice E - Casamento de Antônio e Maurajane⁹⁵:

⁹³ PIBAV Portugal. Simpatia ou Empatia, O Que Realmente Precisamos Exercer? Realizada na Igreja Baptista Adoração e Vida dia 20 de junho de 2021 na cidade da Maia. <https://www.youtube.com/watch?v=WL7LzVu8IwU&t=3211s>

⁹⁴ Amaral, Cristina. Casamento: Carlos e Zaída. Bélgica. Celebrante Pra. Cristina do Amaral. Realizado dia 24/06/2021. <https://www.youtube.com/watch?v=I796D1Pm42k&t=12s>

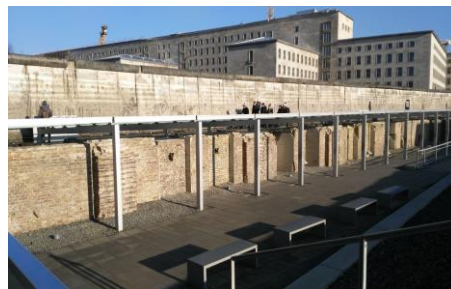
⁹⁵ PIBAV Portugal. Casamento de Antônio e Maurajane. Celebrante Pra. Cristina do Amaral. Realizado dia 20 de fevereiro de 2024. https://www.youtube.com/watch?v=hCcmrpVJA_U



Apêndice F Casamento de Luís e Sofia: realizado dia 23 de Janeiro de 2016 na PIBAV Portugal.



Apêndice G - A Pra. Cristina e sua prima Divina Amaral. Entre dezembro de 2017 à Janeiro de 2018 em Berlim. Topografia do Terror.



Apêndice G. Ciganas, Maria e Sara Cabeças. Avó e neta.



Apêndice H. Sobre o Autora

A autora, chama-se Cristina do Amaral, tem 53 anos, tornou-se migrante interna aos 6 anos, quando saiu de sua terra natal, Brasília DF para Rosário Oeste no Mato Grosso, foi migrante em diversas cidades brasileiras, tais como Cuiabá MT, Santo André SP. São Paulo SP, Teresópolis RJ, etc. Aos 18/19 anos, tornou-se emigrante e imigrante, por força do seu chamamento missionário, por amor aos povos, que não conheciam o Jesus de Nazaré, que refugiou/imigrou no Egito. Bissau na Guiné-Bissau foi o seu primeiro local de migração, onde trabalhou na implantação de Igreja no Bairro Militar e na fundação da Escola Kairós em Afia. Maia em Portugal foi seu segundo destino, onde participou da implantação da Igreja PIBAV, fruto de uma parceria com a OM e a Igreja Congregacional de Chelas, Lisboa. Seu trabalho missionário resultou em sua consagração ao pastorado em 2007, ano que retornou ao Brasil, pois foi acometida de uma grave enfermidade (Paulo Santos e Silva Calado. 2012: 152-157); só exerceu o seu chamamento ao pastorado a partir de 2012, ano do seu retorno a Portugal e permanece.

Está na essência do ser humana migrar, como a pastora não foi diferente, o desejo de conhecer mais, de aprender para melhor servir, no chamamento recebido da parte de Deus, a tornou migrante regional, saiu da cidade de Rosário Oeste para Cotia, São Paulo, para estudar teologia, de Santo André para o Rudge Ramos, de Maia para Lisboa, Cidade do Cabo - África do Sul, uma migração externa e online. Mas recentemente para cumprir este trabalho, de São Romão do Coronado - Trofa para Foz - Porto, na UCP.

Apêndice I. Pensamento da Autora – A saudade do migrante.

“Minha” amada *Amazônia brasileira*⁹⁶, que bom encontrar com você, mesmo estando tão longe. Sou sua filha, seu fruto, sua extensão em terras Lusitânia, faço parte de ti. Sou indígena

⁹⁶ Estado do Amazonas no Brasil – Roraima, Pará, *Mato Grosso*.

(de mãe), sou afrodescendente (de pai), sim sou Cafuza⁹⁷. Meus pais foram mato-grossenses, beberam de sua água, respiraram do seu ar, alimentaram da sua força. Minha mãe, uma índia linda (na verdade cabocla⁹⁸), ensinou-me a comer raízes, mandioca, cará, batata-doce. Minha tia ensinou-me a importância das plantas, e seu poder curador. Minha avó, a respeitar a natureza e não interromper o “sono” do rio, o “descanso” da terra e a comemorar as chuvas, bailando enquanto ela caía e correndo para catar os pequenos granizos que ela trazia. Saudades de ti Amazônia. Saudade da terra que conheci, como terra natal, mas não era minha terra natal.

Apêndice J. Jolidy Dweh Towah.



⁹⁷ Mestiço. Cafuzo (a) = índio -+ negro.

⁹⁸ Mestiço. Caboclo (a) = índio -+ branco.

ANEXOS

Anexo A – Referente ao acróstico do início do trabalho – Versículos usados.

BS: ⁴O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece. ⁵Não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal; ⁶Não folga com a injustiça, mas folga com a verdade; ⁷Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. ⁸O amor nunca falha; mas havendo profecias, serão aniquiladas; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, desaparecerá. I Coríntios 13:4-8.

BS. Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. João 3:16

Anexo B - Referente ao acróstico do início do trabalho e da conclusão teopoética.

«O grito do migrante move as entranhas de Deus, que não pode se manter indiferente, imparcial».

Dias e Pizzutti (2020:6)

Anexo C

Sou estrangeiro e estou por aqui de passagem. Longe estou do meu lar.
Sei que este mundo onde vivo não me dá mais motivo. Pra sorrir ou cantar.
Mas hoje meu coração quer cantar, pois em breve. Voltarei pro meu lar.
Eu canto agora mais forte, pois nem mesmo a morte poderá me parar.
Vou voltar para onde é meu lugar. Vou morar junto à fonte do amor.
Eu espero esse dia chegar. Quando Cristo virá me buscar.
Pra viver no lar. Não mais tristeza e nem dor.
Sofrimento e angústia viverão nesse lar.
Só o louvor e alegria, só a paz e harmonia. Poderão lá entrar.
Mas o motivo maior de querer muito em breve viver nesse lugar;
É ver Jesus e abraçá-lo e dizer obrigado por me dares um lar.
Cantarei com aqueles que foram. Estrangeiros como eu e você.
Mas viveram com fé na promessa. E venceram o mundo também

Anexo D

Wilkerson chegou em nossa vida, através do filme Origem, indicado pela amiga Paty, onde Wilkerson, luta para provar que a origem dos descontentamento humano, é a castas.

Wilkerson é afro-americana, natural de Washington. foi a primeira afro-americana vencer o prêmio Pulitzer para jornalismo, bem como distinguida pelos Estados Índios da América, com medalha Nacional de Humanidade, é autora das obras: Castas dos Destinos Desfeitos: A História Épica da Grande Migração Americana.

Anexo E

Vaquero é escritor, geógrafo, historiador e integrante fundador da Frente Obrero em Espanha. Fundou, juntamente com militares comunista, a Reconstrução Comunista (RC), que se transformou no Partido Marxista-Leninista (Reconstrução Comunista); em 2018, de forma temporária foi proibido e Vaquero e muitos outros foram presos na Operação Valle e ficou preso na prisão de Soto del Real, por 49 días (2024:Carbajo)⁹⁹.

Anexo F

Murray é editor associado The Spectator e escreve no The Sunday Times e no The Wall Street Journal, já discursou no Parlamento inglês, no Parlamento Europeu e na Casa Branca.

Anexo G - Fonte: Plataformas Online - "MCA no YouTube¹⁰⁰" (#11209 | 02:47)

Imam Muhammad Musri, que afirma ser conselheiro sobre o Islã para agências governamentais dos EUA, em San Francisco Bay Area Sermão: Muitos cristãos estão deixando a igreja; Estamos aproveitando a oportunidade - o Islã é a resposta para eles; Estamos comprando igrejas e convertendo-as em mesquitas;



"À medida que essas igrejas se esvaziam – em vez de gastar grandes quantias de dinheiro para construir nossas mesquitas, estamos comprando essas igrejas. Compramos três igrejas até agora e as convertemos em mesquitas, e agora temos uma que estamos comprando com uma escola, para torná-la... Porque temos que servir as mesmas pessoas. "As pessoas que fazem parte dessa comunidade, um dia serão muçulmanas. Então, faremos dela uma mesquita e uma escola islâmica para nossos filhos e seus filhos, *inshallah* . Cem anos atrás,


⁹⁹Carbajo, Maria. 2024. Quem é Roberto Vaquero, o candidato da Frente dos Trabalhadores às eleições europeias. ABC España.

<https://www.abc.es/espana/roberto-vaquero-candidato-frente-obrero-elecciones-europeas-20240609163000-nt.html?ref=https%3A%2F%2Fwww.abc.es%2Fespana%2Froberto-vaquero-candidato-frente-obrero-elecciones-europeas-20240609163000-nt.html>: Data de Acesso 24/06/2024.

¹⁰⁰ <https://www.memri.org/tv/muhammad-president-american-islam-buying-empty-churches-mosque-filling-new-converts-elections>: Data de Acesso: 30/07/2024

eles invadiram o mundo muçulmano, construíram escolas missionárias e destruíram escolas e mesquitas islâmicas. Hoje, trazemos de volta o favor e transformamos suas igrejas em mesquitas, e suas escolas em escolas islâmicas, e trazemos a luz do islamismo para cá.

Anexo G - Iranização e Xiitação na Síria: Irã aperta seu controle sobre o país e aprofunda

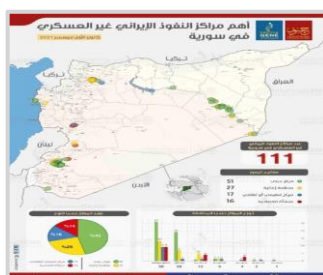
sua influência lá.  ¹⁰¹

Este relatório analisa o processo de iranização e xiização promovido pelo Irã na Síria. Aumento da infiltração iraniana no sistema educacional da Síria, do jardim de infância à universidade. Um aspecto proeminente da iranização e xiização da Síria diz respeito ao domínio da educação. O Irã se envolveu em uma extensa atividade educacional na Síria com o objetivo de espalhar sua cultura entre crianças e jovens sírios.



102

A atividade educacional iraniana na Síria também assume a forma de eventos culturais realizados em universidades estatais sírias.



103

Os centros culturais iranianos, que, como dito, são geralmente liderados por oficiais superiores do IRGC, oferecem muitos cursos gratuitos e subsidiados,

¹⁰¹ Irã cultiva "xiização" na "Síria de Assad" (Fonte: [Twitter.com/thiqaagency](https://twitter.com/thiqaagency), 27 de abril de 2022). Irã, Síria | Série de Inquérito e Análise nº 1771 - Iranização e Xiitação na Síria: Irã aperta seu controle sobre o país e aprofunda sua influência lá. 1 de julho de 2024 | Por O. Peri* <https://www.memri.org/reports/iranization-and-shiization-syria-iran-tightens-its-grip-country-and-deepens-its-influence> Data de Acesso 01/08/2024

¹⁰² Centro cultural iraniano em Deir Al-Zor distribui mochilas gratuitas para crianças (Fonte: [Iranalyoum.com](https://iranalyoum.com), 4 de janeiro de 2019)

¹⁰³ Centros de influência não militar iraniana na Síria no final de 2021 (Fonte: [Jsoor.com](https://jsoor.com), 1º de dezembro de 2021)

especialmente na língua farsi, bem como atividades para crianças e adolescentes, incluindo viagens a locais xiitas em todo o país. Eles também financiam a renovação de infraestruturas civis como hospitais, mesquitas, escolas, jardins de infância e similares, a fim de obter apoio ao Irã entre a população.



104

As atividades esportivas são outro veículo para aprofundar a influência iraniana entre as crianças. De acordo com um relatório de fevereiro de 2022 no site Orient News, elementos pró-iranianos assumiram o controle do clube de futebol Al-Fotuwa em Deir Al-Zor e prometeram às crianças admissão em seu time juvenil se elas comparecessem às atividades iranianas e xiitas na cidade.



105



105

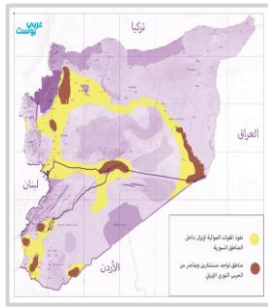
Convertendo Mesquitas Sunitas em Xiitas; Espalhando o Islã Xiita. O esforço iraniano para mudar o caráter da Síria, que é um país de maioria sunita, também se manifesta na conversão de instalações religiosas sunitas em xiitas.

Na cidade de Deir Al-Zor, onde a influência iraniana é forte, o centro cultural iraniano supostamente nomeia pessoal da mesquita e envia pregadores e imãs para cursos religiosos no Gabinete do Adido Cultural em Damasco.

A xiização da Síria também inclui a atribuição espúria da história xiita a locais no país. Por exemplo, foi relatado que as milícias apoiadas pelo Irã alegaram que alguns túmulos antigos em Deir Al-Zor são os locais de sepultamento de soldados do exército de Ali bin Abi Talib, transformando-os em um local de peregrinação e um centro para o proselitismo xiita na área.

¹⁰⁴ Iraniano, o aiatolá Ruhollah Khomeini. "Xi'ização" (Fonte: [Twitter.com/thiqanewsagency](https://twitter.com/thiqanewsagency), 30 de março de 2022).

¹⁰⁵ Atividades esportivas para crianças organizadas pelo centro cultural iraniano em Deir Al-Zor (Fonte: [Furatsy.com](https://furatsy.com), 31 de janeiro de 2024)



Zonas de influência das forças apoiadas pelo Irã na Síria (marcadas em amarelo) (Fonte:

Arabicpost.net, 8 de fevereiro de 2024)

Uma vez que as propriedades são compradas, os membros das milícias apoiadas pelo Irã, incluindo estrangeiros, são alojados nelas com suas famílias. O diário *Al-Sharq Al-Awsat*, sediado em Londres, relatou em 2022 que, desde meados de 2021, mais de 300.000 propriedades em Damasco e Rif Dimashq foram compradas dessa maneira, a maioria delas por iranianos e por membros não sírios das milícias apoiadas pelo Irã. Esta tomada iraniana de terras e imóveis sírios é por vezes facilitada pela oferta de preços elevados aos proprietários de imóveis, a fim de os tentar a vender; noutros casos, os proprietários são pressionados e até ameaçados a vender a um preço baixo. Na verdade, em mais de uma ocasião o Irã foi acusado de danificar deliberadamente edifícios na Síria para tomá-los. ...Eles também alegaram que o Irã, interessado em mudar o caráter cultural e religioso de Damasco como um todo, também havia se envolvido em incêndios que irromperam na cidade em anos anteriores. * *O. Peri é pesquisador do MEMRI.*

Anexo H - 30 de julho de 2024 -#11281 | 02:48 - Fonte: Canal 1 (Irã).

Na posse do presidente iraniano Masoud Pezeshkian, os membros do Majles cantam: 'Morte a Israel! Morte à América!'; Convidados estrangeiros, incluindo o líder do Hamas Ismail Haniyeh, aplaudem Na posse do presidente iraniano Masoud Pezeshkian em 30 de julho de 2024 no Majles iraniano, o presidente do Majles iraniano Mohammad Bagher Ghalibaf declarou que a principal preocupação do Irã é espalhar a segurança e a estabilidade na região. Seu discurso foi interrompido quando os membros do Majles gritaram: "Morte a Israel!"

"Morte a Israel! Morte a Israel!"



Ghalibaf: "Todos precisam especificar de que lado da história estão. [...]"

"Hoje, o apoio americano e a interferência injusta das potências ocidentais são os principais obstáculos para uma resolução da questão palestina, e devem ser enfrentados com uma reação de todos os países muçulmanos e amantes da liberdade."

Anexo I . Tata Kamara



Anexo J.

Têm direito ao Reagrupamento Familiar os seguintes membros da família do residente (cf. art. 99.º e 100.º da Lei de Estrangeiros):

O cônjuge; os filhos menores ou incapazes a cargo do casal ou de um dos cônjuges; os menores adotados pelo requerente quando não seja casado, pelo requerente ou pelo cônjuge, por efeito de decisão da autoridade competente do país de origem, desde que a lei desse país reconheça aos adotados direitos e deveres idênticos aos da filiação natural e que a decisão seja reconhecida por Portugal; os filhos maiores, a cargo do casal ou de um dos cônjuges, que sejam solteiros e se encontrem a estudar num estabelecimento de ensino em Portugal; os filhos maiores, a cargo do casal ou de um dos cônjuges, que sejam solteiros e se encontrem a estudar, sempre que o titular do direito ao reagrupamento tenha autorização de residência concedida ao abrigo do artigo 90.º-A; os ascendentes na linha reta e em 1.º grau do residente ou do seu cônjuge, desde que se encontrem a seu cargo; os irmãos menores, desde que se encontrem sob tutela do residente,

¹⁰⁶<https://www.memri.org/tv/hamas-leader-ismail-haniyeh-inauguration-iran-president-masoud-pezeskian-majles-death-israel-america>: Data de Acesso 01/08/2024

de harmonia com decisão proferida pela autoridade competente do país de origem e desde que essa decisão seja reconhecida por Portugal.

Anexo L. Declaração Universal Dos Direitos Humanos.

ARTIGO 1.º Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade.

ARTIGO 2.º Todos os seres humanos podem invocar os direitos e as liberdades proclamados na presente Declaração, sem distinção alguma, nomeadamente de raça, de cor, de sexo, de língua, de religião, de opinião política ou outra, de origem nacional ou social, de fortuna, de nascimento ou de qualquer outra situação. Além disso, não será feita nenhuma distinção fundada no estatuto político, jurídico ou internacional do país ou do território da naturalidade da pessoa, seja esse país ou território independente, sob tutela, autónomo ou sujeito a alguma limitação de soberania.

ARTIGO 3.º Todo o indivíduo tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.

ARTIGO 4.º Ninguém será mantido em escravatura ou em servidão; a escravatura e o trato dos escravos, sob todas as formas, são proibidos.

ARTIGO 5.º Ninguém será submetido a tortura nem a penas ou tratamentos cruéis, desumanos ou degradantes.

ARTIGO 6.º Todos os indivíduos têm direito ao reconhecimento em todos os lugares da sua personalidade jurídica.

ARTIGO 7.º Todos são iguais perante a lei e, sem distinção, têm direito a igual protecção da lei. Todos têm direito a protecção igual contra qualquer discriminação que viole a presente Declaração e contra qualquer incitamento a tal discriminação.

ARTIGO 8.º Toda a pessoa tem direito a recurso efectivo para as jurisdições nacionais competentes contra os actos que violem os direitos fundamentais reconhecidos pela Constituição ou pela lei.

ARTIGO 9.º Ninguém pode ser arbitrariamente preso, detido ou exilado.

ARTIGO 10.º Toda a pessoa tem direito, em plena igualdade, a que a sua causa seja equitativa e publicamente julgada por um tribunal independente e imparcial que decida dos seus direitos e obrigações ou das razões de qualquer acusação em matéria penal que contra ela seja deduzida.

ARTIGO 11.º 1 - Toda a pessoa acusada de um acto delituoso presume-se inocente até que a sua culpabilidade fique legalmente provada no decurso de um processo público em que todas as garantias necessárias de defesa lhe sejam

asseguradas. 2 - Ninguém será condenado por acções ou omissões que, no momento da sua prática, não constituíam acto delituoso à face do direito interno ou internacional. Do mesmo modo, não será infligida pena mais grave do que a que era aplicável no momento em que o ato delituoso foi cometido.

ARTIGO 12.º Ninguém sofrerá intromissões arbitrárias na sua vida privada, na sua família, no seu domicílio ou na sua correspondência, nem ataques à sua honra e reputação. Contra tais intromissões ou ataques toda a pessoa tem direito a protecção da lei.

ARTIGO 13.º 1 - Toda a pessoa tem o direito de livremente circular e escolher a sua residência no interior de um Estado. 2 - Toda a pessoa tem o direito de abandonar o país em que se encontra, incluindo o seu, e o direito de regressar ao seu país.

ARTIGO 14.º 1 - Toda a pessoa sujeita a perseguição tem o direito de procurar e de beneficiar de asilo em outros países. 5 2 - Este direito não pode, porém, ser invocado no caso de processo realmente existente por crime de direito comum ou por atividades contrárias aos fins e aos princípios das Nações Unidas...

Anexo M.

Foto 01. Vista aérea do muro que Israel construiu em redor do campo de refugiados palestinos de Suafat, nas imediações de Jerusalém. © Abir Sultan | European Pressphoto Agency | The New York Times.

Foto 02. Um guarda da Turquia vigia o muro de arame farpado erguido na fronteira com a Bulgária. © Niklai Doichinov | AFP | Getty Images | político.



Foto 01.



Foto 02.

Anexo O

Foto 03. Uma migrante síria e o seu bebé entram na Hungria depois de atravessar a vedação erguida na fronteira com a Sérvia, em Agosto de 2015. © Bernadett Szabo | Reuters | The Christian Science Monitor.

Foto 04. Migrantes caminham ao longo do muro que agora impede o acesso à estrada circular junto ao antigo campo de Calais que ficou conhecido como “Selva”. © Philippe Huguen | AFP | Getty Images | Newsweek.



Foto 03



Foto 04

Anexo P

Foto 05. Migrantes e refugiados da África Subsariana tentam atravessar as vedações de arame farpado que separa Marrocos do enclave espanhol de Melilla, para poderem entrar na Europa. © José Palazón | GlobalPost

Foto 06. Um gueto do povo Roma em Baia Mare, na Roménia, onde foi erguido um muro para separar as comunidades ciganas dos restantes habitantes da cidade. © András D. Hajdú e Balázs Ivándi-Szabó | bjp-online.com.



Foto 05



Foto 06